

# FICÇÕES

REVISTA DE CONTOS

*Edgar Allan Poe | Machado de Assis | Anton Tchekhov | Italo Svevo | Paul Auster  
Agustina Bessa-Luís | Jaime Rocha | Fernanda Cachão | Pedro Mexia*

*direcção Luísa Costa Gomes | edição Tinta Permanente*

ABRIL  
2000  
NÚMERO 1

# FICÇÕES

REVISTA DE CONTOS *Nº 1, Abril 2000*

# FICÇÕES

REVISTA DE CONTOS

Direcção: Luísa Costa Gomes | Edição: Tinta Permanente |  
Administração: Empresa de Palavras, Edição de Livros e Re-  
vistas, Ldª | Sede: Av. da Igreja, 9 - 3º Esq., 1700 Lisboa, Tel.  
e Fax 218 492 521 | Delegação: Av. Infante D. Henrique,  
Bloco 2 - 3º Esq., 9500-150 Ponta Delgada, Tel. 296 281 540,  
Fax 296 284 790 | Periodicidade: Semestral | Orientação  
gráfica: Jorge Silva | Distribuição: Sodilivro | Impressão: Ex-  
presso das Nove | E-mail: ficcoes@hotmail.com | Depósito  
legal: 150400/00.

# Índice

<i>Edgar Allan Poe</i> , “William Wilson”.....	5
<i>Machado de Assis</i> , “Um homem célebre”.....	31
<i>Anton Tchekhov</i> , “O beijo”.....	45
<i>Italo Svevo</i> , “O meu ócio”.....	67
<i>Paul Auster</i> , “Porquê escrever?”.....	93
<i>Agustina Bessa-Luís</i> , “O rato”.....	105
<i>Jaime Rocha</i> , “A mulher que aprendeu a chorar”.....	115
<i>Fernanda Cachão</i> , “Dois contos de mentira e um de menina”.....	129
<i>Pedro Mexia</i> , “Siena”.....	145



Edgar Allan Poe **William Wilson**

*Tradução de José Lima*

**Edgar Allan Poe**, iniciador do conto contemporâneo, nasceu em Boston, em 19 de Janeiro de 1809 e morreu em Baltimore aos quarenta anos, em delírio alcoólico. Testemunhas relatam que a cerimônia fúnebre durou cerca de três minutos. Filho de actores anódinos (a mãe era uma atriz inglesa que emigrara para a América e morria tuberculosa) Poe estava orfão aos dois anos. Separado do irmão mais velho e da irmã, foi acolhido e mais tarde adoptado pelos Allen, comerciantes de Richmond, na Virginia, com quem iniciaria uma duradoura relação de conflito e incompreensão mútua. A relação com o pai foi-se deteriorando até à ruptura, depois de Poe ser expulso da Academia Militar de West Point. Acolhido então por uma tia, Poe começa a publicar poesia. "William Wilson", que se segue a "A Queda da Casa de Usher", é contemporâneo da sua passagem pelo Burton's Magazine e foi publicado em "Histórias do Grotesco e do Arabesco" em Dezembro de 1839, com outros vinte e quatro contos. Estes mereceram-lhe um louco apreço crítico e a mesma sombria miséria em que sempre viveu com a tia "Muddy" e a mulher (e prima), Virginia. Em numerosas recensões, prefácios e toda a espécie de textos críticos e de polémica, Edgar Allan Poe foi abrindo o espaço e lançando as bases de uma reflexão sobre a "tale" (a narrativa curta, o conto), que é hoje referência teórica imprescindível.

**Que diz? Que diz a funesta CONSCIÊNCIA,  
Esse espectro no meu caminho?**  
Chamberlain, *Pharionida*

Permitam-me que, por ora, use o nome de William Wilson. A página em branco que tenho diante de mim não precisa de ser manchada com o meu nome verdadeiro. Demasiado terá já sido objecto de escárnio - de horror - de abominação para os do meu sangue. Não terão os ventos revoltados levado a sua incomparável infâmia até às mais remotas regiões do globo? Oh proscrito, de todos os proscritos o mais abandonado! - não estarás para sempre morto para este mundo? para as suas honras, para as suas flores, para as suas áureas aspirações? - e não pende uma nuvem, densa, lúgubre, ilimitada, eternamente entre as tuas esperanças e o céu?

Não faria, se pudesse, aqui e agora, o relato destes últimos anos de indizível aviltamento e de crime imperdoável. Esta época - estes últimos anos - assumiu uma desmesura inesperada na torpeza, cuja origem tenho agora como único propósito determinar. Os homens, em geral, envilecem aos poucos. No meu caso, toda a virtude tombou, num só instante, inteira como uma capa. Da perversidade relativamente trivial, fui, a passos de gigante, para além das aberrações de um Heliogábalo. Qual o acaso, o incidente singular causa de tal fatalidade, consintam que agora o diga. A Morte aproxima-se; e a sombra que a anuncia lançou sobre o meu espírito uma influência

conciliadora. Anseio, ao atravessar o vale de sombra, pela benevolência -quase dizia a piedade - dos meus semelhantes. De bom grado lhes faria crer ter sido, em certa medida, escravo de circunstâncias para além da vontade do homem. Desejaria que desvendassem por mim, nos pormenores que lhes darei, um qualquer pequeno oásis de *fatalidade* no deserto dos meus erros. Queria que reconhecessem - o que não podem deixar de reconhecer - que, tendo embora o mundo conhecido no passado tão grandes tentações, nunca antes o homem fora *assim* tentado - e nunca seguramente *assim* caíra. E será essa a razão por que nunca assim sofreu? Não terei na verdade vivido num sonho? E não estarei agora a morrer vítima do horror e do mistério da mais delirante de todas as visões sublunares?

Sou descendente de uma raça cujo temperamento imaginativo e facilmente excitável desde sempre tornara notável; e já na mais tenra infância eu dava mostras de ter herdado plenamente o carácter da minha família. À medida que avançava em idade também esse carácter se ia mais fortemente afirmando; e se tornava, por razões várias, causa de séria inquietação para os meus amigos e de real agravo para mim. Tornei-me voluntarioso, entregue aos caprichos mais desenfreados e presa das paixões mais indomáveis. De espírito fraco e atormentados por defeitos constitucionais semelhantes, os meus pais pouco podiam fazer para pôr termo às más tendências que me distinguiam. Os esforços débeis e mal orientados que empreenderam, resultaram para eles em fracasso total e, naturalmente, em completo triunfo para mim. A partir de então, a minha voz tornou-se lei em casa; e numa idade em que poucas crianças se vêem sem rédeas, fui deixado entregue ao meu livre arbítrio e tornei-me - sob todos os aspectos, excepto na forma - senhor das minhas próprias acções.

As minhas primeiras recordações da vida escolar estão associadas a uma grande casa isabelina assaz incongruente, numa aldeia nevoenta de Inglaterra, onde havia um grande número de árvores gigantescas e nodosas e onde todas as casas eram excessivamente antigas. Na verdade, era como um sonho e um lugar apaziguante, aquela venerável cidade secular. Neste momento, na minha imaginação, sinto a amenidade refres-

cante das suas avenidas densamente sombreadas, aspiro a fragrância dos seus milhares de arbustos e é ainda com indizível deleite que estremeço ao som cavo e profundo do sino, que rompe, ao soar as horas com um súbito e soturno estrondo, a quietude da atmosfera crepuscular em que o campanário gótico jazia envolto e adormecido.

Retiro, talvez, destas minuciosas recordações da escola e do que lhes está ligado, tanto prazer quanto o que agora me é permitido sentir. Mergulhado como estou na desgraça - desgraça que é, infelizmente, bem real - deve ser-me perdoado o procurar alívio, ainda que ligeiro e breve, na fraqueza destas quantas divagações dispersas. Que, além do mais, sendo profundamente triviais e mesmo ridículas em si próprias, assumem, na minha fantasia, uma importância circunstancial por estarem associadas a uma época e a um lugar onde e quando reconheço agora os primeiros e ambíguos prenúncios do destino que mais tarde haveria de me deixar mergulhado em trevas. Deixem-me pois recordar.

A casa, dizia, era velha e irregular. Os terrenos que a rodeavam eram vastos e o conjunto era cercado por um muro de tijolo alto e sólido, encimado por uma camada de argamassa e cacos de vidro. Esta muralha de verdadeira prisão constituía o limite dos nossos domínios; só três vezes por semana nos era dado passar para além dela - uma vez aos sábados à tarde, quando, acompanhados por dois contínuos, nos era permitido um breve passeio em formatura através dos campos vizinhos, e duas vezes aos domingos, quando desfilávamos do mesmo modo formal para assistirmos às orações da manhã e da tarde na única igreja da aldeia. O reitor do nosso colégio era o pastor dessa igreja. Com que profundo sentimento de admiração e perplexidade costumava observá-lo do nosso remoto banco na galeria, quando, num passo lento e solene, subia ao púlpito! Seria possível que este reverendo personagem, de semblante tão discretamente indulgente, de vestes de um brilho e pregueado sacerdotais, de cabeleira tão esmeradamente empoada, tão rígido e imenso, pudesse ser o mesmo que, há pouco, com rosto severo e de roupagens a cheirar a rapé, aplicava, de palmatória na mão, as draconianas leis académicas? Oh, paradoxo gigantesco, demasiado monstruoso para poder ter solução!

A um canto do pesado muro ameaçava um portão ainda mais pesado. Com rebites e ferrolhos de ferro, era encimado por puaas metálicas denteadas. Que impressão de profundo temor inspirava! Nunca era aberto, salvo para as três surtidas e ingressos já mencionados; então, no mínimo rangido dos gonzos potentíssimos, descobríamos uma plenitude de mistério - um mundo de matéria para considerações solenes ou para ainda mais solenes meditações.

O vasto recinto era de forma irregular, com recantos numerosos e amplos. Destes, três ou quatro dos maiores, constituíam o recreio. Era plano e coberto de uma gravilha fina e áspera. Lembro-me bem de que não havia nem árvores, nem bancos, nem nada de semelhante, no seu interior. Naturalmente, ficava nas traseiras do edifício. Na parte da frente, havia um pequeno canteiro, plantado com buxo e outros arbustos, mas na verdade só em raras ocasiões passávamos por local tão sagrado - a primeira vez que chegávamos ao colégio, na partida definitiva, ou talvez quando, respondendo à chamada de algum familiar ou amigo, tomávamos alegremente o caminho de casa para as férias de Natal ou do Verão.

Mas a casa! - que velho e singular edifício aquele! para mim, verdadeiro palácio encantado! Não tinham fim os seus recantos - as suas incompreensíveis subdivisões. Era difícil dizer com certeza, a qualquer momento que fosse, em qual dos dois andares se estava. De uma sala para outra podíamos estar certos de deparar com três ou quatro degraus a subir ou a descer. Depois as divisões laterais eram inumeráveis - inconcebíveis - com tais voltas e revoltas que as nossas ideias mais exactas em relação ao conjunto da mansão não andavam muito longe das cogitações que fazíamos acerca do infinito. Durante os cinco anos em que ali residi, nunca fui capaz de determinar com rigor em que remota localização se situava o pequeno dormitório que me estava destinado, em companhia de mais uns dezoito ou vinte alunos.

A sala de estudo era a maior da casa - e, não podia deixar de o pensar, do mundo. Era compridíssima, estreita e sinistramente baixa, com janelas góticas ogivais e um tecto de carvalho. A um canto afastado, inspirando terror, havia

**10** um recinto quadrado de metro e meio ou dois pés, que

era o *sanctum*, durante o estudo, do nosso reitor, o Reverendo Dr. Bransby. Era uma estrutura sólida, com uma porta compacta, que todos teríamos preferido morrer sob “*peine forte et dure*” a ter de a abrir na ausência do “Dominie”. Havia duas construções semelhantes noutros dois cantos, a merecer nitidamente menor reverência, mas que apesar de tudo constituíam ainda objecto de terror. Uma delas era o púlpito de “Clássicas”, a outra de “Inglês e Matemática”. Espalhados pela sala, atirados de qualquer maneira numa infinita irregularidade, viam-se inumeráveis bancos e estantes, enegrecidos, antigos e consumidos pelo tempo, desesperadamente empilhados de livros enxovalhados, e de tal modo golpeados de iniciais, nomes, figuras grotescas e outros múltiplos exercícios de canivete, que tinham inteiramente perdido o pouco da forma original que em tempos recuados lhes pudesse ter cabido. Um enorme balde de água encontrava-se a uma das extremidades da sala e na outra um relógio de dimensões prodigiosas.

Foi encerrado dentro das paredes maciças desta venerável academia que passei, ainda que isento de tédio ou pesar, os anos do terceiro lustro da minha vida. O cérebro imaginoso da infância não requer um mundo exterior rico de incidentes para estar ocupado ou se divertir; e a aparente torva monotonia do colégio estava repleta de uma excitação mais intensa do que a que mais tarde a minha juventude viria a colher da luxúria, ou os meus anos mais maduros, do crime. Devo, no entanto, acreditar que o meu desenvolvimento mental inicial tinha muito de incomum - e mesmo muito de “*outré*”. De um modo geral, os acontecimentos dos primeiros anos da existência raramente deixam nos homens, chegada a idade madura, uma impressão muito definida. Tudo se reduz a uma sombra cinzenta - uma vaga recordação, e irregular - um amálgama indistinto de brandos prazeres e sofrimentos fantasmagóricos. Comigo não se dá o mesmo. Na infância, devo ter sentido com a energia de um homem feito o que ainda hoje descubro estampado na minha memória de modo tão vívido, tão profundo e tão durável como as exergues das medalhas cartaginesas.

Se bem que, de facto - facto do ponto de vista do mundo - pouco ali havia para recordar! O despertar pela manhã, a ordem de recolher, os interrogatórios; as férias

periódicas e as excursões; o recreio, com as suas disputas, brincadeiras, intrigas - tudo, por qualquer magia mental há muito esquecida, possuía em si uma vastidão de sensações, a exaltação mais apaixonada e estimulante. *Oh, le bon temps, que ce siècle de fer!*

Na verdade, o ardor, o entusiasmo e a determinação da minha natureza, depressa fizeram de mim um personagem marcante entre os meus camaradas e, pouco a pouco, mas naturalmente, concederam-me um ascendente sobre todos quantos não fossem muito mais velhos do que eu - sobre todos, com uma exceção. Tal exceção existia na pessoa de um aluno que, muito embora não me fosse aparentado, tinha o mesmo nome e apelido que eu - uma circunstância, no fundo, pouco digna de nota, pois que, apesar da origem nobre, o meu nome era uma daquelas designações que, de tão vulgares, dir-se-ia terem-se tornado, por direito de prescrição, desde tempos imemoriais, propriedade comum da multidão. Nesta narrativa, designei-me pois como William Wilson - nome fictício não muito afastado do real. O meu homónimo era o único, de entre aqueles que na gíria do colégio constituíam o “nosso grupo”, que ousava rivalizar comigo nos estudos - nos jogos e nas disputas do recreio - recusando uma aceitação cega das minhas sentenças e a submissão à minha vontade - em suma, interferindo com os meus ditames arbitrários, em qualquer matéria que fosse. Se há na terra um despotismo supremo e sem restrições, é o despotismo de um génio precoce sobre os espíritos menos enérgicos dos seus camaradas.

A rebelião de Wilson era para mim fonte do maior embaraço; tanto mais que, a despeito da fanfarronice com que em público fazia questão de o tratar a ele e às suas pretensões, secretamente sentia temê-lo e não conseguia deixar de ver no modo como tão simplesmente se mantinha em pé de igualdade comigo uma prova da sua real superioridade, pois que só me mantinha à altura dele à custa de esforços continuados. No entanto, essa superioridade - sequer a igualdade - não era visível para ninguém, a não ser para mim; os nossos camaradas, com uma inexplicável cegueira, pareciam nem sequer suspeitar que existisse. Na verdade, a sua rivalidade, a sua re-

sistência, e especialmente a sua impertinente e obstinada interferência nos meus propósitos, tinham apenas uma intenção privada. Parecia desprovido tanto da ambição que me impelia, como da apaixonada energia de espírito que me permitia dominar. Podia ser-se levado a crer que, na sua rivalidade, apenas o movia o caprichoso desígnio de me contrariar, de me surpreender ou mortificar; se bem que por vezes não pudesse deixar de observar, com um sentimento misto de espanto, humilhação e irritação, que nas suas injúrias, insultos ou réplicas se confundia um certo tom, desajustado e obviamente indesejado, de *afeição*. Comportamento tão singular só podia dever-se, a meu ver, a uma consumada presunção, dando-se os ares vulgares do paternalismo e da complacência.

Talvez tenha sido este último traço da conduta de Wilson, conjugado com a nossa identidade de nomes e a mera casualidade de termos entrado no colégio no mesmo dia, que espalhou entre os mais velhos a ideia de que éramos irmãos. Habitualmente, não inquirim com grande rigor algo que se relacione com os mais novos. Disse já, ou devia tê-lo dito, que Wilson não era, nem no mais remoto grau, aparentado com a minha família. Mas não há dúvida de que se fôssemos irmãos teríamos sido gémeos; pois que, já depois de deixar a casa do Dr. Bransby, soube por acaso que o meu homónimo tinha nascido a 19 de Janeiro de 1813 - o que constitui uma coincidência notável, uma vez que é esse precisamente o dia do meu nascimento.

Poderá parecer estranho que, a despeito da permanente ansiedade provocada pela rivalidade com Wilson, e pelo seu intolerável espírito de contradição, não fosse levado a detestá-lo de todo. Praticamente todos os dias era certo termos uma qualquer altercação, na qual, cedendo-me publicamente a palma da vitória, conseguia arranjar maneira de me fazer sentir que era ele quem a tinha merecido; no entanto, um sentimento de orgulho da minha parte, e de verdadeira dignidade da parte dele, fizeram com que nunca fôssemos mais do que o que se costuma chamar “conhecidos”, se bem que houvesse entre nós muitos pontos de fortes semelhanças de temperamento, susceptíveis de despertar em mim um sentimento que só a nossa situação, talvez, impedia de desabrochar em amizade. É difícil, realmen-

te, definir, ou sequer descrever, os meus reais sentimentos para com ele. Formavam um amálgama matizado e heterogéneo - um pouco de petulante animosidade, que não era ainda ódio, alguma estima, mais respeito, ainda mais temor, a juntar a uma imensa e inquietante curiosidade. Para quem procurar aqui uma moral, necessário será acrescentar que Wilson e eu éramos os mais inseparáveis dos condiscípulos.

Foi sem dúvida a anómala relação existente entre nós que vasou todos os meus ataques contra ele (e muitos eram, abertos ou encapotados) no canal da chacota ou das partidas (provocando sofrimento que tinha o ar de uma mera brincadeira), em vez de uma hostilidade mais séria e determinada. Mas as minhas tentativas neste domínio nem sempre eram bem sucedidas, mesmo quando os meus planos eram o mais engenhosamente maquinados; de facto, o meu homónimo contava, como carácter, com aquela despreziosa e tranquila têmpera que, ao mesmo tempo que saboreava a acutilância das suas próprias zombarias, não revelava nenhum calcanhar de Aquiles, nunca se expondo à troça. Não conseguia encontrar senão um único ponto vulnerável, e esse, residindo numa característica pessoal, originada, talvez, por alguma doença constitucional, teria sido poupada por qualquer outro antagonista menos falho de recursos do que eu - o meu rival sofria de uma debilidade nos seus órgãos fauciais ou vocais, que o impedia de em qualquer circunstância elevar a voz *acima de um sussurro*. Nunca deixei de tirar deste seu defeito todo o fraco partido que me fosse possível.

As retaliações de Wilson eram de tipo muito variado; e havia uma forma da sua malícia que me perturbava acima de tudo. O modo como desde logo a sua sagacidade descobriu sequer que uma coisa tão insignificante me conseguia vexar, é coisa que nunca virei a saber; mas uma vez a descoberta feita, passou a usá-la repetidamente. Sempre sentira aversão pelo meu patronímico vulgar, assim como pelo nome próprio, tão comum, senão plebeu. Eram palavras que soavam como veneno aos meus ouvidos; e quando, no próprio dia da minha chegada, um segundo William Wilson apareceu igualmente no colégio,

**14** senti-me furioso com ele por ter o mesmo nome, e

duplamente desgostoso com o nome por também o usar um estranho, que iria fazer com que tivesse que o ouvir o dobro das vezes, que estaria constantemente na minha presença, e que iria fazer com que, na rotina ordinária do colégio, os seus assuntos fossem, de modo quase inevitável, devido a tão detestável coincidência, frequentemente confundidos com os meus.

O sentimento de vexame assim engendrado foi crescendo a cada incidente susceptível de revelar uma qualquer semelhança, moral ou física, entre mim e o meu rival. Não tinha então descoberto ainda o facto notável de termos a mesma idade; mas via que tínhamos a mesma altura, e apercebia-me de que éramos até singularmente semelhantes no geral da nossa compleição e traços das feições. Sentia-me também exasperado com os rumores reinantes acerca do nosso parentesco, que não parava de correr nas classes dos mais velhos. Numa palavra, nada conseguia perturbar-me mais (apesar de eu disfarçar escrupulosamente tal perturbação) do que qualquer alusão a alguma semelhança de espírito, de pessoa ou de condição existente entre ambos. Mas, na realidade, não tinha razões para crer que esta semelhança (salvo a questão do parentesco, e no caso do próprio Wilson) tivesse alguma vez constituído assunto de conversas ou que tenha sequer sido notada pelo resto dos nossos colegas. Que *ele* tinha reparado nela sob todos os ângulos e tão atentamente como eu, era evidente; mas que tivesse conseguido vislumbrar nesse facto tão rico manancial de arrelias só pode ser atribuído, como já disse, à sua mais do que normal perspicácia.

A réplica dele era uma imitação perfeita de mim próprio, tanto em palavras como nos gestos; e representava o seu papel do modo mais admirável. As minhas roupas eram de fácil imitação; e não lhe foi difícil apropriar-se do meu andar e modos em geral; mau grado o seu defeito constitucional, mesmo a minha voz não lhe escapou. Não tentou imitar os sons mais elevados que eu usava, obviamente, mas a tonalidade era idêntica; *e o seu singular sussurro tornou-se no eco da minha própria voz.*

O quanto este meu invulgar retrato (pois que não podia considerar-se propriamente uma caricatura) me exasperava é coisa que não consigo sequer descrever. Restava-me uma única consolação - é que essa imitação, aparentemente,

apenas era evidente para mim, e era eu o único a suportar os sorrisos capciosos e estranhamente sarcásticos do meu homônimo. Satisfeito por ter instilado no meu íntimo o efeito pretendido, parecia regozijar-se secretamente com a ferroada que tinha infligido, parecendo peculiarmente desdenhoso dos aplausos públicos que o sucesso de artimanhas tão engenhosas lhe poderiam facilmente ter valido. Que os nossos discípulos não se tenham apercebido do seu desígnio, não tenham visto a sua obra, e não tenham participado no seu escárnio, era para mim um mistério que não conseguia elucidar. Talvez que a evolução *gradual* da sua cópia a tornasse menos evidente; ou, mais provavelmente, talvez eu devesse a minha segurança ao ar voluntarioso do copista, que, desprezando a letra (que numa pintura é tudo quanto vê um obtuso), se dedicara a dar plenamente o espírito do original para minha única contemplação e pesar.

Já mais do que uma vez me referi ao odioso ar protector que ele assumia em relação a mim e à importuna solicitude com que interferia na minha vontade. Tais interferências tomavam muitas vezes o ar condescendente de conselhos; conselhos esses que não eram dados abertamente, mas sugeridos ou insinuados. Recebia-os com uma repugnância que se foi tornando mais forte à medida que eu crescia. Seja-me permitido no entanto, passado que é tanto tempo, fazer-lhe a simples justiça de reconhecer que não me ocorre nenhuma ocasião em que as sugestões do meu rival sofressem dos erros ou estouvamento tão usuais na sua idade imatura e aparente inexperiência; que o seu sentido ético, pelo menos, se não os seus talentos e o seu conhecimento do mundo, eram de longe mais agudos do que os meus; e que poderia ser hoje um homem melhor, e portanto mais feliz, se tivesse rejeitado menos vezes os conselhos que me prodigalizava no seu modo sussurrado, e que eu então me limitava a cordialmente detestar e desprezar com azedume.

Fui-me tornando deste modo acintoso em extremo sob a sua vigilância odiosa e detestando cada vez mais abertamente aquilo que considerava a sua arrogância intolerável. Disse antes que, nos primeiros anos do nosso relacionamento como camaradas, os meus sentimentos para com ele poderiam

facilmente ter amadurecido em amizade; mas, nos últimos anos da minha estada no colégio, apesar de a impertinência dos seus modos habituais ter, de certo modo, indubitavelmente diminuído, os meus sentimentos, numa proporção quase similar, foram ficando muito próximos do puro ódio. Houve um momento em que ele se apercebeu disso, acho eu, e desde então passou a evitar-me ou a fazer menção de me evitar.

Foi aproximadamente por essa altura, se bem me lembro que, numa violenta altercação que tivemos, em que ele foi levado a baixar a guarda mais do que era costume, e falava e agia com uma espontaneidade assaz estranha à sua natureza, descobri, ou imaginei, no seu sotaque, no seu ar, na sua aparência geral, uma coisa qualquer que começou por me fazer estremecer e depois me interessou profundamente, ao acordar no meu espírito uma ténue visão da minha tenra infância - estranhas, confusas e tumultuosas memórias de uma época em que a minha própria memória não nascera ainda. Não consigo descrever melhor a sensação que me oprimia senão dizendo que me era difícil afastar a ideia de ter já conhecido o ser que tinha diante de mim, noutra época, muito tempo antes - num qualquer ponto do passado, ainda que extremamente remoto. Esta ilusão, contudo, desvaneceu-se tão prontamente como surgira; e se agora sequer a refiro é apenas para assinalar o dia em que pela última vez falei com o meu singular homónimo.

O velho casarão enorme, com as suas incontáveis divisões, possuía várias câmaras imensas que comunicavam entre si, onde dormia a maior parte dos estudantes. Havia porém (como necessariamente teria de acontecer num edifício tão desastradamente concebido) uma imensidão de escaninhos e recessos, nos cantos e recantos da estrutura; e também esses, graças ao engenho económico do Dr. Bransby, se tinham transformado em dormitórios; não sendo maiores do que um simples cubículo, apenas podiam acomodar uma pessoa. Um desses ínfimos quartos era ocupado por Wilson.

Certa noite, pelos finais do meu quinto ano no colégio, e imediatamente após a referida altercação, vendo que todos tinham já mergulhado no sono, ergui-me da cama e, de candeeiro na mão, esgurei-me através de um sem-fim

de estreitos corredores, do meu quarto até ao do meu rival. Há muito que tramava contra ele uma partida de mau gosto, do género daquelas que até então tinha falhado regularmente. Era minha intenção, dessa vez, pôr o meu plano em execução para lhe fazer ver até onde podia chegar a perversidade que me possuía. Tendo atingido o cubículo dele, entrei sem fazer ruído, deixando o candeeiro, com uma protecção a cobri-lo, fora da porta. Avancei um passo e pus-me à escuta da sua respiração tranquila. Tendo-me assegurado de que dormia, voltei atrás, peguei no candeeiro, e aproximei-me da cama. Estava protegida por cortinas corridas, que eu, prosseguindo o meu plano, afastei lenta e silenciosamente, fazendo com que o brilho da luz incidisse vividamente sobre o meu rival adormecido, e os meus olhos detiveram-se nas suas feições. Fixei-o - e um torpor, uma sensação gélida penetrou todo o meu corpo. O meu peito arfava, os joelhos tremiam, toda a minha alma foi possuída por um horror sem nome e intolerável. Arquejante, baixei a lâmpada ainda para mais perto do seu rosto. Seriam aqueles - *aqueles* os traços de William Wilson? Via, realmente, que eram os dele, mas tremia, como que tomado de zêzões, ao imaginar que não o eram. Que *havia* neles então capaz de me confundir a este ponto? Observei-o - enquanto no meu cérebro girava uma multiplicidade de pensamentos incoerentes. Não era aquele o aspecto dele - não, de certeza - quando o via na vivacidade das horas em que estava acordado. O mesmo nome! Os mesmos traços! O mesmo dia de chegada ao colégio! E depois a sua teimosa e despropositada imitação do meu andar, da minha voz, das minhas roupas e dos meus modos! Seria, na verdade, humanamente possível, que *aquilo que eu agora via* fosse o mero resultado da prática habitual de tal sarcástica imitação? Apavorado e tomado de calafrios, apaguei o candeeiro, saí silenciosamente do aposento e afastei-me sem tardar do velho colégio, para nunca mais lá voltar.

Após um lapso de alguns meses, passados em casa em total ociosidade, dei por mim como estudante em Eton. Aquele breve intervalo tinha sido suficiente para atenuar a recordação dos acontecimentos do colégio do Dr. Bransby, ou pelo menos para operar uma mudança sensível na natureza

dos sentimentos com que os recordava. A verdade - a tragédia - do drama deixara de existir. Encontrava agora razões para duvidar do testemunho dos meus sentidos; e nas raras ocasiões em que o assunto me acudia, era para me espantar com a extensão da credulidade humana, sorrindo ao perceber a força prodigiosa da imaginação que tinha herdado. Também o género de vida que levava em Eton em nada contribuía para diminuir esta espécie de cepticismo. O vórtice de loucura em que aí imediata e insensatamente mergulhei varreu tudo que não fosse mera espuma das horas passadas, engoliu imediatamente qualquer impressão mais sólida ou consistente, deixando-me na memória nada mais que as maiores leviandades da minha antiga existência.

Não é porém minha intenção traçar o curso dos meus miseráveis desregramentos aqui - desregramentos esses que eram um desafio a todas as leis, ao mesmo tempo que iludiam a vigilância da instituição. Três anos de loucura eram passados sem nenhum proveito, e que não me deram mais que enraizados hábitos de vício e, em medida um tanto anormal, uma reputação maior, quando, depois de uma semana de dissipação desenfreada, convidei um pequeno grupo dos estudantes mais dissolutos para uma pândega secreta nos meus aposentos. Encontrámo-nos a uma hora tardia da noite, pois que a nossa libertinagem prolongava-se religiosamente até de manhã. O vinho corria livremente e não havia falta de outras e talvez mais perigosas seduções; de tal modo que ao surgir no oriente o dealbar da madrugada o nosso extravagante delírio estava no auge. Loucamente inflamado pelo jogo e a embriaguês, quando insistia ainda num brinde que ia além da costumeira blasfémia, a minha atenção foi subitamente distraída pelo violento ruído de uma porta a abrir-se, ainda que parcialmente, e pela voz alterada de um criado. Comunicou-me que estava na entrada uma pessoa, aparentemente muito apressada, que me queria falar.

Desvairadamente excitado pelo vinho, a inesperada interrupção causou-me mais agrado do que surpresa. De imediato, avancei vacilante e em poucos passos vi-me no vestíbulo do edifício. Nesta divisão baixa e pequena não havia nenhuma lâmpada; e não havia nenhuma outra luz que não fosse a do débil alvorecer que atravessava a janela semicir-

cular. Assim que pus o pé no limiar, avistei a figura de um jovem aproximadamente da minha altura, envergando um roupão de cachemira branca, com o corte da última moda em tudo igual ao que eu próprio vestia nesse momento. Isto era o que àquela pálida luz conseguia ver; mas os traços do seu rosto não os pude distinguir. Mal entrei, precipitou-se para mim e, agarrando-me o braço com um movimento imperativo de impaciência, sussurrou as palavras “William Wilson” ao meu ouvido.

Fiquei perfeitamente sóbrio num instante.

Havia qualquer coisa nos modos daquele desconhecido e na trémula agitação do seu dedo apontado, que ele erguia entre os meus olhos e a luz, que me enchia de um assombro sem medida; mas não foi ainda isso que tão violentamente me emocionou. Foi a gravidade da advertência contida naquela expressão singular, em voz baixa, sibilada; e, sobretudo, foi o carácter, o tom, a *chave*, daquelas simples e familiares, e sobretudo *sussurradas* sílabas, que vieram com milhares de lembranças de tempos passados, e se abateram sobre a minha alma, como a descarga de uma bateria galvânica. Antes de poder recuperar o meu sangue frio, já ele tinha desaparecido.

Embora não tenha deixado de provocar um vívido efeito sobre a minha imaginação transtornada, o incidente, ainda que marcante, foi-se desvanecendo. Durante algumas semanas, na verdade, ora me ocupava nos estudos mais sérios, ora me deixava envolver num véu de mórbida especulação. Não me esforçava por iludir a minha percepção da identidade do indivíduo singular que tão perseverantemente se imiscuía na minha vida e me assediava com os seus conselhos insinuados. Mas quem era, o que era, este Wilson? E de onde surgia ele? E que propósitos tinha? Nenhuma destas questões encontrava em mim resposta satisfatória - limitei-me a apurar, no que a ele concernia, que um inesperado contratempo familiar lhe tinha imposto o abandono do colégio do Dr. Bransby na tarde do mesmo dia em que eu próprio me tinha escapado. Mas não demorei muito a deixar de pensar no caso, tendo a atenção inteiramente dedicada à minha projectada ida para Oxford. Uma vez aí, e graças à pródi-

20      ga vaidade dos meus pais, dispensando-me meios e uma renda anual que me permitiam entregar-me impensa-

damente ao luxo já tão caro ao meu coração, pude rivalizar nos maiores esbanjamentos com os mais faustosos herdeiros dos mais ricos condados da Grã-Bretanha.

Aturdido com tais meios para o vício, o meu temperamento natural eclodiu com redobrado ardor, sacrificando mesmo os mais comuns entraves da decência à louca fatuidade dos meus prazeres. Mas seria absurdo deter-me nos pormenores das minhas extravagâncias. Bastará dizer que, entre os perdulários, fui mais Herodes que Herodes, dando nome a uma infinidade de novas loucuras, acrescentei um não curto apêndice ao longo catálogo dos vícios então usuais na mais dissoluta das universidades da Europa.

Difícilmente se poderá crer, porém, que tenha, mesmo aqui, tão radicalmente abandonado o meu estado de cavalheiro, a ponto de buscar familiarizar-me com as manhas mais abjectas dos jogadores profissionais e que, tendo-me tornado um adepto desta arte desprezível, a tenha passado a praticar como meio de aumentar a minha já enorme fortuna, a expensas dos meus discípulos mais inexperientes. E no entanto era isso que sucedia. E a própria enormidade deste atentado a todos os sentimentos de dignidade e de honra revelavam, sem dúvida, a principal se não a única razão da impunidade das minhas acções. Quem, na verdade, de entre os meus camaradas mais depravados, não teria preferido duvidar do mais claro testemunho dos seus sentidos a suspeitar de tais feitos o alegre, o franco e generoso William Wilson - o mais nobre e liberal dos estudantes de Oxford - aquele cujas loucuras (diziam os seus parasitas) não eram mais do que loucuras da juventude e de uma fantasia desenfreada - cujos erros não eram mais do que caprichos inimitáveis - cujos vícios mais vis não eram mais do que descuidosa e viva extravagância?

Decorridos que eram dois anos proveitosamente ocupados desta maneira, chegou à universidade um jovem nobre *parvenu*, chamado Glendinning - rico, ao que se dizia, como Herodes Atticus - de uma riqueza igualmente adquirida de modo fácil. Depressa me apercebi do seu fraco intelecto e, obviamente, marquei-o como uma boa presa para as minhas manias. Induzia-o frequentemente a jogar, permitindo-

lhe, graças às costumadas manhas de jogador, ganhar somas consideráveis, para mais fatalmente o enredar nas minhas malhas. Uma vez o plano amadurecido, encontrei-me com ele (plena-mente decidido a que este encontro fosse final e decisivo) nos aposentos de um dos nossos camaradas (o senhor Preston), íntimo de ambos, mas que, justiça lhe seja feita, não tinha a mínima suspeita do meu desígnio. Para que tudo surgisse sob a melhor aparência, tinha-me aplicado a reunir um grupo de umas oito ou dez pessoas e dispensei os maiores cuidados a que o aparecimento das cartas pudesse parecer casual e surgisse de uma proposta da minha própria vítima. Para abreviar assunto tão vil, não foi descuidada nenhuma das baixas artimanhas, que, de tão usuais em ocasiões destas, nos deixam estupefactos que possa ainda existir gente tão tola que assim se deixe ludibriar.

Tínhamos prolongado o serão até altas horas da noite, tendo eu acabado por manobrar de modo a ver-me com Glendinning como único antagonista. O jogo era o *écarté*, também o meu favorito. Todos os demais, atraídos pela exorbitância do nosso jogo, tinham abandonado as suas partidas e rodeavam-nos como espectadores. O *parvenu*, que tinha sido induzido pelos meus artifícios durante a primeira parte do serão a beber exuberantemente, dava, partia e jogava agora as cartas com modos estranhamente nervosos, que a sua embriaguês, pensava eu, podia explicar em parte, mas não completamente. Num curto lapso de tempo tinha-se já tornado meu devedor de uma larga soma, quando, depois de um longo sorvo de vinho do Porto, fez precisamente aquilo que eu tinha friamente previsto - propôs dobrar a nossa já extravagante parada. Com bem fingida relutância, e não sem que a minha repetida recusa lhe tenha valido algumas palavras ácidas que deram um ar um tanto melindrado à minha cedência, acabei por assentir. O resultado, obviamente, mais não fez do que revelar como a presa estava inteiramente enredada nos meus ardis: em menos de uma hora tinha quadruplicado a dívida. O rosto foi perdendo o tom rosado que o vinho lhe emprestara; mas agora, para minha estupefacção, apercebi-me de que tinha atingido uma palidez verdadeiramente assustadora. Repito: para minha estupefacção. Glendinning tinha aparecido às minhas diligentes inquirições

como incomensuravelmente rico; e as somas que até aí tinha perdido, ainda que consideráveis, não podiam, supunha eu, molestá-lo seriamente e muito menos affectá-lo de modo tão violento. A ideia que mais naturalmente se impôs foi a de que o vinho que acabara de beber o tinha abatido; e, levado pela intenção de preservar a ideia do meu carácter aos olhos dos meus colegas, mais do que por qualquer motivo desinteressado, estava prestes a insistir, peremptoriamente, na interrupção da partida, quando algumas palavras pronunciadas a meu lado pelos circunstantes, e uma exclamação de Glendinning denotando o mais fundo desespero, me deu a entender que tinha causado a sua total ruína em circunstâncias tais que, tornando-o objecto de piedade para todos, deviam tê-lo protegido dos maus officios mesmo de um inimigo.

Qual pudesse ser então a minha conduta, difficil é dizê-lo. A deplorável condição da minha vítima tinha semeado em meu redor um ar de sombrio embaraço; e, por instantes, pairou um silêncio profundo, durante o qual, mau grado meu, senti as faces a arder sob os olhares inflamados de desprezo e censura que os menos endurecidos do grupo me lançavam. Devo mesmo confessar que por breves instantes senti aliviar-se o intolerável peso daquela ansiedade com a súbita e extraordinária interrupção que se seguiu. Os batentes das pesadas portas da câmara foram, de um só golpe, repentinamente escancarados, com um ímpeto vigoroso e arrebatado que apagou, como por obra de magia, todas as velas da sala. Apenas essa derradeira luz, ao apagar-se, nos permitiu perceber que tinha acabado de entrar um estranho, de estatura semelhante à minha, completamente envolto numa capa. A escuridão, contudo, era agora total; e apenas *sentíamos* que ele estava no meio de nós. Antes que alguém pudesse voltar a si do extremo assombro em que esta irrupção nos tinha mergulhado, ouviu-se a voz do intruso.

- Cavalheiros - disse ele, num distinto, grave e nunca esquecido *sussurro* que me deixou arrepiado até aos ossos. - Cavalheiros, peço que considerem a minha conduta escusável, pois que ao conduzir-me deste modo estou a cumprir um dever. Nenhum dos senhores estará, não duvido, a par do verdadeiro carácter da pessoa que hoje ganhou ao *écar-*

té uma larga soma de dinheiro a Lord Glendinning. Vou pois proporcionar-vos um meio expedito e decisivo para obter tão necessário esclarecimento. Peço-vos que examinem cuidadosamente a dobra interior do punho da manga esquerda dele, assim como os vários pequenos maços que possam encontrar-se nos bolsos algo amplos do seu roupão bordado.

Enquanto ele falava, o silêncio era tal que se poderia ouvir cair um alfinete. Ao terminar, saiu imediatamente, de modo tão abrupto como tinha entrado. Será que poderei - que deverei descrever as minhas emoções? Deverei dizer que senti todos os horrores dos condenados? A verdade é que foi pouco o tempo que me foi deixado para reflectir. Fui rudemente agarrado por várias mãos que de rompante se estenderam para mim, enquanto outros providenciavam as luzes. E seguiu-se a busca. No forro da manga foram encontrar todas as figuras das cartas essenciais no *écarté*, e nos bolsos do meu roupão um certo número de baralhos em tudo semelhantes aos que eram usados no serão, com a única ressalva de que as cartas dos meus eram do tipo a que, na gíria técnica, chamavam *arrondées*; as cartas mais altas são ligeiramente convexas nos cantos e as cartas mais baixas ligeiramente convexas nos lados. Graças a esta manha, o ingénuo que ao cortar o baralho pega nele, como é habitual, no sentido do comprimento, fá-lo invariavelmente deixando ao antagonista uma das cartas altas; ao passo que o batoteiro, cortando o baralho no sentido da largura, não deixará à vítima nada que lhe dê alguma vantagem no jogo.

Uma qualquer explosão de indignação a seguir a tal descoberta, ter-me-ia afectado menos do que o silencioso desdém, ou a compostura sarcástica, com que foi recebida.

- Senhor Wilson - disse o nosso anfitrião, baixando-se para levantar uma sumptuosa capa de peles raras - Senhor Wilson, isto pertence-lhe. (O tempo estava frio; e, ao sair do meu quarto, tinha enfiado uma capa sobre o roupão, despindo-a ao entrar no palco do jogo). - Suponho ser supérfluo procurar aqui - prosseguiu olhando as dobras da indumentária com um sorriso mordaz - outras provas das suas habilidades. Na verdade, já nos basta o que temos. Espero que compreenda a necessidade de sair de

Oxford - em todo o caso de sair imediatamente dos meus aposentos.

Humilhado, rebaixado até à lama como então estava, é provável que reagisse a linguagem tão ofensiva com alguma atitude violenta, não fora o facto de toda a minha atenção ter sido momentaneamente captada por algo do mais assombroso carácter. A capa que eu trouxera era de uma rara espécie de pele; de tal modo rara e de preço tão extravagante, que nem ousa dizê-lo. O corte, também, era da minha própria imaginação fantasista, pois que em questões de frivolidade, a minha esquisitice raiava o pedantismo. Quando Preston me estendeu o que tinha erguido do chão, junto à porta do aposento, foi com um assombro muito próximo do terror que me apercebi de já ter a minha no braço (onde sem dúvida mecanicamente a colocara) e da qual aquela que me estendiam era a réplica exacta em todos, mesmo nos mais insignificantes, pormenores. O ser singular que tão desastrosamente me tinha denunciado, apresentara-se, lembro-me, envolto numa capa; e mais nenhum dos presentes, excepto eu próprio, trouxera vestido algo semelhante. Conservando alguma presença de espírito, peguei na capa que Preston me oferecia; vesti-a, sem que dessem por isso, por cima da minha e saí do aposento com um resolutivo ar de desafio. Na manhã seguinte, antes do raiar do dia, escapei-me de Oxford numa precipitada viagem para o continente, mergulhado numa agonia de horror e vergonha.

*Fugia em vão.* O meu destino amaldiçoado perseguia-me como que exultante, provando-me, na verdade, que o seu misterioso domínio tinha apenas começado. Mal tinha posto pé em Paris, logo me foi dada uma renovada prova do detestável interesse que este Wilson me dedicava. Correram os anos, sem que me fossem dadas tréguas. Maldito! Em Roma, com que inoportuna, e no entanto com que espectral solicitude, se interpôs entre mim e a minha ambição! E também em Viena! E em Berlim! E em Moscovo! Onde, afinal, não teria eu razões amargas para intimamente o amaldiçoar? Fui sempre fugindo à sua imperscrutável tirania, tomado de pânico, como diante da peste; e, para os confins do mundo, *foi em vão que fugi.*

Uma vez e outra, em secreta comunhão com a minha alma, me punha as mesmas questões: “Quem é ele? De onde surgiu? Que propósitos são os seus?”. Mas conti-

nuava sem resposta. Analisava então, minuciosamente, as formas, os métodos e os traços marcantes da sua impertinente vigilância. Mas mesmo aí muito pouco havia que pudesse servir de base a qualquer conjectura. De facto, era perceptível que de todas as vezes que se tinha atravessado no meu caminho, apenas o fizera para frustrar os planos, ou gorar as acções que, uma vez levados a cabo, teriam resultado em acerba maldade. Pobre justificação essa, na verdade, para autoridade tão imperiosamente assumida! Pobre compensação pelos direitos ao livre arbítrio, tão pertinazmente, tão insolentemente negados!

Fora igualmente forçado a reparar que o meu perseguidor, havia já um longo período de tempo (ao mesmo tempo que se applicava com um escrúpulo e habilidade miraculosos a imitar caprichosamente a minha aparência), agia de tal forma, na sua variada actividade de se opor aos meus desígnios, que nunca lhe vi, nem por instantes, os traços do rosto. O que quer que esse Wilson fosse, *isto*, pelo menos, era o cúmulo da dissimulação, ou da loucura. Será que ele, por instantes que fosse, poderá ter suposto que no meu admoestador de Eton - no destruidor da minha honra em Oxford -, naquele que frustrara as minhas ambições em Roma, a minha vingança em Paris, o meu amor apaixonado em Nápoles, ou o que ele erradamente considerou ser a minha cupidez no Egipto, - que nisto, meu arqui-inimigo e génio mau, eu poderia deixar de reconhecer aquele William Wilson dos meus tempos de estudante - o homónimo, o camarada, o rival -, o odiado e temido rival do colégio do Dr. Bransby? Impossível! Mas deixem-me apressar a contar a derradeira e agitada cena deste drama.

Até então, sempre cedera submissamente ao seu imperioso domínio. O sentimento de profundo temor com que habitualmente o carácter elevado, a austera prudência, a aparente omnipresença e omnipotência de Wilson, associados a uma sensação de invariável terror, que alguns outros traços da sua natureza e presunções me inspiravam, tinham conseguido imprimir em mim, até então, a ideia da minha profunda fraqueza e impotência, sugerindo-me uma implícita, ainda que amargamente re-

lutante, submissão ao arbítrio da sua vontade. Mas, nos

cool, esta maléfica influência sobre a minha índole hereditária tornara-me cada vez mais rebelde a qualquer comando. Comecei a recalcitrar - a hesitar -, a resistir. Seria apenas a minha imaginação que me levou a crer que, ao aumentar a minha própria firmeza, a do meu algoz sofria uma diminuição proporcional? Fosse como fosse, começava agora a sentir a inspiração de uma esperança ardente e acabei por alimentar no mais íntimo dos meus pensamentos uma inflexível e desesperada resolução de não mais me deixar escravizar.

Foi em Roma, durante o Carnaval de 18 -, quando me encontrava num baile de máscaras no palácio do napolitano duque Di Broglio. Tinha-me abandonado mais do que o costume aos excessos do vinho; e agora a atmosfera sufocante dos salões apinhados provocava em mim uma irritação para além do suportável. A dificuldade em abrir caminho por entre a confusão de tal formigueiro contribuía também em grande medida para exasperar o meu humor, pois que buscava ansiosamente (e permitam-me que não diga com que indecoroso desígnio) a jovem, a alegre, a bela esposa do idoso e senil Di Broglio. Com uma confiança excessivamente inconsciente tinha-me confiado o segredo do disfarce que usaria durante o baile e agora, tendo-a avistado ao longe, apressava-me a abrir caminho até junto dela. Nesse preciso momento senti uma mão tocar delicadamente no meu ombro e ouvi aquele inesquecível, maldito, *sussurro* nos meus ouvidos.

Num frenético movimento de fúria, voltei-me para ver quem assim me interrompia e agarrei-o violentamente pela gola. Vestia, como já imaginava, um disfarce em tudo igual ao meu: uma capa espanhola de veludo azul e cingia-o um cinto carmesim de onde pendia um florete. Uma máscara de seda preta cobria-lhe a face inteiramente.

- Canalha! - gritei, numa voz rouca de raiva, e cada sílaba que pronunciava parecia acender ainda mais a minha fúria - Canalha! Impostor! Maldito celerado! Nunca mais - *nunca mais* me hás-de assediar até à morte! Segue-me, se não queres que te trespasse aqui mesmo! - e abri caminho pela sala de baile até uma pequena antecâmara adjacente, arrastando-o, sem que me resistisse, atrás de mim.

Mal aí entrei, afastei-o de mim com um empurrão. Vacilou, indo contra a parede, enquanto eu fechava a porta com uma praga e lhe ordenava que desembainhasse a espada. Hesitou um breve instante; depois, com um ligeiro suspiro, retirou a espada da bainha e pôs-se em guarda.

A luta foi verdadeiramente breve. Eu estava frenético, possuído de uma agitação selvagem e sentia num único braço a energia e o poder de uma multidão. Em poucos segundos, pelo mero vigor com que o acometi, encostei-o ao muro apainelado e aí, mantendo-o à minha mercê, mergulhei com brutal ferocidade a minha espada, repetidamente, uma e outra vez, no seu peito.

Nesse momento alguém tentou abrir o trinco da porta. Apressei-me a impedir a intrusão, voltando-me logo de seguida para o meu antagonista moribundo. Mas que linguagem humana poderia adequadamente retratar um *tal* assombro, um *tal* horror como o que de mim se apoderou face ao espectáculo que tinha diante dos olhos? O breve momento em que afastara o olhar tinha sido o suficiente para produzir, aparentemente, uma alteração substancial na disposição da parte superior ou mais afastada da sala. Um espelho de grandes dimensões - pelo menos a princípio assim me pareceu, na minha confusão - erguia-se agora onde antes nada tinha avistado; e assim que avancei para ele num extremo de terror, a minha própria imagem, mas com as feições lívidas e banhadas de sangue, avançava ao meu encontro num passo fraco e vacilante.

Assim me pareceu, dizia, mas não era assim. Era o meu antagonista - era Wilson, quem assim surgia diante de mim nas agonias da dissolução. A máscara e a capa jaziam, onde as deixara tombar, no chão. Nem uma costura em todo o seu traje - nem um linha nos traços marcados e singulares das suas feições que não fossem, mesmo na mais absoluta identidade, *os meus!*

Era Wilson; mas já não falava num sussurro e poderia ser levado a pensar que era eu próprio quem falava quando disse:

*- Venceste, e eu rendo-me. Mas também tu doravante estarás morto - morto para o Mundo, para o Céu, para a Esperança! Era em mim que existias - e, na minha*

morte, vê por esta imagem, que é a tua, quão inteiramente a ti próprio te mataste.

in *"The Complete Tales of Edgar Allan Poe"*, Penguin, 1982 (de acordo com a edição da Random House, 1938).

### *Notas do tradutor*

Tentei seguir Poe o mais possível de perto, quer na escolha do nível de linguagem, quer na sintaxe e na pontuação muito particulares. Com a mesma preocupação, mantive em francês algumas palavras e expressões assim utilizadas pelo autor, que de certo modo se poderão considerar "marcas da época". Em quase todos os casos, o contexto indicará certamente o sentido de tais expressões; no entanto, para os leitores mais curiosos ou rigorosos, apresento seguidamente uma breve explicação desses termos ou expressões:

"Peine forte et dure" - Contrariamente ao que se poderia pensar, trata-se de uma expressão usada (em francês) no direito inglês medieval (Estatuto de Westminster, 1275). A "peine forte et dure" (pena forte e dura, literalmente) era o castigo imposto aos acusados de um crime que se mantivessem em silêncio durante o julgamento, normalmente consistindo na prisão sem alimentos até se decidirem a falar.

"Outré" - literalmente, significa: exagerado, excessivo, extremo, que passa além dos limites.

"Exergue" - em português, "exergo", espaço que nas moedas ou medalhas antigas se reservava para gravar inscrições; por extensão: as próprias inscrições.

"Oh, le bon temps, que se siècle de fer!" - provavelmente citação de algum poeta da época. "Ah, bons tempos, os desse século de ferro!"

"Écarté" - de "écarter", afastar, recusar. Jogo de cartas em que cada jogador pode, se o adversário lho conceder, recusar as cartas que não lhe convêm, substituindo-as por outras diferentes.

"Parvenu" - pessoa que subiu de posição social, mas que não possui as maneiras, o tom, a educação correspondentes. Aproximadamente, "novo rico".



Machado de Assis **Um homem célebre**

**Machado de Assis** (1839-1908) é um nome central da literatura brasileira. Nasceu no Rio de Janeiro, onde aliás viveria toda a sua vida. Perfeita encarnação do típico homem de letras oitocentista, escreveu ficção, poesia, teatro, ensaio, exerceu a crítica literária e teatral, e fundou a Academia Brasileira de Letras, de que seria o primeiro presidente. Os seus romances da fase da maturidade são obras de uma aguda actualidade, que surpreendem ainda pela novidade dos processos de escrita e pela feição trágica do seu singular humorismo. Autor de mais de duas centenas de contos, Machado de Assis é um dos maiores cultivadores do género em língua portuguesa. "Um Homem Célebre", que integra uma das suas melhores colectâneas de contos, "Várias Histórias" (1896), nunca foi editado em Portugal.

- Ah! O senhor é que é o Pestana? Perguntou Sinhazinha Mota, fazendo um largo gesto admirativo. E logo depois, corrigindo a familiaridade: - Desculpe meu modo, mas... é mesmo o senhor?

Vexado, aborrecido, Pestana respondeu que sim, que era ele. Vinha do piano, enxugando a testa com o lenço, e ia a chegar à janela, quando a moça o fez parar. Não era baile; apenas um sarau íntimo, pouca gente, vinte pessoas ao todo, que tinham ido jantar com a viúva Camargo, Rua do Areal, naquele dia dos anos dela, cinco de Novembro de 1875...

Boa e patusca viúva! Amava o riso e a folga, apesar dos sessenta anos em que entrava, e foi a última vez que folgou e riu, pois faleceu nos primeiros dias de 1876. Boa e patusca viúva! Com que alma e diligência arranjou ali umas danças, logo depois do jantar, pedindo ao Pestana que tocasse uma quadrilha! Nem foi preciso acabar o pedido; Pestana curvou-se gentilmente, e correu ao piano. Finda a quadrilha, mal teriam descansado uns dez minutos, a viúva correu novamente ao Pestana para um obséquio mui particular.

- Diga, minha senhora.

- É que nos toque agora aquela sua polca *Não bula comigo, nhonhô*.

Pestana fez uma careta, mas dissimulou depressa, inclinou-se calado, sem gentileza, e foi para o piano, sem entusiasmo. Ouvidos os primeiros compassos, derramou-se pela sala uma alegria nova, os cavalheiros correram às damas, e os pares entraram a saracotear a polca da moda. Da moda; tinha sido publicada vinte dias antes, e já não havia recanto na cidade em que não fosse conhecida. Ia chegando à consagração do assobio e da cantarola nocturna.

Sinhazinha Mota estava longe de supor que aquele Pestana que ela vira à mesa de jantar e depois ao piano, metido numa sobrecasaca cor de rapé, cabelo negro, longo e cacheado, olhos cuidadosos, queixo rapado, era o mesmo Pestana compositor; foi uma amiga que lho disse quando o viu vir do piano, acabada a polca. Daí a pergunta admirativa. Vimos que ele respondeu aborrecido e vexado. Nem assim as duas moças lhe pouparam finezas, tais e tantas, que a mais modesta vaidade se contentaria de as ouvir; ele recebeu-as cada vez mais enfadado, até que, alegando dor de cabeça, pediu licença para sair. Nem elas, nem a dona da casa, ninguém logrou retê-lo. Ofereceram-lhe remédios caseiros, algum repouso, não aceitou nada, teimou em sair e saiu.

Rua fora, caminhou depressa, com medo de que ainda o chamassem; só afrouxou, depois que dobrou a esquina da Rua Formosa. Mas aí mesmo esperava-o a sua grande polca festiva. De uma casa modesta, à direita, a poucos metros de distância, saíam as notas da composição do dia, sopradas em clarineta. Dançava-se. Pestana parou alguns instantes, pensou em arrepiar caminho, mas dispôs-se a andar, estugou o passo, atravessou a rua, e seguiu pelo lado oposto ao da casa do baile. As notas foram-se perdendo, ao longe, e o nosso homem entrou na Rua do Aterrado, onde morava. Já perto de casa viu vir dois

homens; um deles, passando rentezinho com o Pestana, começou a assobiar a mesma polca, rijamente, com brio, e o outro pegou a tempo na música, e aí foram os dois abaixo, ruidosos e alegres, enquanto o autor da peça, desesperado, corria a meter-se em casa.

Em casa, respirou. Casa velha, escada velha, um preto velho que o servia, e que veio saber se ele queria cear.

- Não quero nada, bradou o Pestana; faça-me café e vá dormir.

Despiu-se, enfiou uma camisola, e foi para a sala dos fundos. Quando o preto acendeu o gás da sala, Pestana sorriu e, dentro d'alma, cumprimentou uns dez retratos que pendiam da parede. Um só era a óleo, o de um padre, que o educara, que lhe ensinara latim e música, e que, segundo os ociosos, era o próprio pai do Pestana. Certo é que lhe deixou em herança aquela casa velha, e os velhos trastes, ainda do tempo de Pedro I. Compusera alguns motetes o padre, era doudo por música, sacra ou profana, cujo gosto incutiu no moço, ou também lhe transmitiu no sangue, se é que tinham razão as bocas vadias, cousa de que se não ocupa a minha história, como ides ver.

Os demais retratos eram de compositores clássicos, Cimarosa, Mozart, Beethoven, Gluck, Bach, Schumann, e ainda uns três, alguns gravados, outros litografados, todos mal encaixilhados e de diferente tamanho, mas postos ali como santos de uma igreja. O piano era o altar; o evangelho da noite lá estava aberto: era uma sonata de Beethoven.

Veio o café; Pestana engoliu a primeira xícara, e sentou-se ao piano. Olhou para o retrato de Beethoven, e começou a executar a sonata, sem saber de si, desvairado ou absorto, mas com grande perfeição. Repetiu a peça; depois parou alguns instantes, levantou-se e foi a uma das janelas. Tornou ao piano; era a vez de Mozart, pegou de um trecho, e executou-o do mesmo modo, com a alma alhu-

res. Haydn levou-o à meia-noite e à segunda xícara de café.

Entre meia-noite e uma hora, Pestana pouco mais fez que estar à janela e olhar para as estrelas, entrar e olhar para os retratos. De quando em quando ia ao piano, e, de pé, dava uns golpes soltos no teclado, como se procurasse algum pensamento; mas o pensamento não aparecia e ele voltava a encostar-se à janela. As estrelas pareciam-lhe outras tantas notas musicais fixadas no céu à espera de alguém que as fosse descolar; tempo viria em que o céu tinha de ficar vazio, mas então a terra seria uma constelação de partituras. Nenhuma imagem, desvario ou reflexão trazia uma lembrança qualquer de Sinhazinha Mota, que entretanto, a essa mesma hora, adormecia pensando nele, famoso autor de tantas polcas amadas. Talvez a ideia conjugal tirou à moça alguns momentos de sono. Que tinha? Ela ia em vinte anos, ele em trinta, boa conta. A moça dormia ao som da polca, ouvida de cor, enquanto o autor desta não cuidava nem da polca nem da moça, mas das velhas obras clássicas, interrogando o céu e a noite, rogando aos anjos, em último caso ao diabo. Por que não faria ele uma só que fosse daquelas páginas imortais?

Às vezes como que ia surgir das profundezas do inconsciente uma aurora de ideia; ele corria ao piano, para aventá-la inteira, traduzi-la, em sons, mas era em vão; a ideia esvaía-se. Outras vezes, sentado, ao piano, deixava os dedos correrem, à ventura, a ver se as fantasias brotavam deles, como dos de Mozart; mas nada, nada, a inspiração não vinha, a imaginação deixa-se estar dormindo. Se acaso uma ideia aparecia, definida e bela, era eco apenas de alguma peça alheia, que a memória repetia, e que ele supunha inventar. Então, irritado, erguia-se, jurava abandonar a arte, ir plantar café ou puxar carroça; mas daí a dez minutos, ei-lo outra vez, com os olhos em Mozart, a imitá-lo ao piano.

Duas, três, quatro horas. Depois das quatro foi dormir; estava cansado, desanimado, morto; tinha que dar lições no dia seguinte. Pouco dormiu; acordou às sete horas. Vestiu-se e almoçou.

- Meu senhor quer a bengala ou o chapéu-de-sol? Perguntou o preto, segundo as ordens que tinha, porque as distrações do senhor eram frequentes.

- A bengala.

- Mas parece que hoje chove.

- Chove, repetiu Pestana maquinalmente.

- Parece que sim, senhor, o céu está meio escuro.

Pestana olhava para o preto, vago, preocupado. De repente:

- Espera aí.

Correu à sala dos retratos, abriu o piano, sentou-se e espalmou as mãos no teclado. Começou a tocar alguma coisa própria, uma inspiração real e pronta, uma polca, uma polca buliçosa, como dizem os anúncios. Nenhuma repulsa da parte do compositor; os dedos iam arrancando as notas, ligando-as, meneiando-as; dir-se-ia que a musa compunha e bailava a um tempo. Pestana esquecera as discípulas, esquecera o preto, que o esperava com a bengala e o guarda-chuva, esquecera até os retratos que pendiam gravemente da parede. Compunha só, teclando ou escrevendo, sem os vãos esforços da véspera, sem exasperação, sem nada pedir ao céu, sem interrogar os olhos de Mozart. Nenhum tédio. Vida, graça, novidade, escorriam-lhe da alma como de uma fonte perene.

Em pouco tempo estava a polca feita. Corrigiu ainda alguns pontos, quando voltou para jantar; mas já a cantarolava, andando, na rua. Gostou dela; na composição recente e inédita circulava o sangue da paternidade e da vocação. Dois dias depois, foi levá-la ao editor das outras polcas suas, que andariam já por umas trinta. O editor achou-a linda.

- Vai fazer grande efeito.

- Veio a questão do título. Pestana, quando compôs a primeira polca, em 1871, quis dar-lhe um título poético, escolheu este: *Pingos de sol*. O editor abanou a cabeça, e disse-lhe que os títulos deviam ser, já de si, destinados à popularidade, - ou por alusão a algum sucesso do dia, - ou pela graça das palavras; indicou-lhe dois: *A lei de 28 de Setembro*, ou *Candongas não fazem festa*.

- Mas que quer dizer “Candongas não fazem festa?” perguntou o autor.

- Não quer dizer nada, mas populariza-se logo.

Pestana, ainda donzel inédito, recusou qualquer das denominações e guardou a polca; mas não tardou que compusesse outra, e a comichão da publicidade levou-o a imprimir as duas, com os títulos que ao editor parecessem mais atraentes ou apropriados. Assim se regulou pelo tempo adiante.

Agora, quando Pestana entregou a nova polca, e passaram ao título, o editor acudiu que trazia um, desde muitos dias, para a primeira obra que ele lhe apresentasse, título de espanto, longo e meνειado. Era este: *Senhora dona, guarde o seu balaio*.

- E para a vez seguinte, acrescentou, já trago outro de cor.

Exposta à venda, esgotou-se logo a primeira edição. A fama do compositor bastava à procura; mas a obra em si mesma era adequada ao gênero, original, convidava a dançá-la e decorava-se depressa. Em oito dias, estava célebre. Pestana, durante os primeiros, andou deveras namorado da composição, gostava de a cantarolar baixinho, detinha-se na rua, para ouvi-la tocar em alguma casa, e zangava-se quando não a tocavam bem. Desde logo, as orquestras de teatro a executaram, e ele lá foi a um deles.

Não desgostou também de a ouvir assobiada, uma noite, por um vulto que descia a Rua do

Essa lua-de-mel durou apenas um quarto de lua. Como das outras vezes, e mais depressa ainda, os velhos mestres retratados o fizeram sangrar de remorsos. Vexado e enfasiado, Pestana arremeteu contra aquela que o viera consolar tantas vezes, musa de olhos marotos e gestos arredondados, fácil e graciosa. E aí voltaram as náuseas de si mesmo, o ódio a quem lhe pedia a nova polca da moda, e juntamente o esforço de compor alguma cousa ao sabor clássico, uma página que fosse, uma só, mas tal que pudesse ser encadernada entre Bach e Shumann. Vão estudo, inútil esforço. Mergulhava naquele Jordão sem sair batizado. Noites e noites, gastou-as assim, confiado e teimoso, certo de que a vontade era tudo, e que, uma vez que abrisse mão da música fácil...

- As polcas que vão para o inferno fazer dançar o diabo, disse ele um dia, de madrugada, ao deitar-se.

Mas as polcas não quiseram ir tão fundo. Vinham à casa de Pestana, à própria sala dos retratos, irrompiam tão prontas, que ele não tinha mais que o tempo de as compor, imprimi-las depois, gostá-las alguns dias, aborrecê-las, e tornar às velhas fontes, donde lhe não manava nada. Nessa alternativa viveu até casar, e depois de casar.

- Casar com quem? perguntou Sinhazinha Mota ao tio escrivão que lhe deu aquela notícia.

- Vai casar com uma viúva.

- Velha?

- Vinte e sete anos.

- Bonita?

- Não, nem feia, assim, assim. Ouvei dizer que ele se enamorou dela, porque a ouviu cantar na última festa de S. Francisco de Paula. Mas ouvi também que ela possui outra prenda, que não é rara, mas vale menos: está tísica.

Os escrivães não deviam ter espírito, - mau espírito, quero dizer. A sobrinha deste sentiu no fim um pingo de bálsamo, que lhe curou a

dentadinha da inveja. Era tudo verdade. Pestana casou daí a dias com uma viúva de vinte e sete anos, boa cantora e tísica. Recebeu-a como a esposa espiritual do seu gênio. O celibato era, sem dúvida, a causa da esterilidade e do transvio, dizia ele consigo; artisticamente considerava-se um arrumador de horas mortas; tinha as polcas por aventuras de petimetres. Agora, sim, é que ia engendrar uma família de obras sérias, profundas, inspiradas e trabalhadas.

Essa esperança abotoou desde as primeiras horas do amor, e desabrochou à primeira aurora do casamento. Maria, balbuciou a alma dele, dá-me o que não achei na solidão das noites, nem no tumulto dos dias.

Desde logo, para comemorar o consórcio, teve ideia de compor um nocturno. Chamar-lhe-ia *Ave, Maria*. A felicidade como que lhe trouxe um princípio de inspiração; não querendo dizer nada à mulher, antes de pronto, trabalhava às escondidas; coisa difícil, porque Maria, que amava igualmente a arte, vinha tocar com ele, ou ouvi-lo somente, horas e horas, na sala dos retratos. Chegaram a fazer alguns concertos semanais, com três artistas, amigos do Pestana. Um domingo, porém, não se pôde ter o marido, e chamou a mulher para tocar um trecho do nocturno; não lhe disse o que era nem de quem era. De repente, parando, interrogou-a com os olhos.

- Acaba, disse Maria; não é Chopin?

Pestana empalideceu, fitou os olhos no ar, repetiu um dois trechos e ergueu-se. Maria assentou-se ao piano, e, depois de algum esforço de memória, executou a peça de Chopin. A ideia, o motivo eram os mesmos; Pestana achara-os em algum daqueles becos escuros da memória, velha cidade de traições. Triste, desesperado, saiu de casa, e dirigiu-se para o lado da ponte, caminho de S.Cristóvão.

- Para que lutar? dizia ele. Vou com as polcas... Viva a polca!

Homens que passavam por ele, e ouviam isto, fiavam olhando, como para um doudo. E ele ia andando, alucinado, mortificado, eterna peteca entre a ambição e a vocação...

Passou o velho matadouro; ao chegar à porteira da estrada de ferro, teve ideia de ir pelo trilho acima e esperar o primeiro trem que viesse e o esmagasse. O guarda fê-lo recuar. Voltou a si e tornou a casa.

Poucos dias depois, - uma clara e fresca manhã de Maio de 1876, - eram seis horas, Pestana sentiu nos dedos um frémito particular e conhecido. Ergueu-se devagarinho, para não acordar Maria, que tossira toda a noite, e agora dormia profundamente. Foi para a sala dos retratos, abriu o piano, e, o mais surdamente que pôde, extraiu uma polca. Fê-la publicar com um pseudónimo; nos dois meses seguintes compôs e publicou mais duas. Maria não soube nada; ia tossindo e morrendo, até que expirou, uma noite, nos braços do marido, apavorado e desesperado.

Era noite de Natal. A dor do Pestana teve um acréscimo, porque na vizinhança havia um baile, em que se tocaram várias de suas melhores polcas. Já o baile era duro de sofrer; as suas composições davam-lhe um ar de ironia e perversidade. Ele sentia a cadência dos passos, adivinhava os movimentos, porventura lúbricos, a que obrigava alguma daquelas composições; tudo isso ao pé do cadáver pálido, um molho de ossos, estendido na cama... Todas as horas da noite passaram assim, vagarosas ou rápidas, húmidas de lágrimas e de suor, de águas da Colônia e de Labarraque, saltando sem parar, como ao som da polca de um grande Pestana invisível.

Enterrada a mulher, o viúvo teve uma única preocupação: deixar a música, depois de compor um *Requiem*, que faria executar no primeiro aniversário da morte de Maria. Escolheria outro emprego, escrevente, carteiro, mascate, qualquer coisa que lhe fizesse esquecer a arte assassina e surda.

Começou a obra; empregou tudo, arrojo, paciência, meditação, e até os caprichos do acaso, como fizera outrora, imitando Mozart. Releu e estudou o *Requiem* deste autor. Passaram-se semanas e meses. A obra, célere a princípio, afrouxou o andar. Pestana tinha altos e baixos. Ora achava-a incompleta, não lhe sentia a alma sacra, nem ideia, nem inspiração, nem método; ora elevava-se-lhe o coração e trabalhava com vigor. Oito meses, nove, dez, onze, e o *Requiem* não estava concluído. Redobrou de esforços; esqueceu lições e amizades. Tinha refeito muitas vezes a obra; mas agora queria concluí-la, fosse como fosse. Quinze dias, oito, cinco... A aurora do aniversário veio achá-lo trabalhando.

Contentou-se da missa rezada e simples, para ele só. Não se pode dizer se todas as lágrimas que lhe vieram sorrateiramente aos olhos, foram do marido, ou se algumas eram do compositor. Certo é que nunca mais tornou ao *Requiem*.

- Para quê? dizia ele a si mesmo.

Correu ainda um ano. No princípio de 1878, apareceu-lhe o editor.

- Lá vão dois anos, disse este, que nos não dá um ar da sua graça. Toda a gente pergunta se o senhor perdeu o talento. Que tem feito?

- Nada.

- Bem sei o golpe que o feriu; mas lá vão dois anos. Venho propor-lhe um contrato: vinte polcas durante doze meses; o preço antigo, e uma percentagem maior na venda. Depois, acabado o ano, podemos renovar.

Pestana assentiu com um gesto. Poucas lições tinha, vendera a casa para saldar dívidas, e as necessidades iam comendo o resto, que era assaz escasso. Aceitou o contrato.

- Mas a primeira polca há-de ser já, explicou o editor. É urgente. Viu a carta do Imperador ao Caxias? Os liberais foram chamados ao

poder; vão fazer a reforma eleitoral. A polca há-de chamar-se: *Bravos à eleição directa!* Não é política; é um bom título de ocasião.

Pestana compôs a primeira obra do contrato. Apesar do longo tempo de silêncio, não perdera a originalidade nem a inspiração. Trazia a mesma nota genial. As outras polcas vieram vindo, regularmente. Conservara os retratos e os repertórios; mas fugia de gastar todas as noites ao piano, para não cair em novas tentativas. Já agora pedia uma entrada de graça, sempre que havia alguma boa ópera ou concerto de artista, ia, metia-se a um canto, gozando aquela porção de cousas que nunca lhe haviam de brotar do cérebro. Uma ou outra vez, ao tornar para casa, cheio de música, despertava nele o maestro inédito; então, sentava-se ao piano, e, sem ideia, tirava algumas notas, até que ia dormir, vinte ou trinta minutos depois.

Assim foram passando os anos, até 1885. A fama do Pestana dera-lhe definitivamente o primeiro lugar entre os compositores de polcas; mas o primeiro lugar da aldeia não contentava a este César, que continuava a preferir-lhe, não o segundo, mas o centésimo em Roma. Tinha ainda as alternativas de outro tempo, acerca de suas composições; a diferença é que eram menos violentas. Nem entusiasmo nas primeiras horas, nem horror depois da primeira semana; algum prazer e certo fastio.

Naquele ano, apanhou uma febre de nada, que em poucos dias cresceu, até virar perniciosa. Já estava em perigo, quando lhe apareceu o editor, que não sabia da doença, e ia dar-lhe notícia da subida dos conservadores, e pedir-lhe uma polca de ocasião. O enfermeiro, pobre clarineta de teatro, referiu-lhe o estado de Pestana, de modo que o editor entendeu calar-se. O doente é que instou para que lhe dissesse o que era; o editor obedeceu.

- Mas há-de ser quando estiver bom de todo, concluiu.

- Logo que a febre decline um pouco, disse o Pestana.

Seguiu-se uma pausa de alguns segundos. O clarineta foi pé ante pé preparar o remédio; o editor levantou-se e despediu-se.

- Adeus.

- Olhe, disse o Pestana, como é provável que eu morra por estes dias, faço-lhe logo duas polcas; a outra servirá para quando subirem os liberais.

Foi a única pilhéria que disse em toda a vida, e era tempo, porque expirou na madrugada seguinte, às quatro horas e cinco minutos, bem com os homens e mal consigo mesmo.

*in "Várias Histórias", (1ª edição 1896);  
edição e notas de Adriano da Gama Kury,  
Livreria Garnier, Rio de Janeiro, 1989.*

Anton Tchekhov **O beijo**

*Tradução de Nina Guerra e Filipe Guerra*

**Anton Tchekhov** nasceu em 1860, na cidade de Taganrog, no Sul da Rússia. Morreu aos quarenta e quatro anos, no fim de catorze anos de tuberculose. Formou-se em Medicina em Moscovo, sustentando ao mesmo tempo a família - pais e cinco irmãos - com a publicação de numerosos contos humorísticos para jornais e revistas. Logo em 1887 ganhou o Prémio Pushkhin da Academia Russa e grande popularidade com a sua segunda antologia de contos. Hoje mais conhecido como autor de peças de teatro tão marcantes como "As Três Irmãs" ou o "Tio Vânia", obras da última parte da sua vida breve, Anton Tchekhov foi um dos contistas mais inovadores e influentes de sempre. Algumas das suas reflexões sobre o conto, dispersas por cartas e comentários, antecipam de várias décadas o que é hoje relativamente do domínio comum neste género literário. "O beijo", publicado em 1887, é um dos seus primeiros contos.

Às oito da noite do dia vinte de Maio, as seis baterias da brigada de artilharia de reserva N., em marcha para o acampamento, fizeram alto para pernoitar na aldeia de Mestétchki. No auge da barafunda, enquanto uns oficiais se atarefavam em volta dos canhões e outros, na praça, num magote encostado à cerca da igreja, se entendiam com o quartel-mestre sobre o aboletamento, surgiu por trás da igreja um cavaleiro à civil montado num cavalo invulgar. Era um baio malhado, pequeno e raboto, de pescoço lindo, que não andava a direito, mas ladeava em passinhos curtos de dança como se estivessem a chicotear-lhe as pernas. Chegado ao pé dos oficiais, o cavaleiro ergueu o chapéu e disse:

- Sua Senhoria o tenente-general e proprietário von Rabbeck manda convidar os senhores oficiais para tomarem chá lá em casa, agora mesmo...

O cavalo fez uma vénia, dançou e recuou ladeando; o cavaleiro voltou a erguer o chapéu e, num instante, desapareceu mais o cavalo por trás da igreja.

- Raios o partam - resmungava-se entre os oficiais, que se puseram a caminho dos alojamentos. - Apetece é dormir, e vem este von Rabbeck com o chá dele! Já se sabe que rico chá vai ser!

Todos os oficiais das seis baterias recordavam nitidamente um caso do ano passado, durante as manobras, em que eles, juntamente com os oficiais de um regimento de cossacos, tinham sido convidados da mesma maneira para o chá, por um conde, também proprietário rural e militar na reserva; o conde fora hospitaleiro e simpático, serviu-lhes o jantar e bebidas e não os deixou ir para onde estavam aboletados, fê-los dormir em sua casa. Tudo bem, até ótimo, não fora o homem ter-se, infelizmente, alegrado de mais com a visita dos jovens. Toda a noite falou, até ao amanhecer contou à rapaziada os episódios do seu belo passado, passeou-os pelos aposentos, mostrou-lhes telas caras, gravuras antigas, armas raras, leu-lhes cartas que personalidades altamente colocadas lhe tinham endereçado, e os oficiais extenuados ouviam, olhavam e, na ânsia de uma cama, bocejavam à socapa nas mangas; quando, finalmente, o anfitrião os largou já não eram horas de dormir.

Não será igual, este Rabbeck? Seja ou não seja, nada a fazer. Os oficiais mudaram de roupa, aprontaram-se e foram em bando à procura do solar do Rabbeck. Na praça, perto da igreja, tinham-lhes dito que se podia chegar à propriedade por dois caminhos: o de baixo - descer, por trás da igreja, até ao rio, marginá-lo até ao parque e, do parque, qualquer alameda os levava ao destino; o de cima - a partir da igreja, seguir a direito pelo caminho que, uns quinhentos metros mais à frente, dava para os celeiros da propriedade. Escolheram o de cima.

- Que Rabbeck será este? - cogitavam alto enquanto andavam. - Não é o que comandou em Plevna a divisão de cavalaria N.?

- Não, esse não era von Rabbeck, era simplesmente Rabbe, sem von.

- Mas que rico tempo está!

Junto do primeiro celeiro da propriedade, o caminho bifurcava-se: um ramal seguia em frente e perdia-se na bruma do crepúsculo; o outro metia para a direita, até à casa senhorial. Os oficiais viraram à direita e começaram a falar mais baixo... De ambos os lados do caminho erguiam-se celeiros e mais celeiros de pedra com telhados vermelhos, pesados e severos, um pouco como casernas de cidade de província. Em frente luziam

**48** as janelas do solar.

- Meus senhores, bom sinal! - informou um dos oficiais.  
- O nosso "setter" vai à frente: fareja caça...

O tenente Lobitko, à frente de todos, alto e forte mas imberbe (passava dos vinte e cinco e não se lhe via um único pêlo na cara redonda e cevada), famoso na brigada pelo seu faro e capacidade de adivinhar à distância a presença de mulheres, virou-se e disse:

- Sim, há mulherio para estes lados, o meu instinto sente-o.

À porta de casa, foram recebidos pelo próprio von Rabbeck. Andaria pelos sessenta anos, bem apessoado, trajando à paisana. Enquanto apertava as mãos aos convidados, ia dizendo que estava feliz e contente, mas pedia encarecidamente aos senhores oficiais, por amor de Deus, que lhe perdoassem por não os ter convidado a pernoitar lá em casa; é que tinham chegado de visita duas irmãs com os filhos, mais uns irmãos e uns vizinhos, não tinha um único quarto livre.

Pedia muitas desculpas, apertava as mãos de todos e sorria, mas via-se-lhe pela cara que estava, de longe, menos contente com a visita do que o conde do ano transacto e que só convidara os oficiais porque as conveniências assim o exigiam. Os oficiais sentiam-no ao subirem a escadaria atapetada e, à vista da criadagem em roda-viva a acender as luzes em baixo, à entrada, e em cima, no vestíbulo, começou a parecer-lhes que estavam ali só porque seria indelicado não os convidarem e que introduziam naquela casa um incómodo e uma inquietação. Numa casa em que, por um fausto de família qualquer, se reuniam duas irmãs com os filhos, e mais uns irmãos e uns vizinhos, alguma vez agradaria a invasão de dezanove oficiais desconhecidos?

Em cima, à entrada da sala, os convidados foram recebidos por uma matrona de idade, alta e esbelta, rosto para o comprido e sobranceiras negras, muito parecida com a imperatriz Eugénia!. Sorrindo com simpatia e majestade, dizia-se feliz e contentíssima por receber os senhores em sua casa e pedia muita desculpa por ela e o marido não poderem mesmo convidar os senhores oficiais a pernoitarem. Pelo sorriso belo e majestoso, mas fugaz logo que desviava deles o coração por qualquer motivo, via-se que já na vida lhe tinham passado pelos salões muitos senhores oficiais mas que agora não estava de

alma para isso e só estavam por detrás do convite meras exigências de educação e sociedade.

Na enorme sala de jantar para onde entraram os oficiais, numa ponta da mesa compridíssima tomavam chá, entre novos e velhos, senhoras e cavalheiros, umas dez pessoas. Por trás das cadeiras em que se sentavam, enevoava-se no fumo leve dos charutos um grupo de homens; entre eles, um jovem magricela de suíças ruivas, rolando os erres e falando alto, em inglês. Por trás do grupo vislumbrava-se, através da porta, o clarão de um quarto mobilado em azul-claro.

- Meus senhores, são tantos que não há meio de eu fazer as apresentações! - disse o general erguendo a voz e tentando mostrar-se folgazão. - Vamos lá, apresentem-se uns aos outros, meus senhores, sem cerimónias!

Os oficiais - uns de cara muito séria, até severa, outros com sorrisos forçados, e todos sem dúvida pouco à vontade - multiplicaram-se em vénias, atabalhoadamente, e sentaram-se para o chá.

O mais embaraçado de todos era o capitão Riabóvitch, um oficial de óculos, pequenino e amarecado, com umas suíças que lhe davam um ar de lince. Enquanto os companheiros mantinham as caras sérias, uns, e os sorrisos forçados, outros, o rosto dele, as suíças de lince e os óculos como que diziam: «Sou o oficial mais tímido, o mais modesto e o mais cinzentão de toda a brigada!» A princípio, ao entrar na sala, ao abancar e ao começar a tomar o chá, não conseguia fixar-se num rosto, num objecto. Caras, vestidos, frascos de cristal talhado com conhaque, o vapor dos copos, cornijas - tudo se lhe fundia numa impressão única e enorme que dava a Riabóvitch a inquietação e o desejo de meter a cabeça num buraco. Tal o homem que declama pela primeira vez em público e vê tudo o que está à sua frente mas não percebe o que vê (é a «cegueira psíquica» dos fisiologistas, em que o indivíduo vê mas não distingue). Com o correr do tempo, Riabóvitch adaptou-se, recuperou a vista e pôs-se a observar tudo. Saltou-lhe logo aos olhos, a ele, homem bisonho e pouco sociável, aquilo que nunca teve, ou seja, a extraordinária audácia dos recém-conhecidos. Von Rabbeck, a mulher, duas senhoras de idade, uma menina de vestido lilás e o jovem das suíças ruivas, afinal o filho mais novo de Rab-

beck, instalaram-se com muita habilidade entre os oficiais, como se tivessem combinado, e desencadearam imediatamente uma discussão ardente em que os convidados não podiam deixar de entrar. A menina lilás começou a defender com veemência que o pessoal de artilharia tinha uma vida muito mais fácil do que o de cavalaria e de infantaria; Rabbeck, com as senhoras idosas do seu lado, argumentava que não. Entrecruzou-se a conversa, e Riabóvitch via a menina lilás a defender com ardor uma coisa nitidamente estranha e sem interesse para ela; olhava e via a aparecerem e a sumirem-se da cara os sorrisos insinceros da menina.

Von Rabbeck e família arrastavam com habilidade os oficiais para a discussão, vigiando-lhes simultânea e atentamente os copos e as bocas: se todos tinham chá, se comiam doces, por que não tocava aquele nos biscoitos e não bebia conhaque aque-loutro. Quanto mais Riabóvitch olhava e ouvia, mais lhe agradava aquela família pouco sincera mas extraordinariamente disciplinada.

Depois do chá, os oficiais passaram para o salão grande. O faro não enganara o tenente Lobitko: o recinto estava pejado de raparigas e de senhoras jovens. O tenente “setter” já estava ao lado de uma loira muito novinha de vestido preto e, arqueando-se com audácia, como apoiado num sabre invisível, sorria e dava garridamente de ombros. Pelos vistos dizia alguns disparates muito interessantes, porque a loirinha olhava condescendente para a sua cara bem nutrida e perguntava com indiferença: «Verdade?» E o “setter”, se fosse inteligente, poderia, a partir deste impassível «verdade?», concluir que não era provável gritarem-lhe «aboca!».

Ribombou o piano; uma valsa triste esvoaçou da sala para as janelas abertas de par em par, e toda a gente se terá lembrado que lá fora era Primavera, uma noite de Maio. Toda a gente terá sentido que o ar cheirava a folhas novas de álamo, a rosas e lilases. Riabóvitch, em quem, sob o poder da música, falou o conhaque bebido, olhou de soslaio para a janela, sorriu e pôs-se a seguir os movimentos das mulheres, já lhe parecendo que o cheiro a rosa, a álamo e a lilás não vinha do parque, emanava dos rostos e dos vestidos delas.

O filho de Rabbeck convidou para dançar uma menina magricela com quem fez dois *tours*. Lobitko, deslizando pelo soalho, voou para a menina lilás e girou com ela pelo salão. As danças começavam... Riabóvitch estava perto da porta, entre os que não dançavam, a olhar. Em toda a sua vida não dançara uma única vez, nunca lhe acontecera abraçar pela cintura uma mulher decente. E se gostava de ver um homem, aos olhos de toda a gente, pôr a mão na cintura da menina e oferecer à menina um ombro para a mão dela! Mas não podia imaginar-se a si mesmo na situação de tal homem. Dantes, invejava a audácia e a desenvoltura dos seus companheiros, e doía-lhe a alma; ser tímido, corcovado, cinzento, de cintura baixa e suíças de lince ofendia-o profundamente; agora, com a passagem dos anos, isso era um hábito, já não invejava quem dançava e quem alçava a voz, só se enternecia tristemente.

Quando os dançarinos atacaram a quadrilha, o jovem von Rabbeck aproximou-se dos que não dançavam e convidou dois oficiais para uma partida de bilhar. Aceitaram e saíram com ele do salão. Para participar, de qualquer maneira, no movimento comum, Riabóvitch arrastou-se atrás deles. Passaram por uma sala de estar, por uma galeria envidraçada que desembocou noutra sala onde, à vista deles, saltaram dos divãs três figuras sonolentas de lacaios. Por fim, depois de mais uma série de salas, chegaram ao bilhar. Iniciou-se a partida.

Riabóvitch, que nunca tinha jogado nada a não ser cartas, estava ali, de pé, a olhar com indiferença para os jogadores que, de casacas desabotoadas, brandindo os tacos, andavam em volta do bilhar gritando trocadilhos num jargão incompreensível. Não ligavam a Riabóvitch, só de vez em quando algum deles, ao empurrá-lo com o cotovelo ou ao tocar-lhe com o taco inadvertidamente, se voltava e dizia: «Pardon!». Ainda a primeira partida ia a meio e já Riabóvitch se aborrecia, que estaria ali a mais, que incomodava... Quis voltar ao salão. Saiu.

No regresso, sucedeu-lhe uma pequena aventura. A meio caminho, percebeu que se perdera. Lembrava-se perfeitamente que devia passar por três figuras sonolentas de lacaios, mas, atravessadas cinco ou seis salas, essas figuras como que tinham sido engolidas pela terra. Ao dar-se conta do erro voltou um pouco atrás, tomou à esquerda e foi

parar a um gabinete meio às escuras que não vira de certeza no caminho de ida para a sala de bilhar; ficou parado uns trinta segundos, abriu decididamente a primeira porta que lhe saltou à vista e entrou num quarto mergulhado em escuridão completa. À frente do nariz só via uma fenda da porta donde jorrava uma nesga de luz forte; de trás da porta vinha o surdo rumor de uma mazurka triste. Também ali as janelas estavam abertas de par em par e cheirava a álamo, lilás e rosas...

Riabóvitch parou, pensativo... Inesperadamente, sentiu uns passos apressados e o roçar de um vestido, e logo uma voz ofegante e feminina a sussurrar «até que enfim!», e duas mãos suaves, perfumadas, indubitavelmente de mulher, lhe enlaçaram o pescoço; sentiu apertar-se-lhe à cara uma face tépida e ouviu, no mesmo instante, o som do beijo. Mas quem lho deu já se soltava, com um gritinho, fugindo dele num salto de repugnância, como pareceu a Riabóvitch. Também por pouco não gritou e atirou-se para o rasgão brilhante da nesga da porta...

Quando voltou ao salão o coração batia-lhe com força e as mãos tremiam-lhe tanto que se apressou a escondê-las atrás das costas. Atormentava-o a vergonha e o medo de todo o salão poder saber que acabava de ser abraçado e beijado por uma mulher; encolhia-se e olhava à volta, aflito. Mas, quando viu bem que toda a gente dançava e tagarelava despreocupadamente, entregou-se com toda a alma àquela sensação nova, àquela coisa que nunca dantes experimentara. Aquela coisa estranha que dentro dele se passava... O pescoço, ainda há pouquinho abraçado por umas mãos suaves e perfumadas, era como se estivesse untado de manteiga; na face, ao lado da guia esquerda do bigode, onde a desconhecida lhe assestara o beijo, tremia um friozinho leve e agradável, como gotas de menta, e quanto mais esfregava o sítio do beijo mais o friozinho aumentava e todo ele se arrepiava num sentimento novo e misterioso, que crescia, que crescia... Apeteceu-lhe dançar, falar, correr pelo parque, rir perdidamente... Esqueceu que era marranica e cinzentão, esqueceu as suíças de lince e o «aspecto indefinido» (assim descreveram o seu físico umas damas, numa conversa que lhe chegou por acaso aos ouvidos). Quando passou por ele a mulher do Rabbeck, abriu-lhe um sorriso tão largo e carinhoso que a senhora parou, olhou para ele e ficou à espera, interrogativamente.

- Adoro a sua casa! - disse Riabóvitch ajeitando os óculos.

A generala sorriu, contou que a casa já fora do pai dela, depois quis saber dos paizinhos dele, se ainda eram vivos, há quanto tempo prestava serviço, por que estava tão magro... Elucidada, seguiu o seu caminho, e Riabóvitch ficou-se a sorrir, ainda mais carinhosamente depois desta conversa, a pensar que estava rodeado de excelentes pessoas...

Durante o jantar, Riabóvitch comia automaticamente tudo o que lhe serviam, bebia e, sem ouvir nada nem ninguém, tentava explicar a si mesmo a aventura ainda fresca... Uma aventura misteriosa e romanesca, mas, afinal, facilmente explicável. Pelos vistos, uma menina ou uma senhora marcara encontro com alguém no quarto escuro, estaria há muito tempo à espera e, de excitação nervosa, tomou Riabóvitch pelo seu herói, situação tanto mais provável quanto Riabóvitch, ao atravessar o quarto, parou pensativo, com ar de quem também estava à espera... Assim explicava Riabóvitch, para si, o beijo recebido.

«Quem será ela? - pensava, observando os rostos femininos. - Tem de ser jovem, porque as velhas não vão a encontros destes. E intelectual, sentia-se pelo roçagar do vestido, pelo cheiro, pela voz...»

Parou o olhar na menina lilás e gostou dela; tinha ombros e braços bonitos, um rosto inteligente, excelente voz. Riabóvitch, olhando-a, gostaria que fosse ela a do beijo, e nenhuma outra... Mas ela riu-se, e a risada saiu-lhe falsa, e franziu o nariz comprido que lhe pareceu, a ele, como de velha; transferiu então o olhar para a loira do vestido preto. Era mais nova, mais simples e mais sincera, tinha têmporas encantadoras e bebericava do cálice num jeito muito bonito. Agora, Riabóvitch gostava que fosse aquela. Mas não tardou a achar-lhe o rosto achatado e passou os olhos para a vizinha dela...

«É difícil adivinhar - devaneava. - Se for buscar à de lilás apenas os ombros e os braços, acrescentar as têmporas e a testa da loira, os olhos da que está à esquerda do Lobitko, então...»

Fez a adição mental e obteve a imagem da menina que o tinha beijado, a imagem desejada, mas que não encontrava ali naquela mesa...

Findo o jantar, os convidados, satisfeitos e um tanto ébrios, começaram a agradecer e a despedir-se. Os donos da casa mais uma vez se desculparam por não poderem alojá-los nessa noite.

- Meus senhores, estou muito, mas muito feliz por terem estado esta noite em minha casa! - dizia o general, desta vez com toda a sinceridade (na verdade, as pessoas costumam ser infinitamente mais sinceras e bondosas na despedida das visitas do que quando as recebem). - MUITÍSSIMO feliz! E serão bem-vindos no caminho de volta! Estejam à vontade, nada de cerimónias! Para onde vão? E querem ir pelo caminho de cima? Não, não, atravessem o parque, vão pelo de baixo: é mais perto.

Os oficiais saíram para o parque. Depois das luzes ofuscantes e do barulho, o jardim pareceu-lhes muito silencioso e escuro. Caminharam calados até ao portão. Iam meio embriagados, alegres, satisfeitos, mas o choque da escuridão e do silêncio tornou-os por um minuto melancólicos. A cada um deles terá passado pela mente, como a Riabóvitch, o mesmo pensamento: chegará também o tempo de eles, quais Rabbeck, terem uma casa grande, uma família, um parque? Poderão também eles, um dia, mesmo sem serem sinceros, amimar as pessoas, saciá-las, emborrachá-las, alegrá-las?

Mal passaram o portão desataram a falar todos ao mesmo tempo, a rir alto e sem motivo. Seguiam agora por uma vereda que descia para o rio e depois corria juntinho à água, contornando arbustos ribeirinhos, regos de água, salgueiros pendentes sobre o rio. Quase se não via o carreiro nem a margem, e na outra banda tudo mergulhava em trevas. Aqui e ali reflectiam-se estrelas na água escura; tremeluziam, alastravam - único sinal de que o rio ia veloz. Tudo era calma. Na outra margem gemiam, sonolentas, as galinholas; deste lado, num dos arbustos, sem medo da chusma de oficiais, um rouxinol trilava desenfadadamente. Os homens pararam ao pé do arbusto, abanaram-no, mas o rouxinol cantava perdidamente.

- Ena! - admiraram-se ruidosamente. - Nós em cima dele e ele não quer saber! Malandrecos!

Para o fim da caminhada, o carreiro subia e, junto à igreja, desembocava no caminho. Os oficiais pararam aqui, cansados da subida, sentaram-se, fumaram. Na

outra margem brilhou ténue um luzeirinho vermelho, e eles, por desfastio pachorrento, tentaram demoradamente adivinhar o que seria: uma fogueira ao longe, uma janela alumiada, ou outra coisa... Também Riabóvitch olhava para a luzinha, e parecia-lhe vê-la sorrir-lhe e piscar-lhe o olho como se soubera do beijo.

Chegado ao alojamento, Riabóvitch teve pressa em despir-se e deitar-se. Ficou na mesma *izbá*<sup>2</sup> com Lobitko e o tenente Merzliakov, rapaz calmo e calado, considerado pelos companheiros como oficial culto, já que arrastava consigo para todo o lado a *Véstnik Evrópi*<sup>3</sup> e, onde era possível, a lia. Lobitko despiu-se também, pôs-se a calcorrear a *izbá* de ponta a ponta com passadas insatisfeitas e mandou o ordenança buscar cerveja. Merzliakov deitou-se, pôs uma vela à cabeceira e afundou-se na leitura da *Véstnik Evrópi*.

«Quem será ela?» - cismava Riabóvitch de olhos pregados no tecto negro de fuligem.

Ainda o pescoço lhe parecia untado de manteiga, ainda na beirinha da boca sentia o arrepio das gotas de menta. Na sua imaginação fulgiam os olhos e os braços da menina lilás, as têmporas e os olhos sinceros da loirinha de preto, cinturas, vestidos, jóias. Tentava centrar a atenção nestas imagens, mas elas saltitavam, alastravam, tremeluziam. Quando, no largo pano de fundo negro do fechar dos olhos, as imagens se lhe apagavam de todo, começava a ouvir os passos afobados, o farfalhar do vestido, o som do beijo - e uma forte alegria sem razão se apoderava dele... Enlevado nesta alegria, ainda ouviu o ordenança voltar e informar que não havia cerveja. Lobitko, indignado, recomeçou o vaivém furioso.

- Então não é idiota? - perguntava, ora parando ao pé de Riabóvitch, ora parando ao pé de Merzliakov. - É preciso ser-se paspalho e burro para não encontrar cerveja! Hein? Então não é um canalha?

- Claro que é impossível arranjar cerveja num sítio destes - disse Merzliakov sem desligar os olhos da *Véstnik Evrópi*.

- Ai sim? Acha? - insistia Lobitko. - Meu Deus, atirem comigo para a Lua, que eu arranjo lá imediatamente cerveja e mulheres! E vou arranjar-lá, agora mesmo... Podem chamar-me pulha se não trouxer cerveja!

Vestiu-se e enfiou os pés nas botas grandes; depois acendeu em silêncio um cigarro e foi-se.

- Rabbeck, Grabbeck, Labbeck - pôs-se a murmurar, parado no saguão. - Porra, não me apetece ir sozinho. Riabóvitch, não quer dar uma *promenade*? A sério, não?

Como não obteve resposta, voltou, despiu-se muito devagar e deitou-se. Merzliakov suspirou, pôs de lado a *Véstrnik Evrópi* e apagou a vela.

- Po-ois - murmurou Lobitko acendendo um cigarro na escuridão.

Riabóvitch enroscou-se, cobriu a cabeça e pôs-se a debicar imagens fugidias, tentando agarrá-las e juntá-las numa só. Não conseguia. Breve adormeceu, embalado num último pensamento: alguém o acarinhara muito, o enchera de exultação, pusera na sua vida uma coisa extraordinária, estúpida, mas tão boa, tão feliz. Este pensamento não o largou nem no sono.

Quando acordou já não tinha a sensação de manteiga no pescoço nem de friozinho de menta na comissura dos lábios, mas a alegria exultante, como ontem, ainda lhe ondulava no peito. Olhou com encantamento para os caixilhos das janelas dourados pelo sol nascente e pôs-se a escutar o movimento da rua. Mesmo ao rés das janelas alguém falava alto. Lebedétski, o comandante da bateria de Riabóvitch, que acabava de alcançar a brigada, conversava em voz altíssima - desacostumado de falar baixo - com o seu oficial às ordens.

- E que mais? - gritava o comandante.

- Ontem, quando ferravam as bestas, saiba vossa senhoria que aleijaram o *Golúbtchik* na ranilha. O físico pôs-lhe argila e vinagre. Agora vai apartado, pelo arreio. Saiba também vossa senhoria que o mecânico Artémiev se embebedou e o nosso tenente mandou sentá-lo no jogo dianteiro do reparo da boca-de-fogo.

O oficial subalterno relatou ainda que o Kárpov se esquecerá dos cordões novos para os cornetins e das estacas para as tendas e que os senhores oficiais tinham ido, ontem à noite, de visita a casa do general von Rabbeck. A meio da conversa, a cabeça de Lebedétski com a sua barba ruiva espreitou para dentro da *izbá*. Estreitou os olhos míopes para as caras sonolentas dos oficiais e cumprimentou-os.

- Está tudo bem convosco?

- O cavalo de varal esfolou o pescoço com a coelheira nova - respondeu Lobitko, bocejando.

O comandante suspirou, pensou e disse em voz alta:

- Estou cá a pensar fazer uma visita à Aleksandřa Ev-gráfovna. A ver como ela está. Então adeus, rapazes. Lá mais para a tarde logo vos apanho.

Meia hora depois a brigada pôs-se em marcha. Quando passava ao longo dos celeiros senhoriais, Riabóvitch lançou a vista à direita, para o solar. As janelas tinham as portadas fechadas, pelos vistos ainda se dormia na casa. Dormia também a que ontem beijara Riabóvitch. Quis imaginá-la a dormir. A janela do quarto escancarada, os ramos verdes a quererem espreitar para dentro, a frescura matinal, o cheiro a álamo, a lilás, a rosa, a cadeira e na cadeira o vestido que ontem farfalhara para ele, os sapatinhos, o pequenino relógio sobre a mesa - a imaginação desenhava-lhe tudo isso com muita nitidez, mas os traços do rosto, um querido sorriso sonolento, precisamente o que importava, fugia-lhe da imaginação como mercúrio do dedo. Passado um meio quilómetro olhou para trás: a igreja amarela, a casa, o rio e o parque estavam banhados de luz; que lindo o rio, com as suas margens de verde-vivo, reflectindo o céu azul e, aqui e ali, uns laivos prateados sob o sol. Riabóvitch olhou pela última vez para Mestétchki e sentiu-se tão triste como se se despedisse de alguma coisa muito íntima e muito querida.

A caminho, punham-se-lhe diante dos olhos apenas as imagens batidas, nada de interesse... À direita e à esquerda, campos novos de centeio e trigo-sarraceno, com as gralhas-calvas a saltitarem; olhasse em frente, só poeira e nuças de homens; olhasse para trás, só poeira e caras de homens... À frente de todos iam quatro praças com as *chachkas*<sup>1</sup> - é a vanguarda. Atrás deles, um grupo de cantadores, depois os cornetins, a cavalo. A vanguarda e os cantadores, como facheiros num cortejo fúnebre, esquecem-se de vez em quando da distância regulamentar e adiantam-se muito... Riabóvitch segue ao lado da carreta da primeira boca-de-fogo da quinta bateria. À vista dele vão as quatro que o precedem. Para um civil, a brigada em movimento mostra-se como uma fila comprida e penosa, uma

**58** tralhoada complexa e pouco compreensível; não

perceberá por que vai tanta gente ao lado da carreta de um canhão e por que é puxada por tantos cavalos tão estranhamente atrelados, como se a peça fosse uma coisa assim tão terrível e pesada. Mas, para Riabóvitch, aquilo tudo é claro, logo sem qualquer interesse. Sabe há muito por que razão vai à frente de cada bateria, ao lado do graduado, um oficial subalterno de artilharia; e, nas costas deste, os boleiros da primeira parrelha e, depois, os da média; Riabóvitch sabe também que os cavalos da esquerda, montados por boleiros, se chamam bestas da sela, e os da direita, bestas da mão direita - enfim, nada de interessante. Por trás do boleiro segue a parrelha de varal. Um dos animais é montado por um boleiro com poeira antiga nas costas e um toco de pau a roçar-lhe a perna, um raio de estadulho muito engraçado; Riabóvitch conhece a utilidade de freio daquele toco, e não lhe parece engraçado. Os boleiros, todos eles, levantam automaticamente os azorragues e, de vez em quando, soltam os gritos da praxe. O canhão, caramba, é feio. No armão do jogo dianteiro vão sacos de aveia cobertos de lona, e o próprio canhão está atulhado de chaleiras, mochilas das praças, sacos e saquinhos: mais parece um animalzinho indefeso rodeado, sabe-se lá para quê, de homens e cavalos. De ambos os lados marcham, baloiçando os braços, seis serventes. Atrás do canhão, mais atrelados, boleiros, cavalos de varal, seguidos por mais uma carreta de canhão, peça feia e nada imponente, como a primeira. Atrás da segunda carreta roda a terceira, depois a quarta; ao lado da quarta vai um oficial, e assim por diante. A brigada tem seis baterias, e cada bateria tem quatro bocas-de-fogo. A coluna estende-se por quinhentos metros, e o rabo dela é um comboio de carros, ao lado do qual marcha pensativamente, baixando a cabeça orelhuda, um personagem extremamente simpático - o burro *Magar*, trazido da Turquia por um comandante de bateria.

Riabóvitch olhava com indiferença para a frente e para trás, para as nuças e para as caras; noutra altura dormitaria, mas agora todo ele mergulhava nos seus novos, aprazíveis pensamentos. No princípio, logo que a brigada se pôs em marcha, ainda quis convencer-se de que a história do beijo não era nada, apenas uma pequeníssima aventura, misteriosa, isso sim, mas no fundo insignificante - pensar nela a sério era, pelo menos, estúpido; mas depressa desistiu da lógica e se

entregou ao sonho... Ora se imagina num salão do Rabbeck, à beira da menina misturada de lilás e loira de vestido preto; ora fecha os olhos e se vê a tratar com outra menina, a ninguém parecida e com um rosto de traços indefinidos; fala-lhe com carinho, inclina-se no ombro dela, imagina que vai para a guerra e está nas despedidas, depois o reencontro, o jantar com a mulher, os filhos...

- Aguentáá as bestas! - ouvia-se a ordem sempre que o caminho descia.

Riabóvitch também gritava «aguentáá as bestas!» e temia que o grito lhe rasgasse os sonhos e o trouxesse à realidade...

Ao passarem ao lado de uma grande propriedade, Riabóvitch espreitou pelos gradis do parque. Viu uma comprida alameda, direita como uma régua, coberta de saibro amarelo e marginada de bétulas novinhas... Com a ânsia de um homem levado pelos devaneios, imaginou pequeninos pés femininos a pisarem o chão amarelo e, num repente, desenhou-se-lhe diante dos olhos aquela que o beijara, aquela que ontem, à mesa da ceia, só pudera fantasiar. A imagem colou-se a ele e já não o abandonou.

Pelo meio-dia, vindo da retaguarda, do lado do comboio, soou um grito:

- Atenção! Olhar à esquerda! Senhores oficiais!

Num carro puxado por uma parelha de cavalos brancos, passava o general da brigada. Parou junto da segunda bateria e gritou qualquer coisa que ninguém apanhou. Vários oficiais se aproximaram dele, Riabóvitch também.

- Então? Como vai isso? - saudou o general pestanejando com os olhos vermelhos. - Há doentes?

Depois das respostas, o general, pequeno e magro, mastigou com os lábios, ficou a pensar e disse, por fim, a um dos oficiais:

- O seu boleeiro do cavalo de varal, da terceira peça, tirou a joelheira e pendurou-a, o canalha, no armão dianteiro. Aplique-lhe um castigo.

Levantou os olhos para Riabóvitch e continuou:

- Os tirantes dos seus cavalos parecem-me compridos de mais...

Depois de mais algumas observações aborrecidas, o habitual, o general, com um risinho, pôs os olhos em Lobitko.

- O tenente Lobitko está hoje com um ar muito triste - disse. - Tem saudades da Lopukhova, eh? Eh, meus senhores, o tenente Lobitko está com saudades da Lopukhova!

Lopukhova era uma senhora muito alta, assaz corpulenta, passante há muito dos quarenta. O general, que tinha um fraquinho pelas senhoras corpulentas, fossem de que idade fossem, suspeitava desse fraquinho também nos seus oficiais. Os oficiais sorriram respeitosamente. O general, satisfeito com pilhéria tão venenosa, desatou à gargalhada, deu uma palmada nas costas do cocheiro e fez a continência. O coche seguiu para diante...

«Tudo o que sonho agora e se me afigura tão impossível e extraterreno é, no fundo, bastante vulgar - pensava Riabóvitch, olhando as nuvens de poeira que corriam atrás do coche do general. - Sim, vulgaríssimo e vivido por todos... Este general, por exemplo, em tempos também amou, e agora está casado e tem filhos. O capitão Wachter também está casado e é amado, embora tenha uma nuca vermelhusca bem feia e não tenha praticamente cintura... O Salmánov é bruto e demasiado tártaro, mas já teve um romance que culminou em casamento... Eu sou igual a todos eles e hei-de passar pelo mesmo, mais cedo ou mais tarde...»

A ideia de ser um homem vulgar e ter uma vida vulgar alegrou-o e animou-o. Já a desenhava sem receios, a essa vida e às suas felicidades, não restringindo em nada o voo da imaginação...

Quando, pelo anoitecer, a brigada chegou ao destino e os oficiais já descansavam nos abarracamentos, Riabóvitch, Merzliakov e Lobitko sentavam-se em volta de uma arca e jantavam. Merzliakov comia sem pressas e, mastigando vagarosamente, lia a *Véstrnik Evrópi* que equilibrava nos joelhos. Lobitko falava sem parar, sempre a encher o copo de cerveja, e Riabóvitch, com uma neblina na cabeça por um dia inteiro de devaneios, só se calava e bebia. Ao fim de três copos sentiu-se embriagado e mole, com uma vontade insuperável de partilhar com os companheiros a sensação em que vivia.

- Aconteceu-me uma coisa estranha em casa desses Rabbeck... - começou, tentando dar à voz um tom indiferente e irónico. - Fui até à sala de bilhar...

Contou, em muito pormenor, a história do beijo e, um minuto passado, já se calava... Num minuto pôde contar tudo, e ficou terrivelmente espantado por ter precisado de tão pouco tempo. Parecia-lhe que podia falar daquele beijo até ao amanhecer. Ouvindo a história, Lobitko, que mentia muito e como tal não acreditava em ninguém, olhou para ele com desconfiança e soltou uma risadinha. Merzliakov ergueu as sobranceiras e, sem desviar os olhos da *Véstrnik Evrópi*, sentenciou:

- Só Deus sabe o que isso é!... Atirar-se ao pescoço de alguém sem lhe chamar primeiro pelo nome... Uma psicopata qualquer.

- Sim, deve ser psicopata... - concordou Riabóvitch.

- A mim aconteceu-me uma vez o raio de um caso semelhante... - disse Lobitko, fazendo olhos de susto. - Foi no ano passado, eu ia para Kovno... Compro bilhete de segunda classe... A carruagem está cheia como um ovo, é impossível dormir. Dou cinquenta copeques ao hospedeiro... Ele pega-me na bagagem e leva-me para um compartimento... Deito-me, cubro-me com um cobertor... Escuro como breu, estão a ver? Então, faço um movimento com a mão e sinto um cotovelo... Abro os olhos e, imaginem só, é uma mulher! Olhos negros, lábios vermelhos como salmão, do bom, as narinas a arfarem com paixão, os seios ali, como uns...

- Desculpe lá - interrompeu-o com calma Merzliakov - quanto aos peitos, muito bem, eu compreendo, mas como podia ver-lhe os lábios se estava escuro?

Lobitko esquivou-se rindo desdenhosamente da falta de esperteza de Merzliakov. Riabóvitch sentiu-se melindrado. Afastou-se da arca, deitou-se e deu-se a palavra de honra de nunca mais entrar em confidências.

Começava a vida de acampamento... Corriam os dias, todos iguais. E em todos esses dias de bivaque Riabóvitch se sentia, pensava e se portava como um apaixonado. Todas as manhãs, quando o impedido lhe trazia água fria para lavar a cara, despejava-a na cabeça e infalivelmente se lembrava de que existia uma coisa boa e quente na sua vida.

À noite, quando os companheiros entravam de conversa sobre o amor e as mulheres, escutava atento, chegava-se a eles e fazia aquela expressão do soldado que ouve

o relato de uma batalha em que ele próprio entrou. Nas noites em que os oficiais subalternos, já de grão na asa, com o “setter”-Lobitko à cabeça, faziam incursões dom-joanescas à povoação, Riabóvitch alinhava tristemente e, de cada vez, sentia-se profundamente culpado e pedia-lhe perdão, a *ela*... Nas horas de folga ou nas noites de insónia, quando lhe apetecia recordar a infância, o pai, a mãe, enfim, tudo o que lhe era querido e familiar, também lhe vinha à memória Mestétchki, o esquisito cavalo baio, o von Rabbeck, a mulher dele, parecida com a imperatriz Eugénia, o quarto escuro, o rasgão de luz na porta...

A trinta e um de Agosto deixava o acampamento, não com a brigada, só com duas baterias. Durante todo o percurso ia em ânsias, e a sonhar, como se estivesse a caminho da pátria. Ansiava com paixão tornar a ver o invulgar cavalinho raboto, a igreja amarela, a família pouco sincera dos Rabbeck, a sala escura; a «voz interior», que tantas vezes engana os apaixonados, sussurrava-lhe que sim, que ia encontrá-la... Atormentavam-no as perguntas: como encontrar-se com ela? De que falar com ela? Terá ela esquecido o beijo ou não? No pior dos casos, pensava, mesmo que não a encontrasse, ia ser-lhe agradável passar pela sala escura e recordar...

Ao anoitecer surgiram no horizonte a igreja familiar e os celeiros brancos. Bateu o coração de Riabóvitch... Nem ouvia o oficial que ao lado lhe dizia qualquer coisa, esqueceu tudo e só espreitava ansiosamente o rio a brilhar ao longe, o telhado de uma casa, um pombal sobre que voejavam em círculos os pombos iluminados pelo sol poente.

Ao aproximar-se da igreja, e depois, quando ouvia o quartel-mestre sobre o aboletamento, esperava a cada segundo que surtisse de trás da cerca o cavaleiro à paisana a convidar os senhores oficiais para o chá, mas... o relatório do quartel-mestre chegou ao fim, os oficiais apearam-se e foram, muito devagar, para a aldeia, e o cavaleiro não aparecia...

«Agora o Rabbeck vai ficar a saber pelos “mujiques” que chegámos e vai mandar-nos chamar» - pensava Riabóvitch entrando na *izbá*, sem perceber por que acendia uma vela o companheiro e os ordenanças se apressavam a pôr os samovares...

Apoderou-se dele uma inquietação pesada. Deitou-se, depois levantou-se e foi espreitar à janela,

não viesse o cavaleiro. O cavaleiro não chegava. Estendeu-se de novo, tornou a levantar-se meia hora depois e, não aguentando a inquietação, saiu para a rua e caminhou na direcção da igreja. Na praça, junto à cerca, tudo escuro e deserto... No declive do carreiro deparou com três praças, muito calados. Ao darem de caras com Riabóvitch agitaram-se e saudaram. Retribuiu-lhes a continência e pôs-se a descer pelo carreirinho familiar.

Na outra margem, todo o céu estava inundado de tinta rubra; levantava-se a lua; duas camponesas, conversando em voz alta, andavam pela horta a esgalhar folhas de couve; por trás da horta, negrejavam *izbás*... Na margem de cá, tudo na mesma, como em Maio: o carreiro, os arbustos, os salgueiros debruçados para a água... só não se ouvia o destemido rouxinol e não cheirava a álamo nem a erva nova.

Chegado ao parque, Riabóvitch espreitou pelos gradis. No parque, silêncio e escuridão... Só se enxergavam os troncos brancos das bétulas mais próximas e um bocado da alameda, o resto era uma massa escura. Riabóvitch, que escutou e espreitou ansiosamente um bom quarto de hora, sem chegar a ouvir o mínimo som, sem ver a mais ténue luzinha, arrastou-se de volta...

Aproximou-se do rio. Ergueu-se-lhe pela frente o branco do barracão de banhos do general e uns lençóis pendurados nas guardas do pontão de madeira... Subiu ao pontão, ficou ali parado e apalpou, por nada, um lençol. Era áspero e frio. Olhou para baixo, para a água... O rio corria silencioso e rápido, só murmurando imperceptivelmente em redor dos espeques do barracão. A lua vermelha reflectia-se perto da margem esquerda; pequeninas ondas serpenteavam por cima da imagem da lua, esticavam-na, deformavam-na, rasgavam-na em pedaços, como se quisessem arrastá-la com elas...

«Que estupidez! Que estupidez! - pensava Riabóvitch olhando para a água corredia. - Que pouco inteligente é tudo isto!»

Agora que não esperava nada, a história do beijo, a impaciência, as vagas esperanças e a desilusão mostravam-se-lhe à luz clara. Já não estranhava que o cavaleiro do general se não mostrasse, nem nunca chegasse a ver a que um dia, por acaso, lhe dera um beijo destinado a outro; ao contrário, seria estranho se alguma vez a visse...

A água corria, sabe-se lá para onde e para quê. Assim corria em Maio; em Maio, desaguara de um riacho para o rio grande, do rio grande para o mar, do mar para as nuvens, nas nuvens fez-se chuva e talvez, agora, essa mesma água corresse outra vez diante dos olhos de Riabóvitch... Porquê? Para quê?

E todo o mundo, toda a vida pareceram a Riabóvitch uma brincadeira incompreensível, sem sentido... Desviando os olhos da água e lançando-os para o alto, voltou a lembrar-se como o destino, na pessoa de uma mulher desconhecida, o aconchegara sem querer; lembrou os sonhos e as imagens estivais: e a vida caiu-lhe em cima, miserável, incrivelmente aborrecida e incolor...

Quando voltou à *izbá* não encontrou nenhum dos companheiros. O ordenança informou-o que tinham ido todos a casa do «general Fontriábkin», tinha vindo buscá-los um cavaleiro... Por um instante, acendeu-se no peito de Riabóvitch uma alegria. Apagou-a imediatamente, deitou-se na cama e, para fazer pirraça ao destino, como que para o irritar, não foi a casa do general.

*TCHÉKHOV, A. P. "Sobránie Sotchinéni V 12 tomakh" ("Colectânea de Obras" em 12 volumes", fixação de texto e notas de M. Eriómin, Ed. Pravda, Moscovo, 1985, vol. 6, pp. 258-276.*

### *Notas*

<sup>1</sup>*Eugénia Maria de Montijo de Gusmán, condessa de Teba, mulher de Napoleão III; imperatriz dos Franceses de 1853 a 1870, nasceu em Granada, em 1826, e morreu em Madrid em 1920. (N. da T.)*

<sup>2</sup>*Izbá - casa típica dos camponeses russos, feita de troncos.*

<sup>3</sup>*Véstnik Evrópi («Noticiário da Europa») - revista mensal político-literária, editada em S. Petersburgo de 1866 a 1918.*

<sup>4</sup>*Antigas adagas cossacas. A chachka cossaca, lâmina conhecida pelos turcos como yataghan, esteve na origem da adaga-de-orelhas, que veio a ser associada em larga escala à realeza.*



Italo Svevo **O meu ócio**

*Tradução de Rita Ciotta Neves*

**Aron Hector Schmitz (Italo Svevo)** nasceu em Trieste, parte do império austro-húngaro, em 1861, quinto de oito filhos, numa família de comerciantes. Aos doze anos parte com dois irmãos para Würzburg iniciar estudos comerciais e aprender Alemão. Regressando a Trieste aos 17 anos, inscreve-se no Instituto Superior de Comércio e começa a escrever. Em 1886 publica "Uma vida", com o pseudônimo de Italo Svevo. Dois anos mais tarde sai "Senilidade" em folhetim, no "Independente". Casado com uma prima, Livia Veneziani, abandona o Banco em que trabalhava para dirigir a fábrica de vernizes do sogro até esta ser fechada pelos Alemães no princípio da guerra. Começa em 1905 uma longa e frutuosa amizade com James Joyce, então professor na Berlitz School em Trieste. "A consciência de Zeno", o seu terceiro romance, publicado em 1923, concede-lhe sucesso crítico e reconhecimento de um meio restrito. "O meu ócio" é um dos últimos contos de Svevo e provavelmente não terá sido revisto pelo autor: Tudo leva a crer que foi escrito em 1928. É contemporâneo do que poderia ter vindo a ser o seu quarto romance "O Velhote". Svevo morreu na sequência de um acidente de automóvel em Setembro desse ano.

Já não se pode ir procurar o presente nem ao calendário nem ao relógio, que se olham só para estabelecer a própria relação com o passado ou para nos dirigirmos, com uma aparência de consciência, em direcção ao futuro. Eu e as coisas e as pessoas que me rodeiam somos o verdadeiro presente.

Também o meu presente se compõe de vários tempos. Eis um primeiro longuíssimo presente: o abandono dos negócios. Dura há oito anos. Uma inércia comovente. Depois existem acontecimentos importantíssimos que o fraccionam: o casamento da minha filha, por exemplo, um acontecimento completamente passado que se insere no outro longo presente, interrompido - ou talvez renovado, ou melhor, corrigido - pela morte do marido. O nascimento do meu netinho Umberto, também ele tão distante, porque o verdadeiro presente em relação a Umberto é o carinho que sinto por ele, uma conquista sua, que ele desconhece e que pensa pertencer-lhe por nascimento. Ou será que acredita em alguma coisa aquela alma minúscula? O seu, o meu presente em relação a ele, é mesmo o seu passito seguro interrompido por receios dolorosos, mas aliviados pela companhia de bonecos quando não sabe como conquistar a assistência da mãe ou a minha,

do avô. O meu presente é também Augusta, como é agora - pobrezinha! -, com os seus animais, cães, gatos e pássaros, e a sua eterna indisposição, de que não quer tratar-se com a devida energia. Faz o pouco que lhe receita o doutor Raulli e não me quer ouvir nem a mim – que, com força sobre-humana, soube vencer a mesma tendência, a debilidade do coração -, nem ao Carlo, o nosso neto (filho de Guido) regressado há pouco da Universidade e que por isso conhece os medicamentos mais modernos.

É verdade, grande parte do meu presente provém da farmácia. Começou este presente numa época que não saberia precisar, mas a todo momento marcado por medicamentos e conceitos novos. Onde está o tempo em que acreditava ter providenciado a todas as necessidades do meu organismo ingerindo todas as noites uma boa dose de pó de alcaçuz compósito ou daqueles brometos simples em pó ou líquidos? Agora com a ajuda de Carlo tenho à minha disposição outros meios de luta contra a doença. Carlo diz-me tudo o que sabe, eu, pelo contrário, não tudo o que imagino, porque tenho medo de que ele não concorde e que me estrague com objecções o castelo que eu construí com tanto esforço e que me concede uma tranquilidade, uma segurança que as pessoas da minha idade normalmente não têm. Um verdadeiro castelo! Carlo pensa que eu aceito tão prontamente qualquer sugestão sua por ter confiança nele. Nem pensar! Sei que ele sabe muitas coisas e procuro aprendê-las e praticá-las, mas com discriminação. As minhas artérias estão desordenadas e sobre isto não há dúvidas. No verão passado cheguei a uma tensão de 240 mm. Não sei se por essa ou outra causa qualquer foi um período de grande abatimento. Finalmente o iodo em grandes doses e depois outro composto de que nunca me lembro o nome, baixaram a tensão para 160 onde ficou até agora... Deixei de escrever por um momento para ir medi-la naquela maquineta que tenho sempre à mão na minha mesa. É mesmo 160! Antes sentia-me sempre ameaçado pelo ataque apopléctico que sentia mesmo a chegar.

**70** A proximidade da morte não me tornava bom porque quase odiava todos os que não estavam a

ser ameaçados pelo ataque e tinham o aspecto odioso de gente segura que tem pena, se compadece e se diverte.

Mas, conduzido por Carlo, eu tratei também dos órgãos que de forma alguma tinham pedido a minha ajuda. Percebe-se porém que cada um dos meus órgãos se possa sentir cansado depois de tantos anos de trabalho e que lhe faça bem ser ajudado. Eu envio-lhes o socorro que não pediram. Quantas vezes, quando chega a doença, o médico suspira: Fui chamado tarde demais! É melhor, por isso, prever. Não posso iniciar uma cura para o fígado quando este não deu nenhum sinal de estar doente, mas não posso arriscar-me a acabar como o filho dum amigo meu que, com 32 anos e de boa saúde, um belo dia fez-se amarelo como um melão por causa de um violento ataque de icterícia e morreu em quarenta e oito horas. “Nunca tinha adoecido”, dizia-me o pobre pai. “Era um colosso e mesmo assim morreu”. Muitos colossos acabam mal. Eu dei-me conta disso e estou muito contente por não, ser um colosso. Mas a prudência é muito bonita e todas as segundas-feiras dou como presente ao meu fígado um comprimido que o proteja de imprevistas doenças agudas, pelo menos até à segunda-feira seguinte. Tenho vigiado periodicamente os rins e até agora nunca deram sinal de doença. Mas eu sei que podem precisar de uma ajuda. A dieta exclusivamente láctea à terça-feira dá-me uma certa segurança para o resto da semana. Agora só faltava que os outros que nunca se preocuparam com os rins obtivessem deles um bom funcionamento, enquanto eu, que por eles faço todas as semanas um sacrifício, fosse de súbito recompensado pela surpresa que tocou ao pobre do Copley.

Há cerca de cinco anos, fui atingido por uma bronquite crónica que me impedia o sono e me obrigava às vezes a saltar da cama e a passar todas as noites várias horas sentado numa poltrona. O médico não me quis dizer nada, mas tratava-se certamente também de uma debilidade cardíaca. Raulli mandou-me então deixar de fumar, emagrecer e comer pouca carne. Já que deixar de fumar era difícil, procurei compensar renunciando totalmente à carne. Nem sequer emagrecer era fácil. Pesava **71**

naquela altura exactamente noventa e quatro quilos. Em três anos consegui perder dois quilos e por aquele andar, para chegar ao peso desejado pelo Raulli, precisaria de mais dezoito anos. Mas é bastante difícil comer pouco quando se deve renunciar à carne.

Tenho de confessar que devo o meu emagrecimento justamente ao Carlo. Foi um dos seus primeiros sucessos médicos. Propôs-me que saltasse uma das refeições diárias e eu resolvi sacrificar o jantar que nós, em Trieste, fazemos às oito da noite enquanto os outros italianos almoçam ao meio dia e jantam às sete. Todos os dias estou em jejum ininterruptamente durante dezoito horas.

Entretanto, comecei a dormir melhor. Senti logo que o coração, já livre do trabalho da digestão, podia dedicar todo o seu pulsar a irrigar as veias, a afastar os resíduos do organismo, a alimentar sobretudo os pulmões.

Eu, que já tinha experimentado a horrível insónia, a agitação enorme de quem anela pela paz e por isso mesmo a perde, ficava ali, inerte, à espera pacífica do calor e do sono que chegava longamente, um verdadeiro parêntesis na dura vida. O sono depois de uma boa refeição é outra coisa - o coração trata só da digestão e fica dispensado de qualquer outra tarefa.

Chegou-se assim à conclusão de que, em primeiro lugar, eu era mais capaz de me abster, do que de moderar-me. Era mais fácil eliminar o jantar que limitar a comida ao almoço e ao pequeno almoço. Aí não havia limitações. Duas vezes por dia podia comer quanto queria. Não fazia mal, porque depois se seguiam dezoito horas de autofagia. Antes, o almoço de massas e hortaliça era completado por alguns ovos. Depois, aboli-os também, não por vontade de Raulli ou de Carlo, mas em virtude dos conselhos sensatos de um filósofo, Herbert Spencer, que descobriu uma certa lei segundo a qual os órgãos que - por sobrealimentação - se desenvolvem com demasiada rapidez, têm menos força do que os que levam mais tempo a crescer.

Tratava-se de crianças, evidentemente, mas eu  
**72** estou convencido de que a própria mudança é,

em si mesma, um desenvolvimento e que mesmo a uma criança de setenta anos faz bem esfomear os seus órgãos mais do que alimentá-los em demasia. Depois, o Carlo concordou plenamente com o meu teorema, tanto que às vezes quer fazer crer que foi ele o inventor.

Neste esforço de renunciar ao jantar foi-me de grande utilidade o fumo com o qual, pela primeira vez na minha vida, me reconciliei também na teoria. O fumador sabe jejuar melhor que os outros. Uma boa fumaça adormece qualquer apetite. É mesmo graças ao fumo que eu penso ter sabido reduzir o peso do meu corpo exactamente até aos oitenta quilos. Uma grande tranquilidade, a de fumar por medida higiénica. Fuma-se um pouco mais com a consciência perfeitamente tranquila. No fundo, a saúde é um estado verdadeiramente milagroso. Conseguida através de uma colaboração entre vários órgãos cujas funções conhecemos, mas nunca completamente (como admite até o próprio Carlo que detém toda a ciência, mesmo a da nossa ignorância) pode concluir-se que a saúde perfeita não existe. Doutro modo, seria também milagroso que acabasse. O que se move podia mover-se eternamente. Por que não? Não é esta a lei no céu que é certamente igual à lei que vigora na terra? Mas sei que logo desde o nascimento a doença está prevista e preparada. Logo desde o início haverá alguns órgãos mais fracos que obrigam a um esforço maior de outro órgão fraterno e onde há esforço, produz-se a fadiga e finalmente a morte.

Por isso, só por isso, a doença seguida da morte não revela nenhuma desordem na nossa natureza. Eu sou demasiado ignorante para saber se lá em cima no céu, como aqui na terra, haverá também a possibilidade da morte e da reprodução. Só sei que algumas estrelas e também alguns planetas têm movimentos menos completos. Certamente um planeta que não roda sobre si mesmo é coxo ou cego ou corcunda.

Mas entre os nossos órgãos há um que é o centro, como o sol num sistema planetário. Até há poucos anos pensava-se que fosse o coração. Hoje em dia todos sabem que a nossa vida inteira depende do órgão

sexual. Carlo torce o nariz perante as operações de rejuvenescimento mas também ele, quando se fala de órgãos sexuais, tira o chapéu. Diz: «Se se conseguissem rejuvenescer os órgãos sexuais com certeza que todo o organismo ficaria mais jovem». Não era preciso ensinarem-mo. Chegava lá sozinho. Mas não se pode conseguir. É impossível. Deus sabe qual é o efeito da glândula do macaco. Talvez a pessoa operada, ao ver uma mulher bonita, se sinta induzido a trepar à árvore mais próxima. Esse também é um acto bastante juvenil. É compreensível - a mãe natureza é maníaca, isto é, tem a mania da reprodução. Mantém em vida um organismo com a esperança de que se possa reproduzir. Depois mata-o e fá-lo das maneiras mais diversas por aquela sua outra mania de permanecer misteriosa. Não gostaria de revelar o seu pensamento fazendo recurso sempre à mesma doença para suprimir os velhos. Uma doença que torne clara a razão da nossa morte, um pequeno cancro sempre no mesmo sítio.

Eu sempre tive muito espírito de iniciativa. Excluída a operação, quis burlar a mãe natureza fazendo-lhe crer que ainda estava apto para a reprodução e arranjei uma amante. Foi a relação mais calma que já tive na vida. Em primeiro lugar, não a senti como um erro, ou como uma traição para com a Augusta. Teria sido um sentimento estranho. Parecia-me que o facto de arranjar uma amante fosse uma decisão equivalente à de entrar numa farmácia.

Depois, naturalmente, as coisas complicaram-se um pouco. Acaba-se por perceber que não se pode utilizar uma pessoa inteira como um medicamento. É um medicamento complexo que também contém uma forte porção de veneno. Eu não era ainda completamente velho. É uma história de há três anos e tinha então 67 anos. Não era ainda um velho. Por isso mesmo o meu coração que, como órgão de importância secundária não devia entrar nesta aventura, acabou por participar nela. E assim aconteceu que um dia a própria Augusta tirou alguma vantagem da minha aventura e foi acariciada, amada, compensada como no tempo da Carla. O curioso é que não se mostrou surpreendida, nem se deu conta da novidade. Ela

vive na sua grande calma e acha natural que eu me ocupe menos dela que no passado, mas a actual inércia não diminui a nossa ligação, que foi entrelaçada de carícias e palavras afectuosas. Estas carícias e palavras afectuosas não precisam de ser repetidas para que entre nós continue, exista nalgum lugar, a mesma ligação sempre viva e sempre igualmente íntima. Quando um dia, para acalmar a minha consciência, passei dois dedos por baixo do seu queixo e a fixei longamente nos olhos fiéis, ela com abandono encostou-se a mim e ofereceu-me os lábios: “Ficaste sempre carinhoso, tu”. Isto surpreendeu-me um pouco naquele momento. Depois olhando com atenção para o passado, deixo conta na verdade de que o meu afecto por ela nunca tinha deixado de existir. Tinha-a mesmo abraçado um pouco distraidamente todas as noites antes de fechar os olhos.

Foi bastante difícil encontrar a mulher que procurava. Em casa não havia nenhuma que se adaptasse a tal ofício, tanto mais que eu era contrário a sujar a minha casa. Tê-lo-ia feito dada a necessidade em que me encontrava de burlar a mãe natureza, para que não me enviasse ainda a doença final, e a grande, enorme dificuldade de encontrar fora de casa o que convinha a um velho ocupado com a economia política, como eu era, mas não havia maneira.

A mulher mais bonita na minha casa era mesmo Augusta. Havia uma mocinha de catorze anos que Augusta empregava para certos trabalhos. Percebi que se me tivesse aproximado dela, a mãe natureza não teria acreditado em mim e ter-me-ia rapidamente eliminado com algum raio que também está sempre à sua disposição.

Não vale a pena contar como encontrei Felicita. Eu, por amor à higiene, ia todos os dias fornecer-me de cigarros muito além da praça da Unità, o que implicava a obrigação de um passeio de mais de meia hora. A vendedora era uma velha, mas a proprietária da loja, que lá passava várias horas por dia a vigiar, era justamente a Felicita, uma rapariga de cerca de vinte e quatro anos. No início pensei que ela tivesse herdado a licença; muito mais tarde soube que a tinha comprado com o seu dinheiro.

Foi lá que a conheci. Logo chegámos a um acordo. **75**

Gostava dela. Era uma loirinha que se vestia de muitas cores, tecidos que não me pareceram de alto preço, mas sempre novos e muito vistosos. Era vaidosa da sua beleza feita de uma cabecinha pequena inchada por cabelos cortados curtos mas intensamente frisados e uma figurinha graciosa muito direita como se tivesse lá dentro uma estaca que a fazia pender um pouco para atrás. Percebi logo o seu gosto pelas muitas cores. Em casa, este gosto revelava-se abertamente. A casa às vezes não estava bem aquecida e uma vez registei as suas cores: um lenço vermelho na cabeça atado ao gosto das nossas camponesas, um lenço de brocado amarelo nas costas, um avental bordado de vermelho amarelo e verde por cima da saia azul e um par de pantufas bordadas com lã de várias cores. Uma verdadeira figurinha oriental, enquanto a carinha pálida era mesmo das nossas aldeias com aqueles olhos que olhavam para coisas e pessoas atentamente para daí poder tirar toda a vantagem. Foi logo estabelecida uma mesada e, para dizer a verdade, tão substancial que eu com tristeza a comparei àquelas muito mais pequenas de antes da guerra. E a cara Felicita no dia 20 do mês já começava a falar do salário que estava para findar, o que estorvava uma boa parte do mês. Ela foi sincera, transparente. Eu nem tanto e ela nunca soube que a tinha procurado depois do estudo de textos de medicina.

Cedo também eu me esqueci disto. Devo dizer que ainda hoje tenho saudade daquela casa toda rústica, tirando um quarto arranjado com bom gosto e com o luxo correspondente ao que eu pagava, de cores muito sérias e pobre de luz em que Felicita aparecia como uma flor variegada. Havia um irmão de Felicita que morava na mesma casa. Um homem muito sério, bom operário electrotécnico, que ganhava muito bem ao dia. Tinha um aspecto macilento, todavia não era por isso que não tinha casado, mas sim para poupar, como foi fácil de perceber. Eu falava com ele todas as vezes que Felicita o chamava para arranjar os fusíveis do nosso quarto. Descobri que irmão e irmã estavam de acordo para juntar o mais rapidamente possível uma certa fortuna. Felicita levava uma vida

muito pacata entre a loja e a casa e Gastone entre a oficina e a casa. Felicita devia ganhar muito mais que Gastone, mas isto não tinha importância já que a ajuda daquele irmão - como soube mais tarde - lhe parecia necessária. Fora ele a organizar o negócio da licença que se revelou como um bom investimento. Ele estava tão convencido de levar a vida do homem justo, que tinha palavras de desprezo para com todos os operários que gastavam sem pensar no dia de amanhã.

Em suma, estávamos bastante bem juntos. O quarto, muito sério, era tão cuidado que fazia um pouco lembrar um consultório médico. Só que Felicita era um remédio bastante azedo, que era preciso engolir sem dar tempo aos órgãos do palato de saboreá-lo por muito tempo. Logo no início, mesmo antes de termos o contrato, e para me encorajar a fazê-lo, encostando-se a mim, disse-me: “Juro-te que não me metes nojo.” Era bastante doce porque dito com grande carinho, mas surpreendeu-me. Eu, para dizer a verdade, nunca tinha pensado que não metesse nojo. Ou melhor, acreditara ter voltado ao amor, do qual desde há muito tempo me tinha privado por uma falsa interpretação das leis da higiene, para me conceder, me entregar a quem me tivesse desejado. Esta teria sido a verdadeira prática higiénica que desejava e que, de outra maneira, seria incompleta e pouco eficaz. Mas apesar do dinheiro que pagava para a cura, não ousei explicar a Felicita de que maneira eu a desejava. E ela, muitas vezes, abandonando-se-me, estragava tudo com a sua ingenuidade: “É curioso! Não me metes nojo.” Um dia, com a brutalidade de que sou capaz em certas ocasiões, murmurei-lhe docemente ao ouvido: “É curioso! Tu também não me metes nojo”. Isto fê-la rir de tal maneira que a cura foi interrompida.

No entanto, eu às vezes ousei gabar-me com os meus botões, para me elevar, sentir-me mais seguro, mais digno, mais alto, para esquecer ter dedicado uma parte da minha vida ao esforço de não meter nojo, que Felicita, nalgum breve momento da nossa longa relação, apesar de tudo me tenha amado. E quando procuro uma sincera expressão de carinho da sua parte, não a

encontro nem na doçura sempre igual com que ela me recebia, nem nos cuidados maternos com que me protegia das correntes de ar, nem, uma vez, na sua solicitude ao cobrir-me com um sobretudo do irmão ou ao emprestar-me um chapéu de chuva porque enquanto estávamos juntos, fora tinha deflagrado um temporal, mas lembro-me de um balbuciar sincero: “Como me metes nojo, como me metes nojo!”.

Um dia em que, como sempre, falava de medicina com Carlo, ele disse-me: “Tu precisavas era de uma menina doente de gerontomania.” Quem sabe? Não o confessei a Carlo, mas talvez essa menina, eu já a tivesse encontrado uma vez, e depois perdido. Mas não acredito que Felicita tenha sido uma sincera gerontómana. Levava-me demasiado dinheiro para pensar que me amasse tal como sou.

Foi com certeza a mulher mais cara que já conheci em toda a minha vida. Estudava com serenidade, com aqueles seus belos olhos serenos, muitas vezes entreabertos para melhor perscrutar, até que ponto eu me deixaria saquear. No início e durante muito tempo contentou-se só com a mensalidade porque eu, que ainda não era escravo da necessidade do hábito, me recusava a despesas maiores. Muitas vezes tentou meter-me a mão no bolso e de lá a tirou para não se expor ao risco de perder-me. Mas mais tarde, uma vez conseguiu. Conseguiu de mim o dinheiro de um casaco de peles bastante caro que depois nunca vi. Uma outra vez fez-me pagar um vestido, um modelo de Paris e mostrou-mo. Mas apesar da minha cegueira, os seus vestidos coloridos não se podiam esquecer e descobri que já a tinha visto usá-lo. Era uma mulher poupada e simulava o capricho só porque pensava que um homem compreende melhor o capricho do que a avareza numa mulher. E eis como contra a minha vontade a relação terminou.

Eu tinha a possibilidade de ir a casa dela duas vezes por semana, a horas determinadas. Mas aconteceu que uma terça-feira, quando me dirigia para lá, descobri a meio do caminho que preferia ficar sozinho. Voltei para o meu escritório e dediquei-me serenamente a ouvir no gramofone a Nona Sinfonia de Beethoven.

Na quarta-feira seguinte era capaz de não ter sentido tão forte o desejo de Felicita, mas foi exactamente a minha avareza que me empurrou para ela. Pagava uma forte mesada e de certa maneira não aproveitando dos meus direitos acabava por pagar demais. É preciso também lembrar que, quando começo uma cura, sou muito escrupuloso a aplicá-la com a precisão mais científica. Só assim, feitas as contas, se pode julgar se a cura é boa ou má.

Com a rapidez que as minhas pernas me concedem fui àquele eu pensava que fosse o “nosso” quarto. Mas que, no momento, pertencia a outro. O gordo Misceli, um homem quase da minha idade, estava sentado num cadeirão num canto, enquanto Felicita estava comodamente deitada no sofá e ocupada a saborear um grande cigarro muito fino, daqueles que não se encontravam na sua loja. No fundo, era exactamente a posição em que nos encontrávamos Felicita e eu quando estávamos sozinhos, com a diferença de que, enquanto Misceli não fumava, eu associava-me a Felicita fumando também.

“O senhor deseja alguma coisa?” perguntou Felicita gelidamente e a olhar atentamente para as unhas da mão que segurava o cigarro.

Eu não encontrava nenhuma palavra para lhe dizer. Foi-me a palavra facilitada pelo facto de, na verdade, não sentir nenhum ressentimento pelo Misceli. O homem gordo, velho como eu, na aparência muito mais velho porque atrapalhado pelo seu grande peso, espreitava-me hesitante por trás dos óculos brilhantes postos na ponta do nariz. Eu sinto sempre os outros velhos como mais velhos do que eu.

“Oh, Misceli” disse decidido, com intenção de não fazer cenas, “há tanto tempo que a gente não se vê”. E estendi-lhe a mão, em que pôs a sua, gorda, que ali deixou inerte. Nem abriu a boca! Na verdade, mostrava-se mais velho do que eu.

Naquele momento, com a objectividade própria do homem ajuizado, eu tinha percebido perfeitamente que a minha posição era igual à do Misceli. Achei por isso que não havia lugar para ressentimento. No

fundo, não era senão um banal encontrão num passeio. Continua-se em frente, apesar de quanto possa doer a parte eventualmente atingida, murmurando um pedido de desculpa.

Com este pensamento, o cavalheiro que sempre fui reapareceu inteiro dentro de mim. Pareceu-me ser meu dever tornar mais fácil também a posição de Felicita. E disse-lhe: “Ouça, menina, precisava de umas cem caixinhas de cigarros ‘sport’, mas bem escolhidos, porque são para dar de presente. Suaves, não se esqueça. A loja é um pouco longe e tomei a liberdade de subir por um instante.”

Felicita deixou de olhar para as unhas e foi muito delicada. Levantou-se e quis acompanhar-me até à porta. Em voz baixa, com um forte tom de censura chegou a dizer-me: “Por que não vieste ontem?” E depois, de repente: “E por que vieste hoje?”

Ofendeu-me. Era repugnante ver-me limitado a dias fixos e por aquele preço. Permiti-me logo o alívio de deixar explodir o meu rancor: “Vim aqui só para te avisar de que não quero mais saber de ti e que nunca mais nos voltamos a ver!”

Ela olhou para mim surpreendida e para me ver melhor afastou-se, inclinando-se por um momento ainda mais para trás. Para dizer a verdade era uma posição estranha, mas que lhe dava uma certa graça de pessoa segura que sabe manter o equilíbrio mais difícil.

“Como quiseres” disse, encolhendo os ombros. Depois, para ter a certeza de ter compreendido bem, no momento de abrir a porta perguntou-me: “Então não voltaremos a encontrar-nos?” E olhou-me, perscrutando a minha cara.

“É verdade, não voltaremos a encontrar-nos”, disse eu com uma certa raiva. Preparava-me para descer as escadas quando o gordo Misceli se aproximou ruidosamente da porta, gritando: “Espera, espera, também vou contigo. Já disse à menina de quantos cigarros ‘sport’ é que preciso. Cem. Como para ti”. Descemos juntos as escadas enquanto Felicita, depois de uma longa hesitação que me agradou, fechou a porta.

Descemos a grande ladeira que levava à praça da Unità, lentamente, com cuidado para vermos onde púnhamos os pés. Na ladeira ele, mais pesado, parecia certamente mais velho do que eu. Houve até um momento em que tropeçou e ameaçava cair, e eu prontamente o ajudei. Não me agradeceu. Estava um pouco ofegante e a canseira ainda não tinha acabado. Por isso, só por isso, não falava. Tanto é que, quando chegámos à parte plana atrás do palácio municipal, soltou-se-lhe a língua e falou: "Eu não fumo os 'sport'. Mas é o cigarro preferido pelo nosso povo. Tenho de dar um presente ao meu carpinteiro e então queria arranjar alguns daqueles bons que a menina Felicita sabe encontrar." Agora que falava, só podia avançar passo a passo. Parou completamente para vasculhar um bolso das calças. Tirou uma cigareira de ouro; carregou num pequeno botão e a caixa abriu-se. "Queres um?" perguntou. "Não têm nicotina." Eu aceitei e também parei para o acender. Ele parara só para guardar novamente a cigareira no bolso. E eu pensei: "Podia arranjar-me um rival mais digno de mim." De facto, eu mexia-me melhor do que ele tanto na subida como na parte plana. Em comparação, eu até parecia um rapaz. Ainda por cima, fumava cigarros sem nicotina, sem nenhum sabor. Como era mais viril eu, que sempre tentara deixar de fumar, mas nunca ma passara pela cabeça a velhacaria dos cigarros sem nicotina.

Chegámos como Deus quis à porta do Tergesteo onde nos devíamos separar. O Misceli agora falava de coisas bem diferentes: negócios da Bolsa em que ele era grande especialista. Mas parecia-me acalorado e também um pouco absorto.

Achava, numa palavra, que ele falava mas não se ouvia a si mesmo. Era como eu, que de maneira nenhuma estava a ouvi-lo, mas olhava-o procurando entender precisamente o que ele não dizia.

E não quis separar-me dele sem tentar informar-me melhor sobre o que pensava. E, por isso, comecei por me expor inteiramente, desabafando: "Aquela Felicita é mesmo uma desavergonhada." O Misceli deu-me um novo espectáculo, o do seu embaraço. A

grossa mandíbula inferior tinha um movimento que fazia lembrar o dos ruminantes. Preparava-se para falar movendo aquele órgão antes de saber o que ia dizer?

Depois disse: “Não me parece. Tem ótimos ‘sport’.” Queria continuar a estúpida comédia até ao infinito. Eu zanguei-me. “Mas afinal vais voltar a ver a menina Felicita?” Mais um momento de hesitação. A mandíbula estendeu-se, viajou para a esquerda e voltou para a direita, antes de se pôr no seu lugar. Depois disse e pela primeira vez traía um grande desejo de se rir: “Com certeza, hei-de lá voltar assim que precisar de mais ‘sport’”.

Eu também me ri. Mas quis outras explicações: “Então por que é que te vieste embora hoje?”.

Ele hesitou e vi que nos seus olhos sombrios que se fixavam no fundo do bairro se manifestava uma grande tristeza. “Eu tenho preconceitos. Quando sou interrompido nalguma coisa penso reconhecer logo a mão da providência e abandono tudo. Uma vez ia a caminho de Berlim, para um negócio importante e parei em Sesanna onde o comboio não sei porquê foi impedido de avançar durante várias horas. Não creio que as coisas deste mundo devam ser forçadas... sobretudo na nossa idade.”

Não me bastou e perguntei-lhe: “Não te importaste de ver que eu também ia buscar os ‘sport’ a casa da menina Felicita?”.

Ele respondeu logo, decidido, de maneira que a sua mandíbula não teve tempo de rodar: “E que me importa! Ciumento eu? Nunca mais! Estamos velhos, nós os dois. Estamos velhos! De vez em quando podemos dar-nos ao luxo de fazer amor. Mas não devemos ser ciumentos, se não facilmente caímos no ridículo. Ciumentos nunca! Ouve o que te digo, nunca te mostres ciumento porque todos se ririam de tí”.

As palavras têm um ar bastante inofensivo, escritas agora nesta carta, mas o tom era muito forte, cheio de ira e de desprezo. Com o gordo carão vermelho, encostara-se a mim e, mais pequeno do que eu, media-me, olhando para cima como se procurasse descobrir

Por que é que estava zangado comigo no próprio instante em que declarava que não era ciumento? Que mais lhe tinha eu feito? Talvez estivesse zangado comigo porque o seu comboio parara em Sesanna quando ele queria ir para Berlim. Nem eu era ciumento. Ou melhor, teria querido saber quanto é que ele pagava mensalmente a Felicita. Parecia-me que se tivesse sabido que - como me parecia justo - ele pagasse mais do que eu, ter-me-ia dado por satisfeito. Mas nem sequer tive tempo de indagar. De repente o Misceli fez-se mais manso e apelou à minha discricção. A sua brandura converteu-se em ameaça quando me lembrou que estávamos nas mãos um do outro. Tranquilei-o: eu também era casado e sabia que importância podia ter no nosso caso uma palavra imprudente.

“Oh! - disse com um gesto tranquilizador - não é pela minha mulher que te peço discricção. A minha mulher já há muitos que não se ocupa de certas coisas. Mas sei que tu também estás a ser tratado pelo doutor Raulli. Pois acontece que ele ameaçou abandonar-me se não seguisse as suas indicações, se bebesse um único copo de vinho, se não fumasse só dez cigarros por dia, e sem nicotina, e senão me abstinésse... de tudo o resto. Ele diz que o corpo de um homem da nossa idade só está em equilíbrio por não saber decidir para que lado é que vai cair. Por isso não se lhe deve mostrar o tal lado, porque nesse caso a sua decisão seria fácil. Continuou a lamentar-se: ”No fundo, é fácil dar receitas a outrem: não faças isto, nem aquilo, nem aqueloutro. Poder-se-ia também dizer-lhe que em vez de viver assim era melhor uma pessoa resignar-se a viver, alguns meses menos.”

Ficou ainda um bocado comigo e aproveitou para se informar da minha saúde. Disse-lhe que tinha chegado uma vez aos 240 milímetros de tensão e ele gostou muito disso porque só tinha chegado aos 220. Com um pé no degrau que leva ao Tergesteo fez-me uma saudação amigável e disse-me: “E boca fechada, peço-lhe.”

A bela figura de retórica utilizada pelo Raulli sobre o corpo do velho que fica de pé por não saber para que lado há-de cair, obcecou-me durante al-

guns dias. Pois o velho doutor quando falava de “lado” entendia “órgão”. E aquele “equilíbrio” tinha também o seu significado. Raulli devia saber o que estava a dizer. Para nós, os velhos, quando se diz saúde deve entender-se um enfraquecimento progressivo e contemporâneo de todos os órgãos. Cuidado se um deles se atrasa, demasiado juvenil. Eu imagino que, nesse caso, a colaboração pode transformar-se em luta e que os órgãos fracos passarão a ser tratados a murro, pode-se imaginar com que magnífico resultado para a economia geral. A intervenção do Misceli podia por isso ter sido desejada pela providência que tutelava a minha vida e que até me tinha dito através da boca da mandíbula vagante como é que eu me devia portar.

E voltei pensativo ao meu gramofone. Na nona sinfonia reencontrei os órgãos em colaboração e em luta. Em colaboração num primeiro tempo, especialmente no “scherzo”, onde até aos tímpanos é permitido sintetizar com duas notas o que à sua volta todos estão a murmurar. A alegria do último tempo pareceu-me uma rebelião. Rude, com uma força que é violência cheia de breves lamentos e hesitações. Não é por acaso que intervém no último tempo a voz humana, o som menos racional de toda a natureza. É verdade que dantes eu tinha interpretado diversamente aquela sinfonia como a mais intensa representação do acordo entre as forças mais divergentes, em que finalmente é recebida e fundida também a voz humana. Mas naquele dia a sinfonia saída destes mesmos discos pareceu-me como referi.

“Adeus, Felicita”, murmurei quando a música morreu. Nunca mais tinha de pensar naquilo. Não valia a pena, por causa dela, correr o risco do desabamento repentino. Havia tantas teorias médicas neste mundo que era difícil deixar-se guiar por elas. Os preguiçosos dos médicos tinham contribuído apenas para tornar a vida mais difícil. As coisas mais simples são demasiado complicadas. Abster-se de bebidas alcoólicas é uma prescrição evidente.

Mas, por outro lado, sabe-se que o álcool tem propriedades curativas. Terei então que esperar a

intervenção do médico para me conceder o conforto de tão poderoso remédio? Não há dúvida de que a morte é às vezes o resultado de um inesperado capricho, que poderia ser passageiro, de um órgão ou da casual coincidência momentânea de várias deficiências. Seria momentânea - quero dizer - no caso de não se lhe seguir a morte.

É preciso fazer com que seja momentânea. Por isso, a intervenção deve ser rápida e se possível deve antecipar a cãibra derivada da excessiva actividade, ou o colapso por inércia. De que serve esperar o médico que vem e corre a pôr na conta a sua visita? Só eu posso ser avisado a tempo da necessidade de uma intervenção, por causa de um ligeiro mal-estar. Infelizmente os médicos não estudaram o que possa ajudar neste caso. Por isso tomo várias coisas: engulo um laxante com um golo de vinho e depois fico a estudar-me. Pode haver necessidade de uma outra intervenção: um copo de leite com umas gotas de digitálica. As quantidades minúsculas que foram aconselhadas por esse homem insigne que foi Hannemann. As quantidades minúsculas cuja mera presença basta para produzir as reacções necessárias ao activar da vida, como se um órgão, mais que ser alimentado ou excitado, precisasse de ser lembrado. Vendo uma gota de cálcio exclama: "Oh, olha! Tinha-me esquecido. O meu dever é trabalhar."

Esta era a condenação de Felicita. Não era possível doseá-la.

À noite veio a minha casa o irmão de Felicita. Ao vê-lo, apanhei um susto de todo o tamanho, tanto mais que foi a própria Augusta que o levou até ao meu escritório. Temendo o que ele quisesse dizer-me, fiquei todo contente quando Augusta se afastou. Ele desatou os nós de um lenço de que tirou um embrulho: cem caixinhas de cigarros "sport". Distribuíu-as em cinco partes de vinte caixas cada uma e foi por isso fácil verificar a sua quantidade. Mostrou-me depois como cada caixinha era macia ao tacto. Tinham sido escolhidas uma por uma de uma grande remessa. Tinha a certeza de que eu gostaria.

De facto, fiquei contentíssimo, porque depois de um susto tão grande, sentia-me comple-

tamente tranquilizado. Paguei alegremente logo as 1600 liras que lhe devia e também lhe agradei. Alegremente também porque estava com imensa vontade de rir. Curiosa mulher aquela Felicita que, abandonada, não negligenciava os interesses da sua loja.

Mas o homem pálido, comprido, esgalgado, depois de ter enfiado no bolso as liras recebidas, não dava ainda sinais de querer ir-se embora. Não parecia o irmão de Felicita. Eu já o tinha visto outras vezes mas mais bem vestido. Agora estava sem colarinho e trazia o fato limpo, mas muito coçado. Estranho que sentisse também a necessidade de usar o chapéu próprio dos dias de trabalho: esse, então, estava mesmo sujo e deformado pelo muito uso.

Olhava-me intensamente e hesitava em falar. Parecia que o seu olhar um pouco turvo em que a luz brilhava me convidasse a despropósito a adivinhar o que tinha a dizer-me. Quando, por fim, falou, o seu olhar fez-se ainda mais suplicante, tão suplicante que acabou por me parecer ameaçador. Para já, suplicar intensamente é muito parecido com ameaçar. Percebo muito bem porque é que, deixadas na mão de certos camponeses, as imagens dos Santos, a quem foram dirigidas as preces, acabem por castigo debaixo da cama.

No fim disse com voz segura: “Felicita diz que estamos no dia dez”.

Olhei para o calendário do qual diariamente tiro uma folhinha e disse: “Tem toda a razão. Hoje é dia dez. Não há dúvida”.

“Mas então”, disse ele hesitante, “ela é credora do mês todo”.

Um momento antes de ele falar eu tinha percebido porque me tinha levado a olhar para o calendário. Creio ter corado no momento em que descobria que entre irmão e irmã tudo era claro, sincero, honesto na base de contas precisas. A única palavra que me surpreendeu foi o pedido explícito sobre o pagamento do mês todo. Estava também eu na dúvida sobre se deveria pagar alguma coisa.

**86** Na minha relação com Felicita não tinha feito as

contas com tanta precisão. Não tinha eu pago sempre adiantado e não estava por isso saldada aquela fracção do mês com o pagamento já feito? E fiquei um pouco de boca aberta a olhar para aqueles olhos estranhos, para perceber se eram suplicantes ou ameaçadores. É próprio do homem de grande e longa experiência como a minha não saber como comportar-se, porque sabe que de uma palavra sua, de uma sua acção podem resultar as coisas mais imprevisitas. Basta ler a história universal para saber como causas e efeitos podem colocar-se nas relações mais estranhas. Na minha hesitação peguei entretanto na carteira e também contei o dinheiro, tomando atenção a não trocar uma nota de cem liras por uma de quinhentas. E, acabando de contar as notas, entreguei-lhas. Assim, ficou tudo resolvido enquanto eu acreditava agir para ganhar tempo. E pensei: “Agora pago e depois penso nisso”.

Mas o irmão de Felicita é que não pensou mais no assunto, tanto que o seu olho deixou de me fitar e perdeu toda a intensidade. Meteu o dinheiro num bolso diferente daquele onde tinha posto as cento e sessenta liras. Guardava as contas e o dinheiro separados. Cumprimentou-me: “Boa noite, senhor” e saiu. Mas logo regressou porque se esquecera, na cadeira onde o tinha posto, de um outro embrulho semelhante àquele que me tinha entregue. Para se desculpar de ter regressado, disse-me: “São mais cem caixinhas de ‘sport’ que tenho de levar a um outro senhor.”

Eram com certeza para o pobre Misceli, que também não suportava aqueles cigarros. Eu, porém, fumei-os todos, fora algumas caixinhas que ofereci ao meu “chauffeur”, Fortunato. Quando pago alguma coisa, mais cedo ou mais tarde acabo por consumi-la. É uma prova do sentido de economia que tenho em mim. E de cada vez que sentia o sabor a palha na boca lembrava-me mais vividamente de Felicita e do seu irmão. Depois de muito pensar consegui lembrar-me com absoluta certeza de não ter pago adiantadas as mensalidades que devia. Depois de ter acreditado que tinha sido aldrabado, foi grande o meu alívio quando descobri que pagara só vinte dias a mais.

Acho que voltei mais uma vez à casa de Felicita, antes que passassem os vinte dias já pagos, só por causa do mesmo já louvado sentido de economia que me tinha também feito engolir os “sport”. Disse para mim: “Já que paguei, quero uma vez mais - a última - correr o risco de indicar ao meu organismo para que lado é que há-de desabar. Só uma vez! Não há-de aproveitar a ocasião propícia!”

A porta do apartamento abriu-se justamente quando me preparava para tocar. Na obscuridade, vi com surpresa a bela carinha pálida fechada como numa viseira pelo pequeno chapéu vermelho que lhe cobria a cabeça até aos ouvidos e à nuca. Um caracol loiro, só um, saía do chapéu sobre a testa. Sabia que àquela hora ela costumava ir à loja dirigir a parte mais complicada da sua gestão comercial. Mas esperava fazê-la atrasar aquele pouco tempo de que eu precisava.

Ela não me reconheceu logo na escuridão. Pronunciou em tom de pergunta um nome que não era nem o meu nem o do Misceli, mas que não ouvi bem. Quando me reconheceu estendeu-me a mão gentilmente, sem sombra de ressentimento e com alguma curiosidade. Eu segurei entre as minhas a sua mãozinha fria e tornei-me agressivo. Ela deixou a mão inerte, mas afastou a cabeça. Nunca a estaca que ela fazia lembrar se tinha inclinado tanto para trás, de tal maneira que me senti tentado a largar a mão para a agarrar pela cintura, só para a amparar.

E a cara distante, adornada pelo único caracol, olhava-me. Mas olhava mesmo para mim? Não olhava antes para um problema em que ela se tinha metido e que precisava de uma solução rápida, logo, ali nas escadas?

“Agora é impossível”, disse, depois de uma longa hesitação. Olhou outra vez para mim. Depois desapareceu dela toda a hesitação. A sua figurinha ficou naquela posição tão perigosa, imóvel, e a carinha ficou pálida e séria por baixo do caracol louro, mas sem pressa, como se agisse em virtude de uma resolução séria, retirou a mão.

“Sim! É impossível.” acrescentou. Repetia-se para me fazer acreditar que ainda estudava a possibili-

lidade de um meio de me satisfazer, mas além desta repetição não havia nela nenhum sinal de que estivesse verdadeiramente a calcular e a pensar.

Ela tinha já decidido, definitivamente.

E disse-me, então: "Devias, se pudesses, voltar no início do mês... verei... vou pensar nisso."

Foi há pouco, só desde que escrevi esta história dos meus amores com Felicita, que me tornei suficientemente objectivo para me julgar - a mim e a ela - com razoável justiça. Eu estava ali para afirmar o meu direito aos poucos dias que ainda faltavam para o termo da minha assinatura. Ela, pelo contrário, comunicava-me que eu, com a minha renúncia, tinha perdido esse direito. Penso que, se me tivesse proposto pagar logo para iniciar uma nova assinatura, teria sofrido menos. Tenho a certeza, igualmente, de que não teria fugido. Eu, naquele momento, estava virado para o amor e é justamente na minha idade que mais nos parecemos com o crocodilo na terra firme que, diz-se, precisa de muito tempo para mudar de direcção. Teria pago logo o mês todo, talvez com o propósito de o fazer pela última vez.

Mas, em vez disso, fiquei indignado. Não encontrava palavras; quase que não encontrava ar para respirar. Disse: "Uff" com a máxima indignação. Pensei ter dito alguma coisa e fiquei um instante parado como se esperasse que àquele meu "uff", um grito que devia magoá-la e fazer-me desabafar a minha profunda aflição, ela responderia alguma coisa. Mas nem ela nem eu dissemos mais nada. Eu preparei-me para descer as escadas. Parei ao fim de alguns degraus e voltei-me para a ver. Talvez houvesse agora no seu rosto pálido algum sinal que desmentisse um tão duro egoísmo, um cálculo tão frio. Não vi a cara dela. Estava toda ocupada a enfiar a chave na fechadura para fechar o pequeno apartamento que ia ficar vazio por umas horas. Eu disse mais uma vez: "Uff", mas já não em voz tão alta que ela me pudesse ouvir. Dizia-o a todo o mundo, à sociedade, às nossas instituições, à mãe natureza que tinham permitido todos que me encontrasse naquela escada e naquela posição.

Foi o meu último amor. Agora que a aventura se foi juntar às coisas passadas, já não a considero tão indigna, porque posso ter saudades de Felicita com o seu cabelo louro, o rosto pálido, o narizinho afilado, os olhos misteriosos, a palavra parca que poucas vezes revelava quão frio fosse o seu coração. Mas depois dela não houve lugar para outros amores. Ela tinha-me educado. Eu, até então, quando se dava o caso de ficar mais de dez minutos ao pé duma mulher, sentia surgir-me no coração esperança e desejo. Tinha com certeza o desejo de os ocultar, mas ainda era mais forte o de aumentá-los para sentir melhor a vida e a minha pertença à vida. Para aumentá-los, não havia outra maneira senão vesti-los de palavras e revelá-los. Quem sabe quantas vezes terão rido de mim? Para a carreira de velho a que estou agora condenado, fui educado por Felicita. Apenas agora sei que no amor só valho aquilo que pagar.

E a minha fealdade está sempre presente. Foi esta manhã que, ao acordar, observei em que posição encontrara a minha boca no momento de abrir os olhos. A mandíbula inferior descaía para o lado em que tinha dormido e senti também fora do lugar a língua inerte e inchada.

Pensei logo em Felicita na qual muitas vezes penso com desejo e ódio. Naquele momento murmurei: “Tem razão”.

“Quem é que tem razão?” perguntou Augusta que estava a vestir-se.

E eu respondi logo: “Tem razão um tal Misceli que eu encontrei ontem e que me disse que não se percebe porque é que nascemos, vivemos e envelhecemos.”

Assim tinha-lhe mesmo dito tudo sem me comprometer de modo nenhum.

E ninguém até agora substituíu Felicita. Tento todavia enganar a mãe natureza que me vigia para me suprimir, assim que se dê conta de que já não sirvo para a reprodução. Com sábia dosagem tomo diariamente, exactamente na quantidade aconselhada por Hannemann, um pouco de remédio. Olho as mulheres que passam, **90** acompanho o seu passo procurando ver nas pernas

delas algo mais que um aparelho para andar e sentir o desejo de as fazer parar e de as acariciar. Também aqui a dosagem se faz mais avarenta do que eu e Hannemann desejaríamos. Devo pois vigiar os meus olhos para que não revelem o que procuram e assim percebe-se como raramente a medicina é útil. Pode-se evitar ser acariciado pelos outros para chegar à plenitude do sentimento, mas não se pode, sem correr o risco de arrefecer a própria alma, fingir uma indiferença absoluta. E, escrito isto, percebo melhor a minha aventura com a velha Dondi. Cumprimentei-a para lhe fazer alguma coisa e sentir melhor a sua beleza. É o destino dos velhos, saber fazer belas saudações. Não se deve acreditar que tais relações fugidias e que se fazem no intuito de nos salvarmos da morte, não deixem as suas marcas, não adornem e perturbem a vida exactamente como a minha relação com Carla ou com Felicita. Às vezes - raramente - chegam a deixar uma lembrança inextinguível pela forte impressão que produzem. Recordo uma rapariga sentada à minha frente no eléctrico. Essa, deixou-me a recordação. Chegámos a uma certa intimidade porque lhe dei um nome: Ânfora. Não tinha uma cara muito bonita, mas uns olhos acesos, um pouco redondos, que olhavam tudo com grande curiosidade e astúcia um pouco infantil. Tinha talvez mais de vinte anos, mas eu não teria ficado admirado se por brincadeira ela tivesse às escondidas puxado os totós de uma criança que por acaso estivesse sentada ao pé dela. Não sei se pela sua forma rara ou por aquela que lhe simulava o vestido, o seu busto embora esguio parecia uma ânfora elegante colocada sobre a bacia. Eu admirei muito aquele busto e pensei para enganar melhor a mãe natureza que me vigiava: “Não devo com certeza estar para morrer, porque se esta rapariga quisesse, estaria ainda disposto a procriar.”

A minha cara deve ter assumido uma expressão curiosa a olhar para aquela ânfora. Mas excluo que tenha sido a cara de um sátiro, porque estava a pensar na morte. Ao contrário, outros viram em mim o desejo. Como depois me dei conta, a rapariga que devia pertencer a uma família abastada, estava acompanhada por uma

velhinha, uma ama que a seguiu quando ela saiu do veículo. E foi esta velha que, ao passar por mim e ao olhar-me, murmurou: “Velho sátiro“. Tratava-me por velho. Chamava a morte. Eu disse: “Velha imbecil“. Mas ela afastou-se sem responder.

*in “Corto Viaggio Sentimentale e Altri Racconti Inediti”, ed. Arnoldo Mondadori, Milano, 1957.*

Paul Auster **Porquê  
escrever?**

*Tradução de Luísa Costa Gomes*

**Paul Auster** nasceu em Newark, New Jersey, em 3 de Fevereiro de 1947. Estudou na Universidade de Columbia e viveu em França quatro anos. Estabeleceu-se em Nova Iorque em 1974, onde tem escrito e publicado poemas, ensaios e romances. Desde "A Trilogia de Nova Iorque" que Auster se afirmou fundamentalmente como romancista, constituindo "Why write?" ("Porquê escrever?") uma das suas raras incursões na narrativa curta. Incluído na edição inglesa de bolso de "The Art of Hunger", (1995), "Porquê escrever?" é um conjunto de pequeníssimos contos autobiográficos .

## 1.

Uma amiga alemã relata as circunstâncias que precederam os nascimentos das duas filhas.

Há dezanove anos, com uma barriga enorme e já com umas semanas para além do prazo, A. sentou-se no sofá da sala e ligou o televisor. Por acaso da sorte, estava a começar um filme. Era *The Nun's Story*, um drama de Hollywood dos anos cinquenta, com a Audrey Hepburn no principal papel. Contento com a distração, A. instalou-se para ver o filme e imediatamente se deixou absorver. A meio do filme, entrou em trabalho de parto. O marido levou-a para o Hospital, e ela nunca chegou a saber como é que o filme acabava.

Passados três anos, grávida da segunda criança, A. sentou-se no sofá e ligou o televisor como da outra vez. E, mais uma vez, estava a dar um filme e, mais uma vez, o filme era *The Nun's Story* com a Audrey Hepburn. Ainda mais notável, (e A. insistia particularmente neste ponto), tinha apanhado o filme precisamente na altura em que o tinha deixado de ver três anos antes. Desta vez, conseguiu vê-lo até ao fim. Menos de um quarto de hora depois, as águas rebentaram, e lá foi para o Hospital ter a segunda filha.

A. só tem estas duas filhas. O primeiro parto foi extremamente difícil (ela quase sucumbiu e ficou doente durante meses), mas o segundo parto correu muito bem, sem complicações de espécie nenhuma.

## 2.

Há cinco anos, passei o Verão com a mulher e os filhos no Vermont, onde alugámos uma velha casa isolada, numa quinta, no alto de uma montanha. Um dia, uma mulher que vivia numa cidade ali perto veio visitar-nos com os filhos, uma menina de quatro anos e um rapazinho com dezoito meses. A minha filha Sophie tinha feito há pouco os três anos e entreteram-se as duas muito bem. Sentámo-nos à mesa da cozinha com a mãe das crianças, e os miúdos foram lá para fora brincar.

Passados cinco minutos, ouvimos um grande estrondo. O miúdo tinha ido até ao patamar de entrada na outra ponta da casa e, como a minha mulher nem há duas horas tinha ali posto um vaso com flores, não foi difícil adivinhar o que se tinha passado. Nem precisei de olhar para saber que o chão havia de estar coberto de vidros partidos e água - para além dos caules e folhas de uma dúzia de flores espalhadas.

Fiquei aborrecido. Raio de miúdos, pensei. Raio de gente com o raio das criancinhas azelhas. Quem é que lhes deu o direito de nos entrarem pela casa dentro sem telefonarem antes a avisar?

Disse à minha mulher que ia limpar o chão e, enquanto ela continuava a conversar com a visita, peguei na vassoura, na pá e numas toalhas e marchei para a frente da casa.

A minha mulher tinha posto as flores em cima de uma arca de madeira que ficava mesmo por baixo do corrimão da escada. Esta escada era particularmente inclinada e estreita e havia uma grande janela aí a um metro do primeiro degrau. Faço notar a geografia porque importa para o caso. Onde as coisas estavam determina o que aconteceu a seguir.

Ia mais ou menos a meio da limpeza, quando a minha  
**96** filha correu do quarto para o patamar do segundo andar.

Estava suficientemente perto do pé das escadas para conseguir vê-la de relance (se eu estivesse dois passos mais atrás, já não a teria visto) e, nesse breve instante, vi que ela trazia aquela expressão de alegria e da felicidade mais completa que tem enchido de invencível contentamento a minha meia-idade. Depois, passado um instante, antes que eu lhe pudesse dizer olá, ela tropeçou. A biqueira do ténis ficou presa no patamar, e sem mais nada, sem um grito, um aviso, ela veio pelos ares. Não estou a querer dizer que vinha a cair, ou a rebolar, ou aos saltos pelas escadas. Quero dizer que ela voava. O impacto do tropeção tinha-a lançado, de facto, no ar, e pela trajectória do voo, percebi que ia direita à janela.

O que é que eu fiz? Não sei o que fiz. Estava do outro lado do corrimão quando a vi tropeçar, mas quando ela ia a meio caminho entre o patamar e a janela, já eu estava no primeiro degrau da escada. Como é que lá cheguei? Estava a poucos metros de distância, mas parece pouco possível cobrir nem que seja essa distância, naquele espaço de tempo - que foi praticamente tempo nenhum. Apesar disso, estava lá, e no preciso instante em que cheguei, olhei para cima, abri os braços e apanhei-a.

### 3.

Tinha catorze anos. Era o terceiro ano seguido que os meus pais me mandavam para um campo de férias no estado de Nova Iorque. Passava a maior parte do tempo a jogar basquete e baseball, mas como era um campo misto, havia também outras actividades: serões de convívio, as primeiras lutas corpo-a-corpo desajeitadas com raparigas, incursões para raptar cuequinhas, enfim, as macacaquices adolescentes do costume. Também me lembro do fumarmos charutos baratos às escondidas, fazermos camas à francesa, e de entrarmos em guerras imensas de balões cheios de água.

Nada disto é importante. Só queria sublinhar como se é vulnerável aos catorze anos. Já não se é criança, ainda não se é adulto, é-se atirado para trás e para a frente entre o que já se foi e aquilo em que nos estamos a tornar. No meu caso, ainda era suficientemente novo para imaginar que tinha

razoáveis hipóteses de jogar na primeira divisão, mas suficientemente crescido para pôr em questão a existência de Deus. Já tinha lido o Manifesto Comunista, mas ainda me divertia a ver os desenhos animados ao sábado de manhã. De cada vez que me via ao espelho, tinha a sensação de estar a olhar para outra pessoa.

Havia uns dezasseis ou dezoito rapazes no meu grupo. A maior parte estava junta há vários anos, mas havia uns dois que eram novos nesse Verão. Um deles chamava-se Ralph. Era um miúdo pacato, sem grande entusiasmo pelos dribles de basquete ou para tácticas e fintas, e embora ninguém o chateasse muito, tinha uma certa dificuldade em integrar-se. Tinha chumbado a duas disciplinas e passava a maior parte dos tempos livres a ter explicações. Era um bocado triste e eu tinha pena dele - mas não muita, nem a suficiente para me fazer perder o sono.

Os nossos monitores eram todos estudantes universitários de Brooklyn e de Queens. Jogadores de basquete todos vivaços, futuros dentistas, contabilistas e professores, mas miúdos da cidades até à medula. Como todo o nova-iorquino de gema, continuavam a chamar à terra, o “campo”, mesmo quando tudo o que tinham debaixo dos pés era erva, pedras e terra. O aparato da vida dos campos de férias tradicionais era-lhes tão estranho como o metro de Nova Iorque para um lavrador do Iowa. Canoas, cordas, escaladas, montar as tendas, cantorias à volta da fogueira não se encontravam no inventário das suas preocupações. Eram bem capazes de nos treinar nos pontos mais subtis das tácticas de fintar ou de como fazer espaço para ganhar o ressaltado, mas de resto, o que faziam mais era andar na cavalice e contar anedotas.

Imagine-se a nossa surpresa, portanto, quando uma tarde o nosso monitor anunciou que íamos fazer uma caminhada pela floresta. Tivera este ataque de inspiração e ninguém o convencia a desistir da ideia. Já chega de basquete, disse. Estamos aqui rodeados pela Natureza e é tempo de aproveitarmos e começarmos a ser verdadeiros campistas - disse isto, ou qualquer coisa do género. E assim, depois do período de descanso a seguir ao almoço, o bando de dezasseis ou dezoito rapazes e mais dois ou três monitores pôs-se em

**98**      marcha para o bosque.

Estávamos no fim de Julho, em 1961. Íamos todos com um ar medianamente flanante, lembro-me, e andada uma meia-hora pelos caminhos, concordámos que o passeio até fora boa ideia. Claro que ninguém trazia bússola, nem fazia a mínima ideia de para onde íamos, mas estávamos muito divertidos, e se por acaso nos perdêssemos, que importância tinha? Mais cedo ou mais tarde havíamos de dar com o caminho de volta.

Depois começou a chover. A princípio, nem se notava, eram só umas gotas leves caindo por entre as folhas e as ramagens, nada de grave. Continuámos, sem deixar que uma pouca de água nos estragasse o gozo, mas passados uns minutos começou a chover a sério. Ficámos todos ensopados, e os monitores decidiram que era melhor voltar para trás. O único problema é que ninguém sabia onde ficava o acampamento. O bosque era denso, cheio de aglomerações de árvores e de arbustos espinhosos e fizéramos caminho por aqui e por ali, mudando abruptamente de direcção para poder continuar. Para ajudar a confusão, era cada vez mais difícil ver. Os bosques já de si eram escuros e com a chuva a cair e o céu negro, mais parecia ser de noite do que três ou quatro da tarde.

Depois começou a trovejar. E, depois do trovão, veio o relâmpago. A tempestade estava mesmo por cima de nós, e parecia a tempestade de Verão para acabar com todas as tempestades de Verão. Nunca tinha visto e nunca mais vi uma coisa assim. A chuva caía-nos em cima com uma força tal que doía; de cada vez que o trovão explodia, sentíamos o barulho a vibrar dentro do corpo. Logo a seguir, vinha o relâmpago e dançava à nossa volta como lanças. Era como se, de repente, se tivessem materializado armas: um clarão instantâneo que fazia tudo rebrilhar num branco fantasmagórico. As árvores eram atingidas pelos raios e os ramos entravam em combustão. Depois ficava escuro outra vez um momento, ouvia-se outro estrondo no céu e o raio voltava noutra sítio.

Claro que era o raio que nos assustava. Seria estúpido não ficar assustado e, em pânico, tentávamos fugir dele. Mas a tempestade era grande de mais e, para onde quer que fugíssemos, os relâmpagos vinham ao nosso encontro. Era uma debandada caótica, uma corrida de cabeça baixa que se fazia em círculos. Então, de repente, alguém vislumbrou uma cla-

reira. Rompeu uma discussão breve sobre se seria mais seguro ir para a clareira ou continuar debaixo das árvores. A voz que defendia a clareira ganhou e todos corremos para lá.

Era um prado pequeno, muito provavelmente uma pastagem pertença de algum lavrador local, e para lá chegar tínhamos de rastejar por baixo de uma vedação de arame farpado. Um a um, deitámo-nos de barriga para baixo e atravessámo-nos, avançando a custo. Eu estava a meio da fila, mesmo atrás do Ralph. Exactamente quando ele ia a passar por baixo do arame farpado, deu-se outro relâmpago. Eu estava a menos de um metro dele, mas não consegui perceber o que aconteceu, por causa da chuva que me batia com força nas pálpebras. Só percebi que o Ralph não se mexia. Pensei que tivesse ficado atordoado e rastejei para a frente dele por baixo da vedação. Quando cheguei ao outro lado, peguei-lhe por um braço e arrastei-o.

Não sei quanto tempo ficámos na clareira. Imagino que talvez uma hora, e por todo esse tempo, a chuva e os trovões e os relâmpagos continuaram a cair com estrondo sobre nós. Era uma tempestade arrancada às páginas da Bíblia, continuando sempre, como se nunca mais fosse acabar.

Dois ou três dos rapazes foram atingidos por qualquer coisa - talvez pelo raio, ou talvez pelo choque do raio que caía sobre o solo junto deles - e o prado começou a encher-se dos seus gemidos. Outros choravam e rezavam. Outros ainda, com o medo na voz, tentavam dar conselhos razoáveis. Deitem fora tudo o que tiverem de metal, diziam, o metal atrai o raio. E todos despimos os cintos e atirámo-los para longe.

Não me lembro de ter dito nada. Não me lembro de ter chorado. Eu e outro rapaz tentámos manter-nos ocupados a tratar do Ralph. Ainda estava desmaiado. Esfregámos-lhe as mãos e os braços, segurámos-lhe a língua para baixo para que não sufocasse, dissemos-lhe que se aguentasse. Passado um bocado, a pele dele começou a ficar de um tom azulado. O corpo estava mais frio ao toque, mas apesar dos sinais que se acumulavam, nem uma vez me passou pela cabeça que ele não ia acordar mais. Afinal, eu só tinha catorze anos, não sabia nada. Nunca tinha visto um morto.

**100** Acho que deve ter sido o arame farpado. Os outros rapazes atingidos pelo raio ficavam dormentes, sentiam

dores nos membros durante uma hora e depois recuperavam. Mas o Ralph estava mesmo debaixo da vedação quando o raio o atingiu e foi electrocutado ali mesmo.

Mais tarde, quando me disseram que estava morto, soube que tinha uma queimadura de um palmo atravessada nas costas. Lembro-me de tentar absorver esta notícia e de pensar que nunca mais sentiria a vida da mesma maneira. Estranhamente, não pensei que estivera mesmo ao lado dele quando aquilo aconteceu. Não pensei: um ou dois segundos a mais, e era eu. Pensei foi em segurar-lhe a língua e olhar-lhe para os dentes. A boca dele estava fixa num rictus e como os lábios ficaram ligeiramente entreabertos, eu tinha passado uma hora a olhar para as pontas dos seus dentes. Passados trinta e quatro anos, ainda me lembro deles. E dos seus olhos meio-fechados, meio-abertos. Também me lembro deles.

#### 4.

Há uns anos, recebi uma carta de uma mulher que vive em Bruxelas. Nesta carta, contava a história de um amigo dela, um homem que ela conhecia desde criança.

Em 1940, ele alistara-se no Exército Belga. Quando, mais tarde, o país caiu em poder dos Alemães ainda no mesmo ano, foi capturado e mandado para um campo de prisioneiros-de-guerra. Aí ficou até ao fim da guerra, em 1945.

Os prisioneiros podiam corresponder-se com trabalhadores da Cruz Vermelha na Bélgica. Deram-lhe ao acaso uma correspondente - uma enfermeira da Cruz Vermelha de Bruxelas - e durante cinco anos ele e esta mulher trocaram cartas todos os meses. Com o andar do tempo tornaram-se bastante amigos. Em certa altura (não tenho bem a certeza de quanto tempo demorou), perceberam que passara a haver entre eles algo mais do que amizade. A correspondência continuava, cada vez mais íntima em cada carta, e finalmente declararam reciprocamente o seu amor. Seria possível? Nunca se tinham visto, nunca tinham passado sequer um minuto um com o outro. Quando a guerra acabou, o homem foi libertado e regressou a Bruxelas. Foi-se encontrar com a enfermeira e ela com ele, e nenhum dos dois ficou decepcionado. Pouco depois, casavam.

Os anos passaram. Tiveram filhos, o mundo tornou-se um mundo ligeiramente diferente. O filho deles acabou os estudos na Bélgica e seguiu para a Alemanha a fazer uma especialização. Na Universidade, apaixonou-se por uma rapariga alemã. Escreveu aos pais a dizer-lhes que queria casar com ela.

Os pais de ambos ficaram felicíssimos. As duas famílias decidiram encontrar-se e no dia combinado a família alemã chegou a casa da família belga, em Bruxelas. Assim que o pai alemão entrou na sala e o pai belga se levantou para o receber, os dois homens olharam-se nos olhos e reconheceram-se. Tinham passado muitos anos, mas nenhum deles tinha dúvidas sobre a identidade do outro. Em certa altura das suas vidas, tinham-se visto todos os dias. O pai alemão fora guarda no campo de prisioneiros em que o pai belga passara a guerra.

Como a mulher que me escreveu a carta se apressara a acrescentar, não havia ressentimento entre eles. Por mais monstruoso que tenha sido o regime alemão, o pai alemão não fizera nada, nesses cinco anos, que pudesse ter voltado o pai belga contra ele.

Seja como for, estes homens são agora grandes amigos. A maior alegria das suas vidas são os netos que têm em comum.

## 5.

Tinha oito anos. Naquela altura, não havia nada mais importante para mim do que o baseball. A minha equipa era os New York Giants e seguia os feitos daqueles homens de bonés preto e laranja com a devoção de um autêntico fiel. Ainda hoje, recordando aquela equipa que já não existe, que jogava num estádio que já não existe, recupero os nomes de quase todo o alinhamento. Alvin Dark, Whitey Lockman, Don Mueller, Johnny Antonelli, Monte Irvin, Hoyt Wilhelm. Mas não havia maior, não havia mais perfeito, nem mais merecedor de adoração do que Willie Mays, o incandescente Say-Hey Kid.

Levaram-me, naquela primavera, ao meu primeiro jogo da primeira divisão. Uns amigos dos meus pais tinham bilhetes de camarote nos Polo Grounds e, numa noite de Abril, fomos em grupo ver jogar os Giants contra os Milwaukee Braves.

**102** Não sei quem é que ganhou, não me lembro de abso-

lutamente nada do jogo, mas lembro-me de que, depois de o jogo acabar, os meus pais ficaram a conversar com os amigos deles, até todos os espectadores se terem ido embora. Ficámos até tão tarde que tivemos de atravessar o campo e sair pela porta do meio, que era a única que ainda estava aberta. Essa saída ficava mesmo por baixo dos balneários dos jogadores.

Ao aproximar-me da parede, avistei o Willie Mays. Não havia dúvidas que era ele. Era mesmo o Willie Mays, já sem o equipamento, vestido com a roupa normal, ali nem a três metros de mim. Consegui manter as pernas a andar na sua direcção e depois, reunindo toda a minha coragem, obriguei as palavras a sair: “Senhor Mays, - disse eu - podia dar-me um autógrafo, por favor?”.

Ele devia ter os vinte e quatro anos feitos, mas não consegui tratá-lo pelo primeiro nome.

A reacção dele à minha pergunta foi brusca, mas cordial. “Claro, miúdo” disse ele. “Tens aí um lápis?”. Ele tinha tanta vida, lembro-me, estava tão cheio da energia da juventude, que não parava quieto e continuava aos saltinhos enquanto falava.

Eu não trazia um lápis, e pedi ao meu pai que me emprestasse um. Mas ele também não tinha. Nem a minha mãe. Nem, como depois se viu, nenhum dos adultos.

O grande Willie Mays ficou ali a olhar-nos em silêncio. Quando se tornou claro que ninguém no meu grupo tinha com que escrever, virou-se para mim e encolheu os ombros. “É pena, miúdo” disse ele, “não tens lápis, não posso dar autógrafo”. E saiu do estádio, para a noite.

Não queria chorar, mas as lágrimas começaram a correr-me pela cara abaixo e não conseguia pará-las. Pior ainda, no carro chorei o caminho todo até casa. Sim, estava esmagado pela decepção, mas também me revoltava contra mim próprio por não conseguir conter as lágrimas. Já não era um bebé. Tinha oito anos e os miúdos crescidos não deviam chorar por causa de coisas destas. Não só não tinha o autógrafo do Willie Mays, como não tinha mais nada. A vida pusera-me à prova e eu não estivera à altura.

Depois dessa noite, comecei a levar sempre um lápis, para onde quer que fosse. Tornou-se um hábito

nunca sair de casa sem ter a certeza de que tinha um lápis no bolso. Não é que eu tivesse quaisquer planos especiais para aquele lápis, mas não queria ser apanhado desprevenido. Tinha-me apanhado uma vez de mãos vazias, e eu não ia deixar que isso voltasse a acontecer.

Se não aprendi mais nada, os anos ensinaram-me ao menos isto: se há um lápis no bolso, há boas hipóteses de que um dia nos venha a tentação de o usarmos.

Como gosto de dizer aos meus filhos, foi assim que me tornei escritor.

Agustina Bessa-Luís **O rato**

**Agustina Bessa-Luís** nasceu em Vila Meã, Amarante, em 1922. Passou a infância e a adolescência nessa região, cujo ambiente marcará as suas obras. Publicou o seu primeiro romance "Mundo Fechado", em 1948, tendo mantido um ritmo de publicação bastante regular, contando hoje mais de meia centena de obras, entre romances, contos, ensaios, biografias, crónicas e peças de teatro. Em 1954, com "A Sibila", Agustina impôs-se desde logo como um universo forte e singular, que viria a tornar-se referência incontornável na literatura portuguesa contemporânea. "O rato" foi escrito para o primeiro número da "Ficções".

A história que vou contar não se passou comigo, mas com um amigo meu que vive na Dinamarca. Não a posso imaginar aqui porque o seu principal personagem, um desratizador profissional, se não estudou numa Universidade que se poderia chamar Andersenrat, assim parecia. Quando eu andava no colégio, havia à porta da “casinha”, ou seja, da casa de banho, uma freira velhíssima que compunha terços quebrados e possuía um diploma de cerzideira de meias atribuído na Suíça. São países dum grande rigor e eficiência com os quais não nos podemos comparar. Por isso, Hamlet não parece dinamarquês, ou então deu-lhe para destrambelhar.

O meu amigo, a quem chamarei Klaus, deu com um rato na cozinha. Não esperou para ver se ele estava de passagem, se era emigrante ou simples figura de lenda. Chamou o desratizador. Este era um homem alto, de calças amarelas e que bebia água a toda a hora. Trazia com ele uma garrafinha de água e abria-a com muito cuidado, não fosse sair de lá o génio da lâmpada, ou da garrafa, melhor dito.

A primeira coisa que fez foi proibir a Klaus a entrada na cozinha enquanto decorresse

a operação. Pareciam manobras militares e, como Klaus punha na estereofonia um compacto da Tannhäuser, o acompanhamento dava calafrios.

O desratizador espalhou farinha no chão da cozinha e dois dias depois sabia o peso, a idade e o tamanho do rato. A farinha deixou escritas as impressões das quatro patas e o comprimento da cauda. Pelo comprimento da cauda soube a idade do rato, e assim por diante.

Há quem se impressione com a cauda dos ratos, por ser pelada e parecer um verme, uma espécie de parasita. Outros não gostam das orelhas, não sei porquê, decerto pelo tom róseo e sem penugem. Havia um domador de leões que tinha medo dos ratos; mesmo enjaulados faziam-no estremecer. E, no entanto, os seus quatro leões, pachorrentos, é bem verdade, obedeciam às suas ordens e temiam-no.

O rato era digno do seu inimigo. Parecia ter frequentado também um curso de tropas especiais e conhecia todos os sons e todos os cheiros da cozinha. Conhecia o pingar da torneira no lava-loiça, o leve e picante cheiro duma casca de cebola e o bolor do queijo, que o punha doido. Porém, não se aproximava da ratoeira senão até ao milímetro fatal. Voltava para trás, todo empoado de branca farinha como um *Pierrot*, e cada vez mais o seu coeficiente de inteligência crescia. E o do desratizador, assim, assim.

- Pode crer – disse ele a Klaus – que um rato sabe da sua cozinha numa hora o que você não sabe em trinta anos. Sabe o que guarda nos armários, o que deve escolher e desprezar; sabe onde estão as tábuas podres, os esfregões usados, o sabão seco, os cotos de velas que, quando tem fome, não desdenha comer. Comer e não saborear. Para saborear há coisas mais suculentas. Óleos, manteigas, toucinhos, certos papéis, algum recheio de almofadas e (vejam bem!) canos de borracha. Um rato pode viver um ano numa cozinha e só percebermos que ele anda lá quando o cano da água de lavar a loiça se rompe e provoca uma

inundação. Foi o rato que lhe abriu um buraco para aspirar e embriagar-se com os cheiros dos restos, pequenas ervilhas, gorduras e uma ou outra casca de queijo emental, ou suíço, ou gouda, que se pegou ao ditoso cano.

O desratizador, passadas duas semanas, disse:

- É um rato que tem uma dieta. Pode ser mais velho do que eu pensava, porque mantém a linha e agilidade. Come muitos cereais e não prova o açúcar.

- Talvez pense que é veneno – disse Klaus, muito desanimado. Continuava a estar privado da cozinha e até saía para tomar o pequeno almoço na pastelaria. Trazia para casa croissants e fiambre e pãezinhos doces e resistia a reparti-los com o rato. Começava a antipatizar com o desratizador.

Um rato não pensa, não precisa de pensar. Faz melhor que isso, como todo o predador. Um predador usa os sinais que a natureza lhe manda de todos os lados, e um rato da cidade, além da natureza, tem uma rede de informações prodigiosa. Tudo vibra, range, brilha, escorre, tanto as pessoas como os objectos fazem variadíssimos ruídos, cheiram de toda a maneira e, sobretudo, avisam da sua presença. O rato sabe logo se a pessoa é aleijada, se usa bengala, se sofre da bexiga, se usa sapatos ou chinelos. Sabe que onde se ouve música não há muito a temer. A música abafa a caminhada do predador, assim como as grandes famílias são mais seguras para ele. Quando nós jantávamos todos vivos à volta da mesa, a falar alto e a minha mãe a dar ordens e contra-ordens à criada de sala, havia um ratinho que se pendurava no galheteiro que estava em cima do aparador e olhava para nós como se estivesse no teatro. Parecia deliciado. E decerto se sentia em segurança, dado que o calor das discussões lhe transmitia ondas de comovida festa de família. Sabia que ninguém estava zangado e não ia acontecer nenhuma loucura como persegui-lo e derrubá-lo de cima do galheteiro.

Mas voltando a Klaus: já tinham passado três semanas e o rato continuava acantonado na

cozinha, a cozinha dele, porque era o seu território, com a cesta do seu pão, com o seu papel dos fritos e uma sertã ainda com pequenas barbatanas de peixe frito. Ele gostava de peixe frito. Klaus tinha a certeza de que ele fazia sanduíches de ovo e anchovas. Mostrei-me um rato que goste de anchovas e digo-vos onde está um bom europeu.

Aproximavam-se as férias do Verão e Klaus queria navegar no seu barco que estivera todo o ano no estaleiro, o que lhe custara uma fortuna. Mas dava o dinheiro por bem empregado porque gostava do mar como um rato gosta de queijo. Já não consigo afastar-me do assunto, o que, numa história, às vezes, é indispensável. Klaus convidou a sua ex-mulher a passar uma tarde no barco, aproveitando o primeiro sol de Junho, e esqueceu o rato e o desratizador. Quando voltasse (entretanto fez uma viagem e achou tudo muito mudado, que é o que acontece a quem faz viagens) esperava encontrar tudo resolvido e apenas lhe restava pagar ao desratizador e tomar conta outra vez da cozinha. Mas as coisas não se passaram assim. Nada tinha mudado e o rato continuava a andar por cima da farinha e estava cada vez mais inteligente.

- Que é que eu faço? – disse Klaus. – Estou tão aborrecido que ainda me caso outra vez com a minha ex-mulher, ou vou meter-me no museu dos vikings a contar os pregos dos barcos um por um. Acho que o rato e eu acabamos por nos entender, se você deixar.

- Isto não é possível. – O desratizador não estava em si de tão contrariado. – Eu tenho que fazer o meu serviço. É para isso que me pagam.

- Eu pago-lhe na mesma.

- Mas não me pode pagar se eu não fizer aquilo para que fui chamado. Tenha paciência e espere.

Klaus, como não podia servir-se da cozinha e estava cansado de comer arenque fumado, aceitou um convite da ex-mulher para jantar lá em casa. Primeiro duas vezes por semana, depois todos os dias.

**110** Isto deu como resultado reatarem as relações

antigas e, de bons amigos que eram, tornaram-se ainda melhores. Já não se lembravam porque se tinham separado; provavelmente eram muito novos quando se casaram e não faziam outra coisa senão encontrar defeitos um no outro. Era um jogo do empurra, e aquilo não parecia nada bem. Mas quando se trata de amor, cada um faz o que quer porque se pensa que o amor, como na guerra, permite tudo. Ora, até o pacto de Genebra estabelece que na guerra nem tudo é permitido. Mas como não há um pacto de Genebra para o amor, cada um faz como entende.

O tempo em que Klaus esperou a morte do rato foi um tempo de razoável felicidade. Ele e a ex-mulher tornaram-se companheiros inseparáveis e até arranjaram emprego na mesma zona da cidade. Aqui tenho que dizer que no Brasil não se diz *zona* por ser o domínio das prostitutas e gente assim. Mas aqui pode dizer-se *zona* à vontade, e *bicha* e *veado*, que ninguém fica a olhar para nós como se estivéssemos a cometer uma terrível indiscrição.

Entretanto, vou-vos dizer quem era Klaus, o meu amigo. Era arquitecto e tinha saído de Portugal quando da guerra das colónias; era, portanto, um emigrante político. Era um pacifista, como se vê pela história do rato a que chegou a dar um nome e a querer que o desratizador falhasse nos seus intentos. Mas o desratizador até aos domingos ia ver o que se passava na cozinha de Klaus.

- O rato está mais gordo, vê-se pelo rasto que deixa na farinha. E também está mais esperto. Bebe a água da torneira e põe-se debaixo para apanhar a gota que cai de quarenta em quarenta segundos. Às vezes, ele vai inspeccionar o armário das provisões e quarenta segundos depois lá está para receber a gota de água, bem certa, na boca aberta.

- É um prodígio – disse Klaus. E a ex-mulher repetiu:

- É um verdadeiro prodígio. – Tinha amadurecido e sabia que repetir o que um ho-

mem diz é a chave do sucesso no casamento. Agora arranjava-se mais e penteava-se no cabeleireiro, de vez em quando, e punha rolos no cabelo fino, dum loiro esbranquiçado. Klaus lembrou-se: tinha-se separado por causa da cor do cabelo dela. Parecia manteiga fervida. Mas agora não se importava. Falavam muito um com o outro, do rato e doutras coisas. Ela tinha uma graça que Klaus nunca suspeitara.

- Klaus – disse ela (o nome dele era Cláudio Pinto, mas mudara para Klaus) – podíamos ir para a neve, no Inverno.

- Mas neve é o que não falta aqui – disse Klaus, muito surpreendido e assustado porque o tempo das viagens já ia longe. Agora preferia ouvir música e ficar quieto.

- Pois sim. Mas não temos montanhas. A neve sem montanhas não parece neve. Suja-se logo e torna-se em gelo escorregadio. Eu gostava de ver a neve nas montanhas e os pinheiros carregados e os coelhos a aparecer nas tocas num dia de sol.

A ex-mulher estava a ficar muito romântica, e Klaus deu por isso. Expusera-se demais e tinha medo do que podia acontecer. Faltava-lhe a esperteza do rato que sabia parar a tempo, um milímetro antes da ratoeira. Pensando nisso, voltou a casa e espreitou para dentro da cozinha. Ali estava um efeito de neve muito confortável, com toda a branca farinha espalhada pelo chão. E as patinhas do rato estavam impressas por cima como se fosse uma forma de escrita. Talvez fosse uma forma de escrita, ele era bastante inteligente para isso. Sentiu admiração por ele. “É um rato como deve ser” - pensou. Isto era um grande elogio. Entretanto, a ex-mulher de Klaus, que tinha dois filhos dum primeiro casamento, juntava dinheiro e dizia:

- É para quando formos velhos. Os velhos precisam de ter dinheiro, senão ninguém quer saber deles.

Toda a gente tinha regalias sociais, havia hospitais para curar as pessoas e outros para convalescer. Mas a ex-mulher continuava a dizer

que era preciso ter dinheiro para quando a velhice chegasse. Sentia-se sempre insegura, por mais cartões de crédito que tivesse, e Klaus aborrecia-se com isso. Um dia parou diante da estátua de Kierkegaard, que devia ter sido um homenzinho enfezado, e pensou que ele se parecia com o rato. Não um rato de laboratório mas de cozinha ou, se quiserem, de biblioteca. Como escapara ao casamento, intitulado-se um sedutor cheio de manhas, era duma esperteza de rato. Klaus olhou para ele, no entardecer escuro da cidade, e lembrou-se que ele morrera no mesmo dia em que se lhe acabou o dinheiro.

- Meu bom Soren, és mesmo um tipo com quem se pode contar. Parece que a sobrecasaca não te serve, mas é só porque és meio corcunda e gostas de parecer ainda mais corcunda. A tua sedução está em saberes ser pior do que és. Como o rato da minha cozinha. Acho que vou voltar para lá.

Mas a ex-mulher não deixou. Estava cada vez mais prestável e os filhos dela ajudavam-na a ser prestável. Tratavam Klaus por pai e deram-lhe uma carteira em pele de lagarto pelo Natal. Ele fingiu-se agradecido, mas é preciso muito mais para um homem ficar agradecido. Ia para o fiorde e o vento soprava na água como se fosse derrubá-la. Não se derruba a água, ela não tem pés nem raízes: todavia, sustenta-se como se os tivesse.

Um dia, o desratizador encontrou-o na rua e foi falar com ele. Estava entusiasmado, ainda que isso só se percebesse porque o lado esquerdo do bigode tremia. Ele disse:

- Tenho uma boa notícia para si. Estive ontem na sua cozinha e o rato estava morto. Agora já me pode pagar.

- Como morreu? – Klaus sentiu uma dor no estômago e outra na perna direita. As emoções não escolhem lugar. Morreu com veneno ou foi electrocutado?

- Nada disso. E, sabe? Não acasalava, e por isso não trouxe uma fêmea com a ninhada. Eu não diria que era um rato velho, mas talvez fosse. Tinha já os bigodes brancos. De qualquer modo, deu-me

que fazer. Há dois anos que estava na sua cozinha e não deixou pedra sobre pedra. Nem um grão de arroz. Tinha uma dieta muito equilibrada, apesar de tudo. Estava manco, talvez uma artrose, talvez isso. É preciso avisar os vizinhos.

Klaus ficou desolado. Tinha casado com a ex-mulher e vivia na casa dela com os filhos dela que pareciam duas morsas e que continuavam a chamar-lhe pai. Não podia imaginar Kierkegaard a viver com duas morsas na mesma casa. Que esperto que ele tinha sido! Andou durante um tempo pensativo e um dia em que, por acaso, viu o desratizador num centro comercial, perguntou-lhe:

- Como é que eu podia comprar um rato?

Ele tirou do bolso uma agenda preta, dessas que têm junto uma máquina de calcular, e folheou-a com profunda atenção:

- Só daqui a três anos é que tenho um rato disponível.

- Como? – disse Klaus, estupefacto.

- Não imagina a quantidade de homens que querem um rato na cozinha. – O desratizador coçou o queixo e disse: - Homens como você, que me chamaram para matar um rato e que foram vítimas das consequências, as consequências, senhor Klaus! É disso que eu vivo e não de matar ratos. É um ofício mal pago e que não dá nem para a água. – Tirou a garrafinha do bolso e bebeu um trago. Tapou-a rapidamente, não fosse sair de lá um génio. E não se sabe o que seriam as consequências.

Jaime Rocha **A mulher que aprendeu a chorar**

**Jaime Rocha** nasceu na Nazaré em 1949. Frequentou a Faculdade de Letras de Lisboa e viveu em França entre 1971 e 1974. Poeta, novelista e dramaturgo, foi em 1994 seleccionado com a peça "O Construtor" para o Prémio Europeu de Teatro e ganhou em 1999 o Prémio Eixo-Atlântico de Textos Dramáticos, com a peça "Seis Mulheres sob Escuta". Como novelista publicou "Tonho e as Almas", "A Loucura Branca" e "Os Dias de um Excursionista".

## I

É uma mulher que tem só um braço e que olha para as fotografias de um álbum. Uma mulher com um véu azul. É desse lado que respira, do lado da sombra. Todo o resto do corpo desaparece na madeira e apenas o braço se vê projectado num espelho, uma mancha de vidro colada à parede que ela atravessa várias vezes durante o dia, sem custo, num jogo que só a si pertence. Porque naquele espaço há uma luz através da qual a mulher consegue aquilo que mais ninguém é capaz de atingir, uma felicidade total, silenciosa.

## II

Matei-o e não suporto a sua morte.

Era isto que o médico não entendia. Carlos morreu com um tiro disparado por si, disse-lhe. Mas foi ele quem carregou a arma. A senhora limitou-se a pôr o dedo no gatilho. Ora era essa a vontade dele, senão não tinha colocado uma bala na câmara. A senhora está livre, a culpa é do amor. E também

do momento que estamos a viver. Há uma depressão na terra que atinge as colheitas, os animais. O ar tornou-se irrespirável e já não é possível arranjar tempo suficiente para se passar um serão tranquilo em casa. Os vizinhos destroem as paredes com berbequins, deitam abaixo cozinhas inteiras. Não se aguenta o barulho das aparelhagens, não há espaço para os carros e o lixo acumula-se nos passeios. A senhora sai à rua e o que vê, sujidade de cão, latas, papéis velhos, rolhas, cordéis, fruta podre, conservas, cigarros. E o que lhe apetece logo? Matar alguém, é óbvio. Portanto, não se preocupe, se não fosse a senhora, outra pessoa o teria matado.

E se ele fosse agora ter com ela, se saltasse de dentro das fotografias e aparecesse ali à sua frente, ou na sala, em cima do tapete, ou no corredor enquanto ela estivesse à procura do anel?  
- É pouco provável, respondeu-lhe o médico.

E se tudo fosse um pesadelo, se a mulher não fosse ela e não estivesse ali, mas noutro lugar, no sítio dele, encostado à sua cama, a ouvi-lo respirar. Quando ele acordasse ela dir-lhe-ia, eu sou a tua única mulher, só quero as tuas mãos. Achava o médico que ele acreditaria que era ela, ali em carne e osso, ainda que tendo apenas um braço?

- Não sei, disse o médico, o mundo mudou, as ribeiras secaram todas, o homem transformou-se no assassino dos seus próprios filhos. Para lhe dizer a verdade, eu estou pessimista, o Universo não aguenta por muito mais tempo. Os continentes vão rebentar, serão engolidos por um fumo vindo do fundo do mar.

“Então e Carlos”, perguntou a mulher.

- Carlos salvou-se a tempo, graças a si.

### III

É uma mulher que vive dentro de um álbum. O rosto dela tem um brilho como se saísse do petróleo. Algo rebentou na luz que lhe penetrou nos olhos, uma força. As suas costas são uma superfície ondulada, exalam um aroma, uma espécie de  
**118** flor entornada de um vidro. É precisamente na mão que

lhe resta que acaricia uma romã e a mostra aos poucos amigos que possui. É uma mulher derrotada, incapaz de atravessar um túnel. Uma mulher com um sinal nos ombros, marcada para um sacrifício.

Uma mulher que toca harpa e revive as flores, enquanto outra, na fotografia caída do álbum, mostra os joelhos debaixo de um vestido de cetim. Parece ela e ao mesmo tempo há ali qualquer coisa que pertence a Carlos, a cintura, o desenho que o contorna, o modo como os pés assentam no chão. Atrás deles existe um castelo e só depois o céu.

É uma mulher real, porque o seu cabelo se mexe com o vento. A harpa comprou-lha Carlos numa viagem pelas terras altas e é com ela que a mulher afugenta os tornados, devolvendo-lhes o mal para que se comam a si mesmos.

Tudo está neste álbum de fotografias, dizia ela, o meu passado e o meu futuro.

Ali naquela, ainda tinha ambos os braços e agarrava-se a uma coluna de mosteiro. Noutra estava nua. A sua pele era branca, mas naquela outra já era verde porque nesse dia comprara um vestido de cor da erva. Ali, por exemplo, vestia calções, fora uma época de inquietação, houvera uma vaga de calor e tudo à volta dela morrera, cães, gatos, pardais, formigas, tudo. Fora muito difícil para ela. Tivera que iniciar tudo de novo, mudar de casa, arranjar outro espelho, um biombo.

Datava desse ano a morte de Carlos.

“Ele está aqui nesta fotografia rasgada, a fumar, com um cachecol, com o isqueiro ao seu lado, pousado sobre a mesa. Aconteceu um ano depois da morte, a fotografia foi mudando com os meses. Ao princípio era só ele, a olhar para as dunas, depois apareceu o fumo e só a seguir o isqueiro entrou na fotografia. Nesta sou eu, de óculos e ele atrás, a espreitar. O gesto que se vê entrou na fotografia uns anos depois. Era desejo dele que as suas fotos tivessem sempre dentro um gesto de mãos vazias.”

chegar junto do armário. Estende depois um tapete sobre as tábuas e é lá que se deita a ouvir o tempo. É nesse momento do dia que fala com Carlos e lhe vai contando as mudanças que a força dos seus olhos provoca nas imagens fotográficas. “O teu rosto está rejuvenescido, o teu corpo emagreceu, já consigo ouvir a tua fala. Gosto daquele casaco que usavas e do teu cabelo caído sobre a testa. As tuas fotografias estão a encher-se de emoções, notam-se ao fundo os livros, cada vez mais livros e tu a folheá-los, a arrumá-los.”

A mulher deixa-se entrar assim no seu silêncio, como se estivesse sentada numa pequena ilha, ao lado de uma cascata, e a chuva viesse bater-lhe no rosto, descobrindo um jardim a seus pés, com narcisos, talvez com um jasmineiro branco. É o momento em que Carlos lhe escapa. Ela procura agarrá-lo, como dantes, mas a sua força diminui, embora o seu corpo seja agora mais leve, sujeito ao peso de um só braço.

Esta mulher é vista entrando pelo frio com um álbum ao colo. Nunca poderá saber se Carlos a amava. Quando o matou esperava que ele confessasse esse segredo, como o fazem os moribundos chorando nas mãos de um frade. Mas o tiro abriu-lhe demasiado o peito e a sua voz enrouqueceu depressa.

- Há sempre um castigo para o mal, disse-lhe o médico, no seu caso vai ter que conviver com isso. Nunca aceitou que ele a amava porque entendeu que nenhum homem pode amar uma mulher a quem falte um braço, ou uma perna, seja o que for. Quantos homens não amam mulheres que não têm um rim, uma orelha, uma mão, um olho. O mundo é feito de defeitos, eu costumo dizer isto aos meus doentes porque gosto de brincar com as palavras. Mas é verdade. Imagine que encontrava um homem sem esófago. Que esse homem era um génio, compunha música, pintava, escrevia, imagine que ele era ainda por cima belo, um homem a quem só faltasse voar. Que mal faria que ele não tivesse esófago, no meio de um tal amontoar de qualidades. A senhora não se preocupe, isso de não ter um braço não é bem uma doença. Nem a culpa foi sua. Matou-o porque ele estava a querer ser morto. Queria acabar assim, com um buracão no peito, como no cinema. O Carlos era um herói, um actor que não morre nun-

ca. A senhora limitou-se a fazer uma cena como se rodasse um filme. Eu, por exemplo, posso chegar hoje a casa com um machado e enfiá-lo na cabeça da minha mulher. Porquê? Porque vi uma cena dessas num filme. Agora pergunto-lhe. A mulher do filme morreu de facto? Claro que não. O mesmo aconteceu com o seu amado. Matou-o, mas ele não morreu. Pense é que ele se ausentou para o estrangeiro, abandonou-a, é a coisa mais banal deste mundo.

#### IV

Todos os seus poderes nasceram dentro dela após a morte de Carlos. As imagens saíam do álbum como se a carne tomasse forma dentro da pele. Bastava olhá-lo ou tocá-lo com os dedos, acariciando o rosto do papel. Imagens que fluíam por entre as mãos e desciam até ao chão caminhando pelas tábuas da casa até entrarem na sombra, sem que ela as quisesse parar, porque era assim que construía a felicidade.

- Esses seus poderes foram consequência da perda do braço. Houve uma transferência, disse-lhe o médico. A senhora tinha um tumor que na altura se julgava maligno. Mas não, era benigno, foi um erro aquela amputação. É essa a força extraordinária que agora a senhora tem no cérebro. Passou do braço para o cérebro. Por isso não se espante quando diz que atingiu a felicidade total. A senhora tem um tumor no cérebro mas é uma coisa boa, ajuda-a a suportar esta vida. Nem toda a gente pode dizer que possui um tumor desses, uma espécie de talismã dado por Deus. Sei que é católica, está aqui na sua ficha. Então, deixe-se andar, não pense no Carlos. Neste momento, ele está feliz no Céu. Todos os homens que morrem por questões de ciúmes têm o seu lugar garantido ao lado de Deus. É essa a prática da paixão. O buraco que ele tinha no peito já está sarado, a bala foi extraída pelos anjos. Que quer que lhe diga mais?

#### V

- Não precisa de continuar a vir às consultas. Está curada, vejo pelos seus olhos, faz-lhe bem esse choro.

É uma mulher que aprendeu de facto a chorar. Um choro manso como se habitasse no domínio das ervas e as tivesse que manter vivas, rejuvenescidas dia após dia, batidas pelas lágrimas. E nesse choro havia mais do que um clarão, havia nele um cântico, um chamamento que ecoava pela terra, que descia para debaixo das plantas e se metia pelas raízes das árvores, até ao fundo das areias. Um choro que se construía a si mesmo como uma moldura de onde aparecia Carlos, vindo ao seu encontro, assim devagar pela porta da entrada, atravessando o corredor, como se as lágrimas dela tivessem desenhado uma estrada branca por onde ele caminhava ainda sonolento saindo da morte, respondendo ao seu apelo. Ele chegava e aos poucos as suas lágrimas iam secando, porque já o corpo dele se mostrava, inteiro e nu, preenchendo a casa como dantes. Rindo com os comboios, folheando os livros, dizendo que a água dos rios é o acontecimento mais invulgar das coisas terrenas.

“Foi estranho, eu a estender o braço na sua direcção e ele nem pareceu lembrar-se de que eu sofrera uma amputação, sem sequer se lembrar de que fora eu quem disparara sobre ele, deixando-lhe o peito queimado. Já chegaste, perguntou-me ele. Como se eu tivesse saído mais cedo do emprego, como se eu trabalhasse numa florista ou numa loja de roupa. Carlos, disse-lhe eu, não te recordas de nada?”

Uma mulher interroga um homem que minutos antes havia resgatado à morte, um homem sombrio que contempla os móveis da casa, os lençóis, os tinteiros, os livros. “Continuas com a tua obsessão por tinteiros”, disse ele.

“Que podia eu responder a um homem que surge assim no meu quarto e me atira para dentro da cama como se o meu corpo fosse um brinquedo, um pequeno invólucro de celofane. Carlos, disse eu a custo, a minha intenção não era matar-te. Mas ele não respondeu, o que quis foi envolver-me o braço, limpá-lo com um algodão, senti-lo com a língua e depois dispô-lo ao comprido em cima dos lençóis para o contemplar”.

“Gosto do teu braço, acho-lhe uma súbita beleza, como se alguém o tivesse pintado enquanto dormias. Há um calor que vem dele como de um foco. Gosto da veloci-

dade do teu corpo. Quando estás absorta a olhar para um quadro, esqueces-te de que seria melhor teres-te vestido, para que o sangue não corra deste modo no interior dos meus ossos. Não sei se o médico te explicou, mas uma das razões da minha morte foi a perfeição do espaço que existe no caminho entre nós dois, nesse trajecto”.

“Sim”, disse ela. “Quando vens ao meu encontro, uma paisagem constrói-se em segundos. Pode ser um campo de gladiolos, pode ser uma arena ou uma tábua com pequenos pregos virados para o meu lado. É uma visão assustadora. Mas o médico disse-me que isso fazia parte da felicidade, que só desaparece quando os corpos se despedaçam, quando os membros deixam de ser humanos para se transformarem em lodo e a cintura de um atravessa a cintura de outro criando uma zona de dor. O médico perguntou-me se eu sabia o que era o amor. E eu respondi-lhe, que não, mas que tu devias saber porque te via a pôr balas no cano da pistola assim que chegavas a casa. É o amor, o medo do amor, explicou-me ele”.

O médico falara-lhe de um doente que não era capaz de dormir com a mulher se não acariciasse uma faca, se não visse o brilho a cortar o tecto do quarto. E a mulher, perguntou Carlos. Entrava em pânico, desmaiava. E o homem? Abusava dela, claro, fazia-lhe o que queria. E o médico? Achava normal. A mulher acordava e não se lembrava de nada, porque o via sentado, a olhar pela janela, com uma parte do rosto iluminado pelos letreiros da rua. Adormeci, era tudo o que ela dizia, desculpa. Não faz mal, respondia o homem. E o médico insistia que era normal. Há casos assim e mais graves ainda, do homem que pendura metade da mulher numa janela, num vigésimo andar, ou de uma mulher que pede ao homem para lhe enfiar um balde na cabeça porque detesta o olhar dele. Tudo cenas de amor. E são felizes, assegura ele. Cenas que se passam à nossa beira, com os vizinhos. São pessoas que têm muito para dar aos outros, gente que não sabe onde foi buscar o desejo do mal.

“As pessoas são a coisa pior que há no mundo”, disse-me o médico, logo após eu te ter matado.

## VI

Uma mulher para quem o mistério pertencente à luz da manhã, estando Carlos naquele momento vivo e acordado contra o seu corpo, enquanto os reposteiros se abrem devagar comandados pelo vento suão, que endoidece tudo o que mexe à sua volta, afugentando as nuvens e os pássaros. Até que a noite vem de novo, sabendo-se de antemão que, por mais que a mulher mate o amante, ele renasce cada vez mais forte, mais duros são os seus músculos, mais longos são os seus cabelos.

“Carlos”, diz-lhe ela. E é a primeira vez que ri desde a sua morte. “O teu corpo tornou-se mais alto, o teu rosto e as tuas pernas, tudo está mais consolidado em ti, até os teus olhos, que eram parados, agora rodam sobre as coisas, amplificando-as. Pode ouvir-se o teu pensamento”.

A mulher fecha a paixão numa taça que destapa de cada vez que Carlos morre para sentir que existe uma pequena alma junto à água. Minúsculos peixes, insectos, algumas cobras, seres vivos que se alimentam desse desejo da mulher. O seu corpo adormece na água sob os juncos e as abelhas vêm pousar ali, nos seus vestidos, construindo os canais, libertando os fetos.

“É só disso que preciso para ser feliz”, diz Carlos. “Quando o teu corpo se transforma e eu já não estou ao pé de ti porque uma bala me trespassou, deixando-me o peito aberto, e as minhas mãos entram dentro de mim, encostando-se ao coração. Vejo-te ainda numa névoa, mas já as minhas veias estão longe, rodeadas de anjos, junto a Deus. Não acredites quando o médico te diz que Deus não existe, eu sei do que falo”.

Uma mulher procurada pelo que está dentro do Céu, assegura Carlos. Ele descreve-a quando volta para a morte e fá-lo com tanto amor que todos os do Céu querem fabricar uma imagem dela. Porém nem os pintores conseguem esse prodígio, mesmo fazendo uso das tintas mais perfumadas. E se há homens por quem ela seria capaz de morrer são os pintores. Por vezes é a música que a faz perder a noção do espaço que habita, mas foram quase sempre os pintores, na Terra, que para ela se aproximaram da perfeição.

Mas quem conhece então esta mulher? Talvez

Carlos dizia que não entendia o modo como ela sentia a música. Olha para a harpa encostada à parede da sala e parece-lhe que as cordas mexem ao sabor dos seus dedos mesmo sem eles lá estarem, como uma visão. Quando contempla as fotografias ela lá está, inteira, com os dois braços estendidos para as mesmas cordas.

Carlos morre no momento exacto em que ela encontra a felicidade total de que fala, ainda a vê nesse contentamento a chamá-lo, com o braço a despedaçar-se, parece que lhe sorri e que isso seria também a felicidade dela, mas já o seu peito fica desfeito pelo impacto da bala e os dois separam-se, no meio de um estranho sentimento de paixão.

-Penso que há um avanço na vossa relação, diz o médico à mulher. Dantes Carlos nem se apercebia de quem o tinha morto, era tudo tão rápido. Agora sabe, aceita e começa a gostar. Avista a luz que vem de si. Ouve o seu choro, o seu apelo e responde a esse chamamento. Não pense que é magia. É mesmo assim. Tudo tem a ver com a força que se dá às lágrimas. Eu sei que não é fácil aprender a chorar, mas a senhora conseguiu um prodígio. O seu corpo tem mais água do que o normal, não se assuste. A água é uma coisa boa quando nasce connosco. Basta que Carlos morra de novo uma dezena de vezes e que o seu regresso se torne tão rápido quanto o tempo que leva a bala no seu percurso até atingir o peito dele. Acho que devia aproximar-se mais, talvez colar-lhe a pistola ao peito e só então disparar, olhá-lo nos olhos para que ele entre no seu olhar e fique lá. Sei que tem poderes para isso. Vê-se no seu rosto, nessa torrente que tem dentro de si.

É uma mulher que procura em vão essa ternura, despindo-se contra as tábuas do chão, adormecendo com as mãos nos seios, à espera de que a sombra dele a venha encontrar, preparada para o seu regresso. Mais uma vez e os dois estão aptos para viverem de novo, diz o médico, visto que Carlos já perdeu o abcesso que trazia da última vez, e a febre já o abandonou. O seu corpo tornou-se imune. Todos os males carregam-nos agora os anjos. Mas esta sua última morte é ainda necessária porque nestas coisas há que ficar agradecido.

Sou eu que o digo porque sou médico e sei do que falo. É a despedida aos anjos, a última morte no céu. Mate-o com firmeza, sem culpa, com o máximo de doçura, para que ele possa ver finalmente o que o espera no regresso.

“O meu corpo todo”, pergunta a mulher.

- Sim, responde o médico.

E a mulher cantou ao longo desse dia como uma sibila. E esse canto foi pela casa fora, impregnou as paredes e as gavetas e todos os pedaços de cal tomaram um brilho idêntico ao dos seus olhos, desafiando o mal. E o seu canto misturou-se com o choro e veio um grupo de aves saudá-la pelas grades da janela, anunciando uma aparição.

## VII

Carlos chega da morte pela última vez, num dia em que o céu anunciou uma pequena chuva, tapando devagar o sol. O médico prometera estar lá nesse momento único em que o corpo dele se iria solidificar após uma viagem pela sombra. Não vestia uma bala, apenas um colete onde escondia os cigarros e um bloco. Como um amigo que procura saber se a ausência foi boa, se no outro lado do Mundo também há árvores e de que modo o choro dela lá chegava, se num ritmo harmonioso se numa melodia maligna. Carlos surgiu com uma luminosidade colada aos cabelos e demorou a encontrar o equilíbrio do corpo. Os seus braços estenderam-se para o centro da casa como se procurassem um abrigo, mas era o corpo dela que buscavam.

- Eis o sinal, diz o médico. É a cura, o momento em que poderá tornar a amá-la. Ela poderá ainda apontar a arma contra o seu peito, mas a bala não estará lá, somente o reflexo de um passado que ambos vão esquecer para sempre, como se não tivesse existido.

Como sabe isso tudo doutor?

- Não reparou como os cabelos dela se revolvem sozinhos quando está sentada em frente ao mar, questiona o médico. Sim, responde Carlos. E como os seus vestidos se mexem sozinhos como se quisessem tapar o sol? Sim, diz Carlos. Então significa que ela o elegeu para o corpo da sua paixão e agora que você cumpriu a sua última morte e o céu o atirou sem remorsos para o corredor da casa. Também ela, pela primeira vez, se vai mostrar por inteiro, nua, sem o braço, dedicadamente, no fim das  
**126** lágrimas, porque sabe que só assim é possível viver

dentro do amor. Então estamos curados, pergunta Carlos. Estão, assegura o médico, esta foi para vós a última consulta.

A mulher está inclinada sobre os livros e vai tirando as flores machucadas de dentro das páginas. Estas são as flores que eu colhi para ti ao longo das tuas mortes, diz ela, vou pô-las em cima da mesa. A mulher deita-se com o corpo ajeitado de modo a que as flores ocupem o lugar do braço ausente. Carlos vai ao seu encontro e repara nesse espaço, como se a mulher estivesse desenhada numa pintura. E está ali a paixão, naquela forma impura. Pela primeira vez ele sabe o aroma do seu sofrimento. Carlos confronta-se com a sede do Mal, agora ele, olhando para a pistola apontada, sabendo que desta vez o seu peito não irá ser despedaçado. A mulher deixa cair a arma. O rosto dela aquece. Com o seu único braço chama-o para dentro do corpo.

## VIII

Uma mulher com um choro persistente que vagueia agora junto ao corpo de Carlos, fazendo à sua volta um círculo de luz. Uma mulher dentro de um cerimonial antigo, onde os braços dele são já duas raízes que lhe prendem o peito e as lágrimas vão enchendo a casa, toldando as paredes para que o ar da rua não passe, nem o sol seque os seus olhos. Porque é daí, daquela cor vermelha roubada a um campo de camélias, dessa respiração interior, que lhe nascem aquelas lágrimas que o mantêm para sempre vivo dentro da cidade.



Fernanda Cachão **Dois contos de mentira  
e um de menina**

**Fernanda Cachão** nasceu em Setúbal, em 1970. Concluiu o curso do Centro Protocolar de Formação para Jornalistas e exerce a profissão desde 1990. Trabalhou no jornal “A Capital” e desde 1992 que é jornalista do “Correio da Manhã”. Colaborou n’ “O Jornal” e na revista “Pais”. Estreia-se aqui como ficcionista.

## I

### Os tios

A minha mãe deixou-me ali depois da porta, de mala na mão - ela que nem chegou a entrar - no meio deles, sorridentes, tranquilizando-a que fosse, que deixasse a menina. A menina que era eu, a fitá-la emoldurada pelas avencas na escada (se não queria porque me deixava?), a adivinhar o quê daqueles dentes certinhos que me brindavam. Os tios.

Percebi porque há pouco, sob a chuva, as botas de borracha ficaram aprumadas, sem cair em tentação nas poças de água - e eram tantas! - entre o autocarro da carreira e a casa dos tios. Certas seguiram, passo a passo, os passos de minha mãe.

- Onde vamos?

- Aos tios...

- Que tios?

Aos tios, tornava ela, calando-me com a voz da impaciência, ela que era tão paciente! Advinhasse ela que eu tinha razão em não os querer; tivesse visto que estavam dispostos a sugar a minha simpatia logo ali à chegada como se nada fosse o que bastasse.

- Não gostas dos tios? - É a velha que me afasta a franja do meu cabelo à tijela, vejo o baton que ela tem nos dentes. A mãe dá a mala ao tio, que agiota a recebe, e desaparece pelas avencas sem sequer se despedir de mim.

Estou sozinha. Sou pequena. Eu e os desconhecidos que me olham, que dizem ser meus tios, como se tal fosse o que bastasse. Agarro o peitilho da saia, a minha tábua. O tio enlaça a tia, enlaça-me depois a mim, a mão no meu pescoço. “Uma família!” E a tia relincha; satisfeita, tira do bolso um lenço e limpa o baton. Esquece-se dos dentes.

Desfaz-se a família. A tia vai à cozinha pôr o avental; o tio arrebatava-me ao colo para dar início ao rol de precauções e cuidados. Não mexer para não partir. Na casa.

A casa dos tios tem um gato que vive catando sol, em desespero, rente aos vidros das janelas. Tem uma Nossa Senhora de Fátima numa azinheira ao lado da televisão Phillips em que eu jamais poderei mexer. Fico sem saber se é pior partir a primeira, se estragar de vez o televisor que soluça. Quando isso acontece, o tio dá-lhe a porradinha que desalinha o naperon mas que sossega o Nemésio, a Alice e o Artur Agostinho.

Há muitos naperons em casa dos tios. Em linha nº 20, Coração ou Âncora, azul, cor-de-rosa, laranja, bege, todos feitos pela tia.

Exemplo dos azuis. Os porquinhos de loiça encimam o rebordo da chaminé, onde pende renda azul bebé. Da mesma cor, o que está por debaixo da torradeira metálica, do termo, do suporte dourado das chávenas de chá. O que baloiça do frigorífico - que escorrega lentamente por causa do motor - tem também azul, escuro, quase preto antes e depois do azul-bebé, alternando até ao piquê do rebordo, esse em branco. Assim é também o que está em cima da rádio-telefonía, o orgulho da cozinha, onde dois cartuxos alternam Amália com Demis Russos.

Há também muitas avencas, mais viçosas que as das escadas. Rompem a terra dos vasos para o gelo da casa que o tio ainda não quis comprar aquecedor. Uma maçada, diz a tia; a quem a obstinação obriga a carregar um braseiro dos tempos de menina de enxoval, transportando-o com ela, de um lado para o outro, como se fosse a única com mal de frio.

À noite, tiritante, sigo para a cama que me sobra pelos lados, depois de a tia me ter obrigado a rezar o pai nosso que estais no céu de joelhos nus no chão, em frente a um Jesus que mexe os olhos atrás de nós. É esse Jesus que olha para mim no quarto escuro, onde um jorro de luz, vindo da janela, banha apenas a sua cara como um holofote de circo quando o número é perigoso. Fico direita, sem me mexer, gelada numa camisa às rendinhas, sem cuecas porque “o corpo precisa de descansar”. Sem cuecas e Ele a olhar para mim, olhos abertos, acusadores, e imagino-o por isso zangado, mais ainda que eu. Quero explicações; quero que me expliquem a razão da tia; além da porta, algures na casa, imagino-a pinto calçado contra quem nem vento nem mar, nem fogo pode; porque bebe o mar, vomita a água, apaga o fogo. Tempestade nenhuma a travará.

O pensamento na minha mãe – olhos nos olhos d’Ele crucificado, fixo a olhar para mim. Sem desviar os olhos, teimo no medo, teimo nela que me deixou aqui.

De manhã estou em pé dentro da banheira, esfregada pela tia com um pano turco cravado nas unhas, entre a mão dela e eu. A tia canta e diz, diz e canta. “Estica as pernas, agora o rabinho...” O braseiro, aos seus pés, sopra com a água, queixa-se por mim.

A voz do tio por detrás da porta - “Vamos ou não vamos?!” . Que ele entra... Mas não entra. “Está lavadinha”, a tia que me faz saltar da banheira por cima do braseiro; que não seria possível mas salto; e oiço os passos do tio, depois o assobio que avisa os canários da alpista. Estou seca e coberta de pó de talco Johnson’s.

Apareço na marquise branca de talco, vestida de lavado. O tio assobia para os canários e os canários para o tio. Linda como o Sol, diz, pegando-me ao colo. Joga-me a cara nas grades da gaiola; pó da alpista e da porcaria seca levantam-se no ar; as asas dos pássaros aflitos; a cara de lua cheia à beira da gaiola, o cabelo à tijela, eu atemorizada.

- Assobia.

- Não sei.

- É assim. Junta os lábios num repolho, assobiando e soprando para a minha cara. O queixo parece uma casca de laranja, cizenta da barba. Como não tento –

que não tento! - agarra-me a boca e puxa-me os lábios com os dedos.

- Sopra!

- Não sei...

- Assim. E assobia outra vez, já não o trinado dos canários mas um assobio agudo de navio que perdura e os canários batem as asas por mim. Insiste. Puxa-me os lábios. Assim. Assobia. Puxa-me os lábios. Assopra, assim, puxa-me, puxa-me as lágrimas que eu não quero.

Não sou eu que choro.

A tia vem aos pássaros. O tio morde-me a palma da mão, na barriga do polegar – que assim já não sou filha desta família. Será que sou e se o for será para sempre? O gato passa, a tia atrás dele com o braseiro e o mal do frio. Eu já estou no chão; não sou eu que choro.

Enquanto engulo Cérelac com grumos que me fazem vómitos, oiço o passarinho dos canários: o saltitar que restolha o chão das gaiolas, o debicar nos comedouros, o marulhar nas banheiras de plástico verde todas iguais. Falam os tios mais baixo ainda, junto das gaiolas, que se sobressaltam. E a tia surge como se tivesse ela também um grumo de Cérelac na garganta, o braseiro tombado da mão, vazio.

Não vejo o tio durante algum tempo. Vejo o Vasco Granja na televisão, almoço só com a tia, silenciosa, que sorri às vezes para mim, me parte aos bocadinhos a carcaça, limpando as migalhas com a concha da mão, para a outra mão no rebordo da mesa, que me tira a colher e prova o meu prato, para abrir uma rosa na açorda, para soprar porque está quente.

À noite jantamos e já somos uma família outra vez, diz a tia quando o tio a enlaça pela cintura. Os dois debaixo da renda, dos porquinhos da chaminé. Ela limpa-me a franja da testa. Beija-me a testa. O tio morde-me a palma da mão e põe o cartuxo do Demis Russos na rádio-telefonía. "Godebai mai love, godebai" por cima do cartuxo, com os olhos fechados, braços abertos, pescoço inchado. Canta o tio.

Depois espalmo-me entre eles, frente ao televisor que soluça sem destino porque o tio dorme. A tia faz renda e eu miro a porta por onde a minha mãe devia aparecer. Quando os heróis do mar e o nobre povo cantam, a tia larga a

renda e levanta-se para calar o coração valente e imortal. O tio acorda, quer rezar o pai nosso mas não se ajoelha. Com ele de pé, corre a ladaíinha, sem se perceber palavra, o tio mais rápido que a tia. Amen; amen.

No quarto escuro eu e o Jesus de que já não tenho medo, ouvimos os tios conversar. Sem perceber de que falam, oiço silêncios, entoações. Mais alto, baixinho, quase que percebo, falam de mim?, não, mais alto, baixo, baixo. Baixinho.

Hoje não houve banheira mas bidé. Sou eu que ponho o talco, espremo a embalagem: a cara da tia entre a poeira branca. Quero repetir mas a tia tira-me o Jonhson's.

Ao pequeno almoço protesto a papa mal feita. Não presta, que não presta! Mas tia diz que é boa; o tio oferece-me açoitês; e eu fico o resto da manhã à volta com a Cerélaç no prato, gato de pêlo eriçado ao vômito. "Não te levantas daí enquanto não comeres tudo." Bruxa, odeio-te.

Ao almoço, eles comem, eu tenho plasticina amarela no prato. Fecho as mãos por debaixo da mesa, ameaço pancada, fecho a boca, mesmo se nunca mais comer. Os garfos rapam os pratos deles; os pássaros espalham a alpista. A tia suspira. Não te levantas, se não comeres, diz o tio. Engulo às pazadas a massa fria contra o sufoco, contra as lágrimas que a salgam. Saio da mesa, a transpirar.

O tio vem com um chorão para mim, um chorão em que é preciso bater para chorar. Bato, bato e vomito a Cerélaç por cima do cilindro das costas de onde sai o som. O tio grita para a tia, a tia grita para o tio que me deita na cama e se deita comigo. Não quero a papa, o chorão, a cama e o tio mas ele morde-me a mão, diz que sou a sua menina, que a tia é má. Mas não é; agora quero a tia. A tia que não se mexe, encostada na ombreira da porta do quarto com o boneco sujo na mão.

Quando acordo, dorme o tio a meu lado. O braseiro da tia aquece o quarto mas ela já não está lá.

Em cima da mesa da cozinha estão as banheirinhas verdes dos canários alinhadas como os vagões do meu comboio preto a pilhas. Com uma garrafa, a tia enche-as, uma a uma, com cuidado para não pingar a toalha. É diluente, diz ela, sorrindo, mas eu não sei o que seja diluente e fico a vê-la, a encher as banheirinhas, uma a uma.

- Nunca quis filhos, o tio.

Nunca quis filhos o tio que dorme no quarto do Jesus, enquanto ela enche de diluente as gaiolas dos pássaros do assobio.

Vou-me embora; vou buscar o boneco que já não chora e sento-me de costas para o Jesus, nos pés da cama onde ele ressona.

Está o telejornal na televisão, quando o tio abre a porta à campainha. A tia pinta a boca de vermelho. Ergo o braço, toco na Phillips, na nossa senhora, antes de sair. A minha mãe e já não ouço os pássaros.

## II

### O pai

Dentro do quarto da mãe está um homem. É o pai, disse-me ela ontem de joelhos, enquanto me fazia tranças.

Oiço-os. Mexem-se. Falam, a voz dele, mais forte, ela ri. Falam de mim. Falam de mim porque oiço o meu nome mesmo que ela tenha fechado a porta do quarto.

Ela nunca fecha a porta do quarto. Deixa-a sempre aberta porque assim estamos mais juntas. Mas ela hoje só aconchegou a Laurinda ao meu lado, como de costume, e deixou a luz acesa na mesa de cabeceira, alumando-me trancada, e a conversa deles, em carreiro, pelo buraco da fechadura.

Ela ri.

Ontem só sorria, enquanto me entrelaçava as tranças e me dizia que não, que o pai vem ter comigo, que vem de muito longe. “Muito looonge”. E eu que não, que não tinha pai, que estava com os anjos, ou na fotografia, que somos só nós as duas, de portas abertas à noite para estarmos juntas.

E ela de pé – “Isso era dantes”. Não é dantes, é agora, sempre, só nós duas, porque nunca houve pai. E a trança ro-dopiando o cabelo para fora.

Falta o lenço, olha que se desmancha. Ela diz deixa e teima - o pai vem amanhã. Para o pé das duas, que há as

Mas o pai está nos anjos, não há, não existe. Está nas fotografias e no pai nosso à noite, quando se pede ao pai, que não há, nunca houve, que tome conta de mim. Ela disse-me sempre assim – o pai com o pai nosso, no fim da reza, à noite e nos álbuns de fotografias. O pai abraçado e beijado, o pai do porta-retratos, com a farda de soldadinho, de pé, a rir, ao pé das árvores, a rir para mim. O pai com os anjos por salvar pretinhas como a minha, a minha Laurinda linda, Laurinda de Natal.

Eu arrecado o ranho, falta o lenço, mas ela diz que se não me calo nunca mais me faz tranças, que me arrependo. Encosto a testa na parede, escorrego pelo azul do corredor, fita cerrada no punho, olhos nos sapatos de verniz domingueiros – que a mãe está a provar-me roupa. Quero tranças porque a mãe faz-me sempre tranças, ainda que sejam muito difíceis, que tenham de ser muito apertadas e com cuspo porque o meu cabelo não dá.

Eles riem-se no quarto. Abrem a porta, oiço passos; luz pelo buraco da fechadura. Fecho os olhos, com força. Porque durmo! Faço de conta mas a porta volta a fechar-se. Fico a ouvir a água a correr no autoclismo. Que não vou adormecer, nunca mais vou dormir. Porque a porta está fechada e eu não durmo assim. Nunca durmo assim. Laurinda linda, linda...

De manhã, traz-me a Cerélac no prato de alumínio mordido pelo lume. No tabuleiro, um beijo. A mãe, a minha mãe vestida, toda vestida, sem o robe rosa de bolinhas, meu manto de princesa.

Canta baixo o nãnaaaã dela, sentada na cama, saia de tweed, camisola de lã. Assopra a papa. Canta.

No porta-retratos, o meu soldadinho; a preta Laurinda caiu da cama. Na mesa de cabeceira, com a santinha, o porta-retratos. E ele aparece mudo, sem farda, sem ser no retrato; entra. Já não como, já não quero comer.

O porta-retratos na mão dela. Diz: “Vês?”, sorrindo ao homem que entra no meu quarto, que se senta na beira da minha cama, que lhe passa a mão pelos ombros, que segura na manga do meu pijama.

Puxo o braço, o pijama que é meu, rebolo para o outro lado, para o chão, o retrato em cima dos lençóis e o homem que me agarra, ela que me agarra. “Olha o pai...”

O pai está ali em cima da cama, no porta-retratos da mesa de cabeceira. O outro beija-me a mão, que não larga, mas não tem farda; não pode ser o meu pai.

Limpo a mão, atrás das costas, no pijama. Não quero, não o quero em cima da minha cama, mas ele não sai.

Não quero e fujo do quarto, que é meu e onde ela também está. Que fique para sempre, com aquele que não é o do retrato, que não pode ser o do retrato, porque não quero, porque não é parecido, porque não é o meu pai. Que ela fique que eu fecho a despensa. No escuro e berro mais alto que posso, não oiço, não cheiro. A caixa das batatas, o bacalhau pendurado.

Já há luz na despensa. Os sabonetes Lux, as latas de Cerélac, os pacotes pardos de açúcar. A panela de pressão, os tupperwares, no chão. Faço um castelo, uma fortaleza, desfaço-os a pontapé, deitada no chão.

Mas de novo no corredor, do amuo e de não ter tranças. O retrato na mão dela, que tem o cabelo arranjado aos caracóis mas desistiu das minhas tranças. Que se enganou; que o pai foi para a guerra mas que não morreu. Só deixou de escrever. Que não morreu por causa das Laurindas, lindas e pretinhas como a minha.

Eu a olhá-la, a um canto, olhando-a a falar. Que as mães também se enganam, que ela se enganou, que o pai, afinal, sempre vem. “O pai vem amanhã, para nos dar beijinhos.”

Saio da despensa. Não se ouve nada. Chinelo pela passadeira verde do corredor, que se contorce, chinelo e entro na cozinha. Corro, entro na cozinha mas ninguém está lá. O leite foi por fora, rendilhou o fervedor no fogão.

Volto pela passadeira, corro pelo corredor. Caio. Levanto-me. Na sala, eles estão os dois. Ela está lá e faz-lhe festas; estão no sofá. A cabeça dele no colo dela.

Esfrego o braço da queda, que me dói, mas fico na porta. “Caíste?”, pergunta mas não se levanta. Que dói, dói muito. Muito. Ele pergunta se fez “dói-dói”. Que não, que não fez ferida. Que ele não sabe, de nada.

Regresso pelo corredor com o meu choro. Ela vem atrás de mim. Diz que pronto, que me põe mercurocromo, **138** vermelho no osso dorido do cotovelo, para consolação.

“A mãe enganou-se. O pai nosso tomou conta do pai e a mãe não sabia. O pai nosso guardou-o e não disse nada. E agora o pai voltou e está triste porque tu não o queres...”

Quero que fuja, que desapareça, que a minha mãe me faça tranças, as duas sozinhas, que as portas fiquem abertas, que ele fique no retrato, soldadinho a rir-se para mim. E abraço-a que é minha e puxo-a e dou-lhe beijinhos; e sujo-lhe a camisola de lã branca de mercúrio. Vermelho.

Choro, aflita, por causa da mancha, porque lhe sujei a camisola. Esfrego a nódoa com cuspo na minha mão. (Já não sai, eu sei que já não sai). A mãe diz que não se zanga, que não faz mal. “Está ali o pai.”

### III

#### Primeiro de Maio

Toda a gente canta e eu também; tento acompanhar cantigas que desconheço. O pai desafina, guina o volante. A mãe apura a voz, sobressai a dela de todas: as outras vozes, a irmã dela, minha tia, o meu tio, marido dela.

Estamos num mini azul por uma estrada.

Espalmo-me no banco traseiro da noz, entre as duas, tralalalá, olhando-as; a minha tia inchando o peito sob a blusa justa, afinando com discríção. Bailo a cabeça e os pés, a compasso, a cara escalda-me. Todos cantam cantigas que nunca ouvi. O mini buzina.

O pai pára o carro, na esquina de um prédio, sobre o passeio. Sai apressado; contorna o mini, abre o porta-bagagens; todos se viram, olhando-o. Tira bandeiras e um pano que abre sobre o capô como se fizesse a cama. O tio sai a fazer ginástica, a mãe sai para ajudar a entalar o lençol velho, com letras pintadas a tintura de iodo.

O tio saltita, imita um tenor. O lençol escorrega outra vez, incha no ar, numa ponta segura a mãe, noutra o pai. Sobre o pano firme, sobre a chapa azul do carro, vejo um beijo.

São os meus pais.

O tio cantarola ‘l’ amore, l’ amore’, saltita como uma bailarina trôpega, repenica a boca na palma da mão. “Kisses for my sweet, sugar for my honey...” grita a tia dentro do carro. O meu pai agarra as orelhas do tio e beija-o na testa.

E o mini-noz está de novo em movimento – cessam as cantigas, falam de direcções, de propósitos, a minha tia pergunta se eu deveria estar ali. A onda de protestos solta o ar no meu peito. Sossego quando oiço o pai dizer “até vai pegar numa”, pondo a haste metálica da pequena bandeira de papel vermelho entre os dentes.

“Aqui vamos nós”, determina a minha mãe, bate palmas. “Se tu visses o que eu vi, à porta do tribunal, as cuecas do juiz embrulhadas num jornal...” E eu olho-a a cantar “como os meninos da rua” que ela não quer que eu cante.

Chegámos. Chegámos porque eles o dizem, “chegámos”. Sentado numa árvore, um homem de camisa amarela grita, os punhos pelos braços erguidos, pendendo desabotoados, agitando-se a cada palavra que não percebo porque o ruído ali se tornou grande. O meu tio reaparece pela janela do carro. Grita, rouco, ele – “Os gajos estão ali, pá!”

Antes da meia volta dá um beijo furioso à minha tia que se agita, fugindo – “Chaimites! Chaimites, lembras-te mana?!” E eu procuro o que aquilo seja, sem nada ver que aparente. Sem nada ver porque a minha mãe grita, porque concorda com ela.

Esborracha-me a minha mãe num abraço, rindo-se trauteando o que há pouco afinava. E vem o meu pai; arrebatam-me aos ombros e rio, agora, mais alta que a maioria, mais perto do homem de amarelo.

Marcho, furo, marcho, avanço para longe do carro, da árvore onde estão dois punhos de camisa. E alguém abraça já o meu pai, prendendo-me as pernas num torniquete entre dois corpos. Sinto que caio do meu poleiro, de cima do meu pai.

Sou reenviada de ombros em ombros, de colo em colo, atirada ao ar, remexida, revirada, beijada em, afinal, poucas mãos.

Oiço o meu nome de bocas estranhas. De uma mulher-balão de cabelo curto imenso, em direcção ao céu. De um barba rija que ri abrindo o nariz. Do que abraçou o meu pai, tão alto como ele, camisa aberta no peito,

o que esteve “lá fora”, também como o meu pai. E que se voltam a abraçar!

E uma outra ainda, a que dá a mão ao rapaz que grita “embora, embora!”

E vamos. O meu pai e eu – com o meu tio que chega e que me puxa. Corro de olhos fechados para não ver quem não evito. Braço levantado.

Chego junto da minha mãe que me aperta e despenteia. Tenho o coração aos pulos. Nos meus olhos a blusa dela, dióxido de carbono no meu nariz; os carros como um trovão.

E de novo no mini, o meu tio senta-me à frente, ao colo. Ponho as mãos no tablier, o pára-brisas a dois palmos. Escarranchada na perna dele, as minhas pendem como se de um cavalo.

Buzina o mini, avançamos, devagar, buzina o nosso mini mais do que os outros carros. Que chinfrim! Tanto. E o homem de amarelo na árvore aparece além do pára-brisas; corre sem destino; fixa-me de mãos no ar, punhos ondulantes.

A tia pede para sair. Corre, grita coisas que não percebo. Tropeça, avança, desaparece. Olho sobre o ombro do meu tio para me certificar da mãe mas a mãe desaperta a blusa, arregança as mangas, às gargalhadas. E rio eu também.

Sobre o capô, o nosso pano incha como uma vela.

O tio ergue-me pela janela; o tio pega-me pela cintura; o tio joga-me lá fora. Troveja nos meus ouvidos; cega de tanto barulho avisto a mulher-balão. Que me acena, agora, além do outro lado do tejadilho.

Tenho uma bandeira como a dela, vermelha como as demais. Tantas que só se vêem pela cor. A saia arregaçou-se-me à cintura, empurrada pelas mãos que me seguram. O carro já não avança. É tanta a gente!

O mini ficou lá atrás. Sigo às cavalitas do meu tio, mão na mão erguida de minha mãe. O pai avança à frente com o lençol velho do capô amarrado ao pescoço. As letras a iodo unidas, sobrepostas pelas dobras da capa. Grita, mãos no ar ao lado de outro homem de bandeira e cravo na mão, daqueles que a minha mãe traz pendurados atrás das orelhas.

Ponho a haste de metal na boca, primo vezes e vezes os ouvidos - a troada intermitente como o aviso de uma ambulância. Pisco com força também os olhos e um

após outro, um retrato. O pai ondula a capa; negro; a mãe corre; negro; beijam-se na boca; negro; berra, catadupa, berra um homem; mexem-se bandeiras em desconcerto; perde-se a gente, tanta gente!; a mãe às cavalitas, mais adiante, tão à frente, está aos ombros de alguém; acena a mãe; negro; não é para mim. Negro.

O tio agita convulsivamente os ombros – está de punho erguido à altura do meu nariz. “O povo...” e eu não percebo o resto. Agarro-me ao queixo, deixo cair a bandeira que a tia apanha. Está aqui ela, novamente; traz um pano vermelho e verde que roja pelo chão.

Um menino às cavalitas grita, pula.

Fico no chão entre toda a gente, a andar para o mesmo lado. Remar, remar, remo. O tio distribui cravos. A marcha pára, a multidão agita-se. Recolhem-se bandeiras, erguem-se outras. O tempo encobre entre a gente mas o homem que chegou beija outro num abraço. “Unidade.”

Sapateio esquiva a outros pés. Agarro-me à camisola do tio, tanto que os meus dedos se enlaçam pelas malhas. Pisam-me, empurram-me, tropeço, pendo presa por um braço da camisola dele que me salva, saco de mercadorias, sobre o ombro. Onde estão os meus pais?

“Unidade” – canta o coro. Ensaio o refrão mas tenho o ombro do meu tio no estômago. Não consigo.

Chega a minha mãe, que me toma ao colo, sobre a sua cintura enlaço as pernas, os braços no pescoço. Estamos todos juntos outra vez. Não há carros na rua, só gente que marcha e avança. Que grita e de novo gargalha.

Canalha que empurra, que avança. Em frente, em frente.

Face encostada à de minha mãe, cheiro-lhe o cravo atrás da orelha. E atrás de nós, uma velha que berra, desgrenhada, um barbudo que canta. O pai na mãe, com o braço pelos seus ombros, olha para mim.

Uns pelos outros. Multidão. Gritam coisas que não entendo. Gritam como os meus pais aqui, uns nos outros mais adiante.

Estamos no mini azul por uma estrada, no regresso.

**142** Todos falam e eu tento: a minha voz mais alta que as

outras. Tanta coisa para contar! Tanta coisa para gritar como os outros, todos, tantos, há pouco.

O capô do carro já não tem vela; está dobrada ao colo da minha mãe. Na minha mão, uma nódoa cinzenta cheira a metal – a haste da bandeira, que abano, abano. De um lado ao outro, até o papel vermelho escorregar laço e cansado sobre o meu punho. Depois ao contrário, abano, abano. Pego na outra ponta da haste, abano, abano. De um lado ao outro, até cair, escorregar, novamente o rectângulo vermelho sobre o punho. Grito unidade, unidade. Aprendi unidade. Rio e abano a bandeira, a minha bandeira, o meu cabelo, as minhas pernas. Salto, apertada mas salto. Salto no banco de trás, entre a mãe e a tia. “Unidade, unidade, unidade!”

Arrancam-me a bandeira; um grito; que deixou de ser próprio.



Pedro Mexia **Siena**

**Pedro Mexia** nasceu em Lisboa em 1972. É Licenciado em Direito pela Universidade Católica e frequentou o Curso de Mestrado em Estudos Americanos na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. É colaborador do DNA ("Diário de Notícias"), onde escreve sobre livros. Organizou uma "Antologia da Novíssima Poesia Portuguesa", publicou três "plaquettes" de poesia e ainda "Duplo Império", também poesia.

Seguiu pela rua com o papelinho em que es- crevera a morada. A loja ficava numa zona da cidade onde havia pequenos antiquários e alfarrabistas de temas históricos. A rua, fechada ao trânsito, era estreita e molhada. Os letreiros tinham cores e formatos diferentes, e lembravam os bairros de comércio dos países nórdicos. Ela estava com pressa, e nem parou para as montras. A loja de fotografia, minúscula mas de um amarelo ber- rante, fazia-se notar num extremo da rua. Conferiu o nome e a morada no papel e entrou.

Uma campanha tilintou.

- Bom dia.

- Bom dia. Eu li um anúncio da vossa loja no jornal e trouxe uma fotografia.

- Para apagar?

- Sim, para apagar.

- Tem sido dos serviços mais populares. As pessoas nunca querem as suas memórias intactas.

Ela abriu a carteira, tirou o envelope com a fo- tografia, e pô-lo em cima do balcão. O homem, cin- quentão e com um cabelo muito preto, abriu o envelope e olhou um bocado para a fotografia.

- Siena - disse.

- Sim - disse ela, surpreendida - Conhece?

- Já lá estive, há muitos anos. Se bem percebo, é para eliminar o cavalheiro.

- Exactamente.

A fotografia mostrava um casal (ela e um homem mais velho) sentado no muro de um miradouro. A cidade por trás mal se distinguia, a não ser por algumas torres e a catedral. Ele tinha a mão por cima dos ombros dela e ela tinha a cabeça deitada no ombro dele. Ambos sorriam. Estavam vestidos com roupas leves e ele tinha um chapéu de palha. Olhando para a mulher, o fotógrafo imaginou que a fotografia fosse de há sete ou oito anos. Tinha sido tirada por um amador e estava um pouco desfocada.

- A minha dúvida - disse ela - é a cabeça. Está tombada, e se se apagar a outra pessoa fica numa posição bizarra.

- Talvez não, porque como está a sorrir para a câmara podia estar a inclinar a cabeça de propósito, por brincadeira. O pior é a sombra do chapéu, mas penso que não deve haver problema. Posso fazer uma pergunta?

- Quem é o homem...?

- Não, de todo, isso não é da minha conta. Por que é que quer preservar uma fotografia desfocada e pouco interessante? Sem a presença da outra pessoa, não valia mais rasgá-la?

- Talvez. Mas a fotografia lembra-me um período muito bom da minha vida, mesmo se está mal tirada. E eu não me quero esquecer desse período. Só me quero esquecer dessa pessoa.

- Compreendo. Há mais alguma foto?

- Não, só essa. Os negativos estão no envelope.

O homem voltou a guardar a fotografia e começou a preencher um impresso. Perguntou alguns dados à mulher, rasgou o impresso do caderno e deu-lhe um duplicado. Pegou no envelope e no impresso e meteu-os num envelope maior onde escreveu qualquer coisa. Depois pediu licença, afastou

uma cortina e entregou o envelope a uma rapariga de bata branca que estava sentada a uma secretária na sala contígua. A mulher ouviu a rapariga dizer “segunda-feira” e depois o homem voltou ao balcão.

- Segunda-feira está pronto. Em geral é mais rápido, mas a minha mulher está doente, e ela é que trata disso.

- Posso fazer uma pergunta?

O homem sorriu e disse:

- Faça favor.

- Foi o senhor que escreveu o anúncio que vem no jornal?

- Sim.

- O anúncio impressionou-me muito. Eu nunca tinha ouvido falar em apagar fotografias e fiquei a pensar que fosse um método impossivelmente caro. Mas no anúncio dizia que era acessível e dizia sobretudo: “escolha as suas memórias”. Pareceu-me uma frase fantástica.

- Sim, tem resultado - riu-se ele. E depois a sério - O que está ao nosso alcance mudar, se for para nos poupar sofrimento, devemos mudar. Mesmo que seja mentira.

- Mesmo que seja para apagar uma mentira?

- Apagar uma mentira é uma mentira.

Ela olhou para o homem, muito calmo e de olhos claros.

- Lembrei-me agora de que na segunda não posso. Será possível pagar já e enviarem-me a fotografia pelo correio, ou é muita maçada?

- Não, fazemos isso muitas vezes. Mal esteja pronto enviamos-lhe o trabalho pelo correio.

- Obrigado.

O homem sorriu. À saída a campainha voltou a tocar.

Na noite de segunda para terça-feira ela dormiu mal. Sonhou com o homem da loja que, de olhos muito claros e cabelo crespo, dizia frases terríveis e dançava.

Levantou-se muito cedo, como de costume, fez ginástica, tomou duche e ouviu as notícias na rádio. Depois tirou várias frutas do frigorífico e começou a fazer um batido.

O telefone tocou.

«Olá, sou eu».

«Bom dia. Alguma novidade?»

«Nada de especial. A tua aula de amanhã foi desmarcada. E já cá tens os testes para corrigir».

«Está bem, eu passo por aí hoje à tarde».

«O teu fim-de-semana correu bem? O meu filho mais velho viu-te».

«Sim? Não o vi. Eu não me estava realmente a divertir, sabes? Só estava a fazer de conta.»

«Somos amigas há suficiente tempo para não estares com eufemismos. E a tal história da fotografia?»

«Fui lá a semana passada, atendeu-me um homem estranho, filosofante. A loja fica na rua dos antiquários».

«Nunca dei por isso. E quando é que está pronta?»

«Devo estar a recebê-la. Eles mandam-me pelo correio.»

«Achas que é sensato?»

«Sensato? Meu Deus, é apagar uma fotografia, não é cometer um crime».

«Matar alguém que não está morto é cometer um crime».

«Mas ele está morto. E eu não quero falar disso».

«Pronto, tu é que sabes. Quando vieres cá a casa podes trazer-me o álbum do Caravaggio?»

«Isso não é grande mudança de assunto».

«Que é que queres, foi por associação de ideias. Mas é que preciso do álbum para o meu curso das quintas-feiras».

«Está bem, eu levo-te o álbum».

«Só para encerrar o assunto, depois mostras-me a fotografia, está bem?»

**150** «Se prometeres não me chatear com isso.

Olha, o correio está a chegar, já vejo a bicicleta do rapzinho».

«Tão cedo?»

«Eles começam a volta por aqui».

«Então vai lá e contas-me pelo telefone».

«E ficas aí pendurada?»

«Vá lá, estou curiosa. Esses crimes para mim são novidade».

«Está bem, volto já».

Ela vestiu uma camisola por cima da t-shirt e saiu à rua. Estava um tempo fresco e um pouco húmido. O rapaz, ainda um adolescente, conheceu-a.

- Bom dia.

- Bom dia Miguel. Alguma coisa para mim?

Ele abriu a sacola e tirou de lá várias cartas que começou a escolher.

- São estas três - e entregou-lhe duas cartas e um envelope maior.

- Obrigada - disse ela, e sorriu.

«Então?»

«Já cá está. Estou a abrir o envelope neste momento».

«Dá a sensação de que é uma coisa proibida, não dá?»

«É verdade. Mas... O...»

«Laura? O que foi?»

«...»

«Laura? Laura?»

«Sim...»

«O que se passa?»

«Não sei, não faço...ideia. Como é que...isto...»

A fotografia mostrava um homem sentado no muro de um miradouro. A cidade por trás mal se distinguia, a não ser por algumas torres e a catedral. Ele tinha um braço estendido e sorria. Estava vestido com roupas leves e tinha um chapéu de palha. A fotografia era de há sete ou oito anos. Tinha sido tirada por um amador e estava um pouco desfocada.



*Tornou-se comum ouvir dizer que não há em Portugal uma tradição de escrita e publicação de contos. Não havendo tradição, os editores consideram um risco publicá-los, e assim, parece que não há quem os escreva. A iniciativa da criação de uma revista literária exclusivamente dedicada ao conto procura romper este círculo infernal, abrindo um espaço que possa relançar o conto como género literário específico. Hoje, como ontem, a publicação em revista é o primeiro passo para muitos escritores, nos Estados Unidos ou em Inglaterra, depois de ter sido a forma privilegiada seguida por autores hoje já clássicos no género, como Tchekhov, Maupassant ou Poe.*

*No seu primeiro número, FICÇÕES inclui um conto de Edgar Allan Poe, "William Wilson", em nova tradução; "Um homem célebre" de Machado de Assis; uma das primeiras histórias de Tchekhov, "O beijo", traduzida do original russo; e um dos últimos contos de Svevo, "O meu ócio". De Paul Auster incluem-se os pequeníssimos contos "Porquê escrever?", inéditos em Português. Agustina Bessa-Luís escreveu "O rato" para a FICÇÕES e Jaime Rocha "A mulher que aprendeu a chorar". Fernanda Cachão estreia-se como ficcionista com três pequenos contos e Pedro Mexia enviou "Uma fotografia".*

